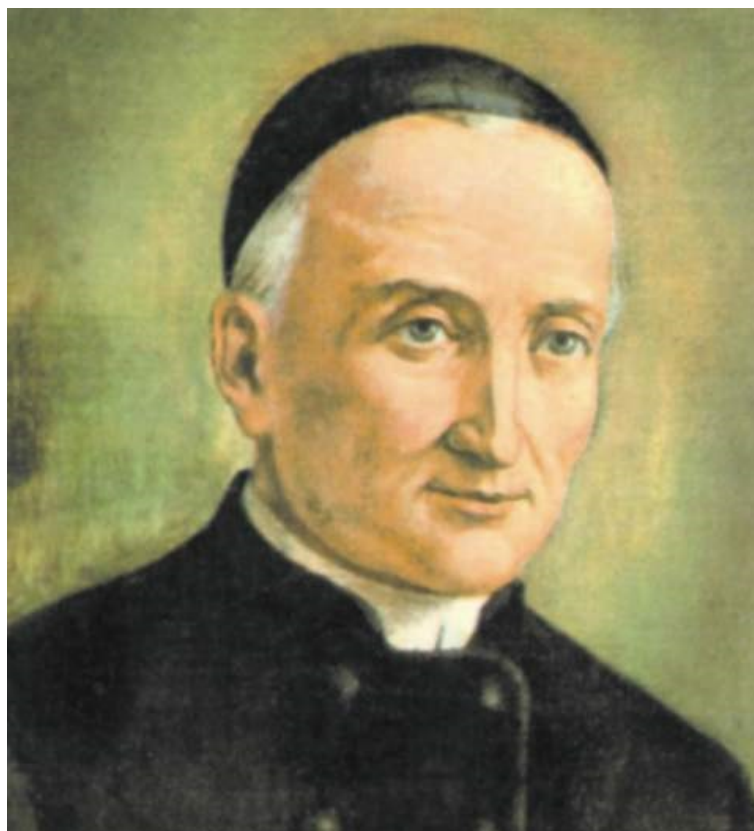


Pe. Inácio Bonetti

**Na Escola de Deus
com São Gaspar Bertoni**



Espiritualidade

1993

Título Original:

**Alla Scuola di Dio
con S. Gaspare Bertoni
Note di Spiritualità**

Autor:

**Pe. Ignazio Bonetti, css.
Superior Geral**

Tradução:

Pe. Benedito A. Bettini, css.

Nada obsta:

**Pe. José Luiz Nemes, css.
Superior Geral
Roma, 15 de abril de 1992**

Imprima-se:

**D. José Lambert, css.
Sorocaba, 24 de julho de 1992**

Edição Impressa:

**Gráfica e Editora Regional Ltda.
Brasília, DF (1993)**

Edição Eletrônica:

**Tereza Lopes
Flórida, EUA (2026)**

ÍNDICE

Apresentação	10
Abreviações	13
Traços Biográficos	14

PRIMEIRA PARTE : CRISTO VIVE EM MIM

I. CRISTO CAMINHO, VERDADE E VIDA 20

1. O objetivo essencial
2. "Seguir a Cristo a custo da vida"
3. Radicalidade evangélica e solidez
4. "Fazer em nós mesmos uma imagem de Jesus Cristo"

II. A PALAVRA DE DEUS: REGRA DE PENSAMENTO E DE AÇÃO 23

5. "Cristo, Verbo de Deus, Luz que ilumina todo homem"
6. Ouvintes da Palavra
7. A Palavra de Deus e o caminho da vida cristã
8. "Os livros da Escritura e dos Padres sempre entre as mãos"
9. Como ler a Bíblia

III. O BATISMO E A VIDA ESPIRITUAL 26

- 10.. O Batismo: sinal de Cristo morto e ressuscitado
11. O Batismo e a morte ao pecado
12. O Batismo e a ressurreição para a vida nova
13. Todo batizado é chamado à santidade

IV. A PENITÊNCIA 30

14. "O Batismo trabalhoso"
15. "Uma mensagem solene"
16. "O fruto delicioso da penitência"
17. "Doce esperança e segura confiança".
18. "Nenhuma angústia para se confessar"

	V. "O MANÁ CELESTE"	34
19.	"Vide e comei "	
20.	"DISPOSIÇÕES DIVINAS PARA UM ALIMENTO DIVINO"	
21.	"A delícia mais feliz do coração"	
22.	Eucaristia e contemplação	
23..	Eucaristia e vida	
	VI. O ESPÍRITO SANTO E A LEI EVANGÉLICA	38
24.	"A presença do Espírito Santo"	
25.	"A graça do Espírito Santo"	
26.	"A beleza da graça"	
27.	"As divinas inspirações"	
	VII. INICIATIVA DIVINA E CORRESPONDÊNCIA HUMANA	41
28.	"Temo que Jesus passe adiante."	
29.	"Vontade, não veleidade"	
30.	"Vigiai e orai"	
31.	"Na escola de Deus"	
32.	"Progredir sempre"	
	VIII. PROGREDIR, DE VIRTUDE EM VIRTUDE	44
33.	"Crescer na virtude com toda diligência"	
34.	"Os caminhos estreitos da virtude"	
35.	"Bem-aventuranças evangélicas: as virtudes mais excelentes"	
36.	"O segredo dos santos"	
	IX. A ORAÇÃO: "DA VIDA À PAIXÃO, À RESSURREIÇÃO DE CRISTO"	48
37.	"Com Cristo, por Cristo e em Cristo"	
38.	A sabedoria da Cruz	
39.	Uma pedagogia da cruz	
40.	"OLHAI este corpo dilacerado pelas feridas!"	
41.	"A compaixão não deve terminar toda no pranto"	
42.	"Imaginali vê-Lo todo vivo e luminoso"	
43.	"A vossa vida está escondida com Cristo em Deus"	

	X. A DEVOÇÃO AOS SAGRADOS ESTIGMAS DE CRISTO	53
44.	Um título, um programa	
45.	Uma devoção vivida	
46.	Uma devoção fecunda	
47.	Uma devoção atual	
	XI. O SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS	57
48.	"O símbolo mais feliz do amor"	
49.	Responder ao amor	
50.	"Contempla este meu coração"	
51.	O Sagrado Coração e o empenho apostólico	
	XII. O DIVINO ESPOSO	60
52.	O Sangue de Cristo e aliança sponsal	
53.	"A esposa amadurecida na escola do amor"	
54.	"Um mesmo espírito com o esposo"	
55.	"Purificai esta alma, para fazê-la uma digna esposa vossa"	
56.	"Eis a escola, eis o Mestre"	
57.	"Procuradores das nupcias de Cristo com a alma"	
	XIII. OS ESPONSAIS DE MARIA SSMA. COM S. JOSÉ	64
58.	"A nossa alma comporte-se com Cristo Esposo como Maria com José"	
59.	"Ter sempre diante dos olhos Maria e José"	
60.	Os santos Esposos e os "Bons cônjuges cristãos"	
61.	"Felizes os convidados à ceia nupcial do Cordeiro"	
	XIV. "CRISTO OS ESPERA, MARIA OS CHAMA"	68
62.	"Jamais perder Maria de vista"	
63.	"Maria medianeira para se aproximar do seu Filho divino"	
64.	"Bom dia, minha Mãe!"	
65.	"Os frutos do Rosário"	
66.	Maria e a formação cristã dos jovens	
67.	"Viva Jesus, Maria, José"	
	Notas da primeira parte	74

SEGUNDA PARTE: TUDO PELA IGREJA

I. O MISTÉRIO DA IGREJA 87

- 68. A Igreja esposa de Cristo
- 69. "A Igreja unida ao esposo crucificado na obra da salvação"
- 70. A Igreja unida a Cristo na formação dos seus ministros
- 71. O Espírito Santo, alma da Igreja
- 72. A serviço da Igreja para a comunhão e a missão
- 73. Um Instituto dedicado ao serviço da Igreja pela Comunhão e Missão

II. COM O PAPA, PARA A UNIDADE DA IGREJA 92

- 74. "A unidade é a força invencível da Igreja"
- 75. A "Primeira pedra" fundamento visível da unidade
- 76. Fidelidade inabalável ao Papa
- 77. Lutar e sofrer pela unidade
- 78. As raízes da unidade: humildade e obediência

III. COMUNHÃO VIVIDA NA IGREJA LOCAL 96

- 79. Fraternidade sacerdotal
- 80. A comunidade religiosa, exemplo e fonte de comunhão
- 81. Comunhão entre famílias religiosas
- 82. Os leigos na comunidade eclesial
- 83. Formação espiritual e apostólica dos leigos
- 84. "Serviço aos Bispos"

IV. A SERVIÇO DA MISSÃO DA IGREJA 102

- 85. "O missionário apostólico: feito tudo para todos"
- 86. Sempre em missão
- 87. Missão e gratuidade
- 88. Preparação de alto nível para evangelizar os pobres
- 89. "A familiar conversação com o próximo"
- 90. Missão e promoção social

Notas da segunda parte 109

**TERCEIRA PARTE:
ABANDONO EM DEUS**

**I. INTIMIDADE COM DEUS NO
ESPÍRITO DO SANTO ABANDONO** **115**

- 91. "Um modo de maior perfeição"
- 92. "O homem de oração não previne, mas segue a Deus"
- 93. "Sem Ele nada, com Ele tudo"

II. ABANDONO EM DEUS E ESPERANÇA **117**

- 94. "Tratemos a Deus por aquilo que Ele é"
- 95. "Confiemos em Deus; confiança que vale a pena"
- 96. "Quando é noite para nós é dia para Deus"
- 97. "O que é impossível para o homem é fácil para Deus"

III. O PADECIMENTO E A PACIÊNCIA **121**

- 98. "Nós nos gloriamos mesmo nas tribulações"
- 99. "Alegria nas adversidades e na pobreza real"
- 100. A doença como tempo de graça

IV. ABANDONO EM DEUS E PRUDÊNCIA **124**

- 101. "A rainha de todas as virtudes"
- 102. "Fazei, fazei"
- 103. "A prudência para santificar os outros"

Notas da terceira parte **127**

**QUARTA PARTE:
ASCESE E VIRTUDES RELIGIOSAS**

I. QUEM QUER ME SEGUIR, RENEGUE-SE A SI MESMO **131**

- 104. "A nossa mortificação deve ser universal"
- 105. O sacerdote "crucificado para o mundo, morto para o mundo"
- 106. "O jejum e a oração"
- 107. "Primeiro a mortificação interior"

II. APRENDEI DE MIM, QUE SOU MANSO E HUMILDE DE CORAÇÃO	135
108. "No fundo do próprio nada se encontra Deus"	
109. O fundamento do edifício espiritual	
110. "O povo gosta de ver os sacerdotes humildes e simples"	
111. "Baixinho, baixinho; buraquinho e toquinha"	
III. FELIZES VÓS, POBRES	139
112. "A pobreza: o capital necessário"	
113. O baluarte da vida religiosa	
114. Pobreza religiosa e escolha preferencial pelos pobres	
IV. BEM-AVENTURADOS OS PUROS DE CORAÇÃO	142
115. A castidade consagrada: uma escolha de amor	
116. "A vinha e a cerca"	
117. Castidade fecunda	
V. QUEM VOS OUVI, A MIM OUVI	144
118. "A obediência é caminho seguro para a perfeição"	
119. "A obediência alegre"	
120. Exercício evangélico da autoridade	
VI. SEDE ALEGRES NO SENHOR	147
121. "A arte de estar sempre alegre"	
122. Um hino à alegria	
Notas da quarta parte	150
QUINTA PARTE:	
VIDA DE ORAÇÃO	
I. O RESPIRO DA ALMA	155
123. O espírito de oração e as orações	
124. O recolhimento, atmosfera para oração	
125. Tudo é graça	

II. CONTEMPLAÇÃO E AÇÃO	157
126. "É preciso trabalhar para servir este Deus tão bom"	
127. Há um tempo para atividade e um tempo para as orações	
128. "A única coisa necessária e as bagatelas"	
III. A MEDITAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS	160
129. Fidelidade intransigente	
130. "Não começar a construção pelo avesso"	
131. Também um método tem seu valor	
IV. ORAÇÃO LITÚRGICA	163
132. O Ofício divino	
133. Rezar com os Salmos	
134. Cuidado com o aparato litúrgico	
V. O SACERDOTE E A ORAÇÃO	165
135. "Primeiro fazer bem a oração, para depois falar bem de Deus"	
136. "Não carregar a escada somente para os outros"	
137. "Não bastam belos projetos: é preciso ação"	
VI. ESPÍRITO DE PIEDADE E CULTURA	168
138. "O bom gosto nos estudos, para a glória de Deus"	
139. "As ciências humildes"	
140. "Excelência, e abnegação de si mesmo"	
A "Escola de Deus" e a "Gramática de Pe. Gaspar"	172
Notas da quinta parte	174
Bibliografia	180

APRESENTAÇÃO

Dar testemunho do sobrenatural é obrigação própria de todo batizado. Com o batismo Deus coloca na alma a sua graça que envolve todo o ser do homem e o faz respirar a atmosfera da vida divina. É nesta atmosfera de transcendência purificante que se move e vive a alma do cristão. Desde o desabrochar da inteligência a alma se torna testemunha do sobrenatural como a nova pátria do espírito que chega à comunhão com Deus. Observar esta comunhão, como já presente no interior e operante no mundo exterior com as obras, é preparar-se para o "testemunho" do sobrenatural. Para o cristão, testemunhar é atestar a realidade de um mundo que nos aguarda, e nos atrai para entrar com a liberdade na vida da graça, como "participação" à vida divina de união com Cristo, que, com sua Paixão e Morte, a conquistou para nós.

Os Santos são testemunhas eminentes da realidade da nova criação: os que representam a nova criação e alimentam a nova presença de Deus no mundo mediante a "contemporaneidade" com Cristo, morto e ressuscitado para a nossa salvação. O humilde Gaspar Bertoni pertence, e agora também oficialmente por decreto da Igreja, àquela aristocracia da humildade que arrasta consigo, no total escondimento do mundo, os construtores da Igreja do futuro que abre aos cristãos ao terceiro milênio o sulco de um novo caminho para a presença de Cristo mediante a contemporaneidade de testemunho heróico e escondido a um tempo.

Há pouco mais de um século, enquanto ainda fumegava o incêndio da grande catarse de sangue, de atrocidades e erros, Pe. Gaspar encontrou-se, quase sem saber, no centro da renovação religiosa do Estado Veneto do século dezenove, todo penetrado pelo programa de uma nova edição do Evangelho de Cristo que quis abraçar todas as idades do homem e as mais variadas associações de piedade e de apostolado: dos jovens aspirantes ao sacerdócio, às novas Congregações masculinas e femininas, aos operários do campo e das fábricas. Ele próprio foi Fundador de uma Congregação de Missionários para o povo, para a formação de um laicato capaz de testemunhar a presença de Cristo na sociedade urbana e agrícola, enquanto já vinha desabrochando a sociedade industrial na qual

apostavam as Sociedades secretas, mascaradas com o infiel e equivoco programa do Ressurgimento.

Pe. Gaspar declarou-se logo e totalmente pelo Ressurgimento espiritual, desprezando a política mas edificando os contrafortes da verdade que salva e da caridade que edifica, voltando-se de preferência aos jovens e aos pobres para construir por meio da instrução religiosa, das escolas, do exemplo na prática heróica do Evangelho... a nova cristandade libertada de uma tradição social de exploradores e explorados, isto é de uma sociedade de privilégios difícil de acabar. Uma ação, e um testemunho levado a fundo, que ele iluminou e alimentou com a luz do martírio das longas e dilacerantes enfermidades: das quais emergia não tanto e não somente a heróica tolerância, quanto a sede inexaurível de novos e mais acerbos sofrimentos para conformar-se com Cristo crucificado a ponto de representar, até no seu leito de morte, o seu último ardente desejo.

Ele deu por isso um testemunho total, extensivo e intensivo, de apego a Cristo, na fervorosa adoração da Cruz, fazendo do seu corpo uma vítima de amor e transformando em contínua ascensão a sua alma na oferta total de si mesmo para o advento do Reino de Deus nas almas, no esquecimento de si próprio.

Um itinerário exemplar para a Igreja contemporânea, a qual, sob o impulso do Vaticano II, perscruta com coragem os "sinais dos tempos" para renovar-se nas suas estruturas e seguir fielmente os caminhos do Evangelho para uma eficaz ação purificadora diante dos ídolos modernos e colocar-se como "Cidade sobre o monte" qual atração à prática libertadora das bem-aventuranças.

O autor do presente trabalho, que é um veterano estudioso de Bertoni, escavou em profundidade a fisionomia espiritual do Fundador, para fazer emergir seus traços fundamentais, com rigor e precisão de experiente teólogo e com a comoção de filho afetuoso, usando todas as fontes surgidas até agora, especialmente neste século de afortunadas investigações: última, em relação ao tempo, aquela da Vida monumental de Pe. Nello Dalle Vedove que, com seu sexto volume, está chegando à

conclusão. Esta pode servir de perspectiva oportuna e quase indispensável à presente síntese, emprestar-lhe os complexos horizontes de um mundo eclesiástico em crise, mas penetrado por toda parte, da Sicília ao Piemonte e em particular do Estado Vêneto denso de instâncias políticas e religiosas, de frêmitos de renovação para um novo acerto das consciências, em vista da construção da nova Cidade de Deus no nosso tempo.

Certamente, cada santo, qualquer que seja a incidência do seu comparecimento na vida da Igreja, participa do mistério da própria Igreja e foge de toda rígida classificação. As obras exteriores com as quais passou à história são apenas vislumbres e lampejos do fogo interior aceso na alma e guiado pelo Espírito Santo. A nós somente compete a diligência fervorosa da escuta e a humildade ativa da fiel imitação.

Pe. Cornélio Fabro

ABREVIACÕES

BERTONI	Os cinco volumes da vida escrita por Pe. Nello Dalle Vedove: citados com o número do volume e o da página
CF	Constituições do Fundador
CS	<i>COLLECTANEA STIGMATINA</i> , citada com o número do volume e o da página
Ep.	Epistolário
<i>ESERCIZI MEDIT.</i>	Exercícios ao Clero; Meditações
<i>ESERCIZI ISTR.</i>	Exercícios ao Clero; Instruções
MS	Manuscritos de Pe. Gaspar, citados com o relativo número
MEDIT. I L. DOS REIS	Meditações sobre o I Livro dos Reis
MP	Memorial Privado
<i>MEMORIE 1886</i>	Memórias a respeito de Padres e Irmãos, Verona 1886
PVC	Páginas de Vida Cristã, Vicenza, 1947
<i>POSITIO</i>	<i>POSITIO SUPER VIRTUTIBUS</i> , Roma, 1960
SA	<i>SUMMARIUM ADDITIONALE</i> , Roma, 1958
<i>SAGGI</i>	Ensaaios sobre o Espírito de São Gaspar Bertoni

TRAÇOS BIOGRÁFICOS

- Gaspar Bertoni nasceu em Verona aos 9 de outubro de 1777, de uma família de tabeliães, abastada e de sólidas tradições cristãs. Recebeu muito da família: principalmente da piedosa mãe, Brunora Ravelli, e do tio paterno Antônio, homem repleto de uma intensa espiritualidade inaciana. Por parte do pai, Francisco, de caráter bastante difícil, teve que sofrer também não poucas cruzes.

A juventude de Gaspar foi marcada profundamente pela educação recebida na escola de S. Sebastião, pelo trabalho de alguns eminentes ex-jesuítas: entre os quais salienta a figura do Pe. Luís Fortis (1749-1829), futuro Superior Geral da reconstituída Companhia de Jesus. Naquela escola ele começou a fazer parte da Congregação Mariana.

Feita a opção para o sacerdócio, aos dezoito anos, Gaspar a frequenta o curso de teologia como aluno externo do Seminário. Entre seus professores é lembrado Pe. Nicola Galvani (1752-1823), docente de teologia moral, escolhido por Gaspar como Padre espiritual. A ordenação sacerdotal realizou-se aos 20 de setembro de 1800.

- É bom acenar à peculiaridade do período histórico em que Pe. Gaspar foi chamado a desenvolver seu ministério sacerdotal: também para entender suas escolhas pastorais.

No início de 1800, já está se espalhando pela Europa, principalmente na Itália, a Revolução francesa: através da longa série de guerras napoleônicas, que se prolongam até 1815. Nesta data, derrotado Napoleão, começa a fase chamada da Restauração, levada adiante principalmente pelas potências da Santa Aliança. Em 1848 a Europa foi sacudida por uma outra onda revolucionária: que para a Itália marca o início das guerras da independência.

Verona participa bem de perto desses acontecimentos: que não somente perturbam sua ordem política, mas marcam profundamente sua vida cultural, social e econômica, e criam grandes problemas também debaixo do aspecto moral e religioso. Vítima da disputa entre dois colossos, a França de Napoleão e o Império dos Absburgos, nos anos entre 1801 e 1815, Verona ficou dividida em duas: à direita do Ádige, sob o domínio francês, e à esquerda, debaixo do austríaco - até que ficasse totalmente sob o napoleônico Reino da Itália. Em 1814 volta ainda sob o Império austríaco, como parte do Lombardo-Vêneto: até 1866, ano da anexação à Itália unida.

No tempo das guerras da independência, pois, Verona, pilastra do famoso quadrilátero defensivo criado pela Áustria, encontra-se no centro das refregas entre os exércitos adversários: com as consequências fáceis de imaginar.

- O jovem Pe. Gaspar inicia seu ministério sacerdotal como cooperador paroquial, que desenvolverá por dezesseis anos: de 1800 a 1810, como cooperador de S. Paulo in Campo Marzio, depois de 1810 a 1816, na de S. Firmo Maior. Mas a série de atividades empreendidas, e dos encargos que o Bispo lhe confiou, levam-no a ultrapassar bem depressa o âmbito desse cargo.

A primeira atividade em que se empenha a fundo é a pregação. A seriedade com que ele desenvolve a tarefa de anunciar ao povo a Palavra de Deus é confirmada por aqueles quarenta SERMÕES DA JUVENTUDE que o primeiro biógrafo, Pe. Caetano Giacobbe, chama justamente "precioso tesouro de arte oratória e de ciência divina." Percebe-se aí, bem viva, a atenção missionária às exigências mais atuais do seu tempo: apresentar a riqueza da fé e a força do ideal cristão contra as insídias do secularismo e do permissivismo moral difundidos entre o povo pela Revolução.

Bem depressa, Pe. Gaspar se dá conta de que o setor mais ameaçado e indefeso diante das novas insídias é a juventude. Com o encorajamento e o amparo do seu pároco, Pe. Francisco Girardi, ele se torna "missionário dos meninos": começando, por primeiro em Verona, a obra dos Oratórios Marianos, largamente difundida depois na cidade e na diocese.

Sobre um outro setor da sociedade particularmente necessitado expande-se a caridade missionária do jovem Bertoni: é o dos doentes, dos feridos, dos empestados, que os acontecimentos bélicos do tempo haviam aumentado desmesuradamente.

Na primavera de 1808, o Bispo D. Inocêncio Liruti (1741-1828) confia a Pe. Gaspar o cuidado espiritual do Retiro de S. José, onde duas fundadoras, S. Madalena di Canossa (1774-1835) e a Serva de Deus Leopoldina Naudet (1773-1834) - haviam iniciado naquele mesmo ano uma obra de caridade e de educação para a juventude feminina, que depois se desenvolveria em dois Institutos distintos, as Irmãs da Caridade Canossianas e as Irmãs da Sagrada Família.

Ainda do Bispo D. Liruti veio o convite a Pe. Gaspar, em 1810, para se ocupar do clero da diocese, como Padre Espiritual do Seminário. Em setembro daquele ano, ministra um curso de Exercícios Espirituais para sacerdotes e seminaristas, o primeiro de

uma longa série, e depois, no início do ano letivo, recebe o encargo de dirigir as MEDITAÇÕES dominicais e festivas no Seminário. Cabe ainda a ele animar o Retiro mensal no Colégio dos Acólitos da Catedral. Mais tarde Pe. Gaspar será nomeado Examinador das vocações eclesiais e Examinador pró-sinodal para a escolha dos párocos. Deve-se também salientar neste setor de atividades de Pe. Gaspar uma nota típica do seu tempo. O turbilhão napoleônico atingiu profundamente o clero, provocando uma crise muito séria. Em 1812 o Bispo recolheu no seminário um grupo de sacerdotes "para correção", confiando-os aos cuidados especiais de Pe. Gaspar.

- Mesmo imerso neste intenso ritmo de atividades apostólicas, Pe. Gaspar continua a cultivar, e sente a necessidade de aumentar, o seu esforço de permanente formação espiritual e cultural.

Os Sermões da Juventude, como depois os textos dos Exercícios e das Meditações no Seminário e aos Acólitos, constituem um testemunho eloquente de maturidade espiritual e teológica. De 1808 a 1813, Pe. Gaspar confia a um MEMORIAL PRIVADO as suas reflexões espirituais, seus propósitos, suas experiências, muitas vezes de autêntica natureza mística. Trata-se de um pequeno caderno, que mostra pouco mais que uma fresta do mundo interior de Pe. Gaspar: mas é demasiadamente precioso. Pe. Divo Barsotti não exita em defini-lo "um dos grandes documentos da espiritualidade do século 19".

- A Divina Providência vinha assim amadurecendo Pe. Gaspar para a obra principal a que o havia destinado: a fundação de uma Congregação religiosa. Esta virá à luz em 1816, no quadro de um renovado florescimento de Institutos religiosos possibilitado pelo clima mais favorável, embora não livre de ambiguidades, da Restauração.

Já há diversos anos, um grupo de sacerdotes e seminaristas girava ao redor de Pe. Gaspar: seja pela colaboração que prestavam no trabalho com os Oratórios Marianos, seja também, depois, para se encontrarem em periódicas reuniões de formação espiritual e teológico-pastoral. Quase todos cultivam interiormente o ideal da consagração religiosa, segundo o espírito de S. Inácio.

Para também melhor compreender a configuração que depois daria à sua Congregação, é preciso recordar a experiência feita por Pe. Gaspar, em maio daquele ano de 1816, participando da grande Missão urbana celebrada em S. Firmo e dirigida

pelo Côn. Luís Pacetti (1761-1819). Em seguida a tal experiência - excepcionalmente frutuosa, que deixou nele uma impressão profunda e duradoura - ele recebeu da S. Sé o título de Missionário Apostólico. A sua Congregação ele marcará, justamente, nas CONSTITUIÇÕES esta "finalidade": "MISSIONÁRIOS APOSTÓLICOS EM OBSÉQUIO AOS BISPOS."

- A circunstância determinante para o nascimento da Congregação foi a proposta, feita a Pe. Gaspar por Pe. Nicola Galvani, de assumir a direção de uma Escola de caridade, iniciada em alguns imóveis adjacentes à igreja, fechada ao culto, dos Estigmas de S. Francisco, e destinada a rapazes pobres do bairro periférico da "Cittadella". Pe. Gaspar aceitou a proposta do seu velho Padre Espiritual e no dia 4 de novembro de 1816 entrou nos Estigmas com os primeiros companheiros.

Um novo campo de atividade, a escola, abre-se assim para a preocupação missionária de Pe. Gaspar: que de agora em diante poderá contar também com a colaboração de uma Comunidade. E realmente se tratava de verdadeiro trabalho missionário: porque a escola, na plenitude das suas exigências culturais e didáticas, era entendida por ele como treinamento de formação cristã e era destinada além disso, na sua absoluta gratuidade, aos rapazes mais pobres e necessitados. Aliás, pode-se dizer que a escola representava então um dos campos mais abertos e promissores para o apostolado: enquanto a suspeitosa autoridade austríaca - é uma das ambiguidades da Restauração - havia imposto severos limites à pregação e havia praticamente bloqueado, depois da Missão de S. Firmo em 1816, as Missões ao povo.

Também a igreja dos Estigmas, a cuja restauração se aplicou logo a nova comunidade - foi reaberta ao culto no dia 3 de outubro de 1822, véspera da festa de S. Francisco - representou um bom campo de trabalho apostólico: sobretudo para as confissões, pelas quais tornou-se logo um centro bastante procurado.

- No mais, Pe. Gaspar continua a desenvolver nos Estigmas também as outras atividades que havia iniciado nos anos anteriores.

Foi continuada e aumentada, graças ao contributo dos confrades, a pregação da Palavra de Deus: sempre com uma acentuada preferência pelas formas mais populares.

O Oratório Mariano, surgido nos Estigmas ao lado da Escola, tornar-se-á, em poucos anos, o centro moral dos Oratórios veroneses.

Prossegue também o esforço para a assistência espiritual e formativa do clero, sobretudo com as pregações dos Exercícios Espirituais aos ordenandos e aos sacerdotes: feitos sempre mais frequentemente nos Estigmas, que se tornam assim um apreciado centro de espiritualidade.

Por sua própria, conta Pe. Gaspar, enquanto orienta e coordena todo o trabalho da comunidade, leva adiante e incrementa sempre mais o precioso trabalho pessoal de animação que o qualificava, na cidade e fora, como "Anjo do Conselho". Seria longo elencar aqui todos os nomes dos fundadores e fundadoras que floresceram em grande número no século passado recorrendo a Pe. Gaspar para conselhos e apoio. "Eu sempre me entendi que jamais se empreendeu em Verona uma obra de Deus - atesta, a propósito, o Pe. Antônio Bresciani, SJ - sobre a Pe. Gaspar não tivesse sido consultado."

- Este período da vida de Pe. Gaspar e da sua Congregação registra alguns particulares dignos de nota.

Em 1835, depois de um pedido apresentado nos Estigmas pelo Bispo D. José Grasser (1782-1839), Pe. Luís Bragato foi escolhido como professor e capelão da Imperatriz da Áustria Maria Ana di Savoia, e parte para a Corte de Viena. Com aquele seu filho predileto Pe. Gaspar manterá uma farta correspondência: que, levada mais tarde aos Estigmas, foi destruída em grande parte em 1866 para evitar aborrecimentos com a polícia depois da anexação do Vêneto à Itália. Os poucos fragmentos restantes nos o fazem perceber, e lamentar, a riqueza do tesouro perdido.

Em 1839, por ocasião das solenes comemorações celebradas na Basílica de S. Zenão pelo reencontro do corpo do Santo Patrono de Verona, Pe. Gaspar foi convidado a fazer um dos sermões comemorativos do oitavário, confiados a alguns dos melhores oradores sacros do tempo. O seu discurso, juntamente com os outros, foi impresso por ordem do Bispo: não sem uma certa relutância da parte do humílico Pe. Gaspar. Não obstante, ele teve outras ocasiões para trabalhar em publicações. Em 1838, cuidou da edição italiana da obra de P. Bouhours, "*Pensieri Cristiani*", e depois se ocupou em 1840 de uma nova edição da obra clássica do Pe. Alfonso Rodriguez, SJ, "*Esercizio di perfezione*", revisando a tradução, fazendo o prefácio da edição, e custeando também as despesas da publicação. Mas "jamais permitiu ser citado".

- Apesar de tudo isto, o pensamento dominante e centro dos interesses de Pe. Gaspar, no período que vai de 1816 até a morte, é constituído pela sua criação, a

Congregação.

Partindo claramente com a idéia de estabelecer nos Estigmas "uma Congregação de Padres que vivam sob a regra de S. Inácio", ele organizou logo a vida da pequena comunidade, "*more religiosorum*" no estilo dos religiosos, mas de perfeita observância e perfeitíssima vida comum". Características peculiares daquela comunidade marcadas por muitos testemunhos eram, justamente com o fervor da vida de oração e a dedicação ao trabalho apostólico, uma rígida e austera pobreza, um alegre espírito de comunhão fraterna sob a orientação forte e suave do Superior, um sério empenho no estudo e na cultura. Esse estilo Pe. Gaspar queria que fosse (bem assimilado também pelos jovens estudantes por ele recebidos e educados - foram poucos, exatamente quatro - na comunidade dos Estigmas.

Na construção do edifício da Congregação não faltaram nem mesmo as cruzes. A doença quase fazia parte da casa no austero ambiente dos Estigmas: e muitas vezes a morte se fez presente. Várias foram as desistências, registradas pontualmente, e com tristeza, no LIVRO DAS MEMÓRIAS de Pe. Miguelângelo Gramego. Após as graves situações verificadas, foi necessário, em 1843, fechar a escola. Mas tudo isso não impediu Pe. Gaspar de prosseguir "incansável em reunir livros de todo lugar, para organizar a Biblioteca, para ditar regras, organizar a disciplina e acompanhar tudo, de tal modo, como se o seu Instituto estivesse no maior viço", assim afirma Pe. Carlos Zara nas suas Crônicas.

- A doença o atingiu gravemente pela primeira vez em 1812, com a idade de 35 anos, e tornou-se depois, entre recaídas e novas enfermidades, companheira praticamente inseparável. Os biógrafos são concordes em afirmar a influência fundamental que a dura experiência da enfermidade teve na vida e na espiritualidade de Pe. Gaspar. A morte sobreveio na tarde de domingo, 12 de junho de 1853. Os sacerdotes haviam saído para o catecismo popular aos adultos, chamado a quarta Classe, inclusive o Pe. João M. Marani primeiro colaborador e depois seu sucessor, empenhado na vizinha igreja de S. Lucas. Num certo momento, porém, sentiu-se como que inspirado a voltar, e chegou a tempo de recolher o último suspiro do moribundo. Pe. João Batista Lenotti, outro filho de Pe. Gaspar e segundo sucessor na direção da Congregação, comenta assim o acontecimento, no perfeito estilo Bertoniano: "Pe. Gaspar partia para o Paraíso, e seus filhos para ir anunciar o Reino de Deus".

PRIMEIRA PARTE:

CRISTO VIVE EM MIM

I. CRISTO CAMINHO, VERDADE E VIDA

1. O OBJETIVO ESSENCIAL

"Proponde Jesus como *"pondus cordis"*, centro do amor, finalidade de toda intenção - diz Pe. Gaspar nos EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS ao Clero. - Contemplai-O continuamente como Caminho; procurai-O como Verdade; amai-O como Vida. Achegai-vos a Ele, mas por Ele, como caminho; Dele sugai a veia da verdade e da sabedoria; alcançai a água da vida, bebei, inebriai-vos. Não sou mais eu que vivo, mas Cristo vive em mim (Gl 2,20)"(1).

Assim, em poucas linhas ele compendia, pode-se dizer, todo o O programa dos Exercícios Espirituais: que desenvolve, seguindo fielmente as pegadas de S. Inácio de Loyola, como uma prolongada meditação sobre a vida, a palavra, a obra salvadora de Cristo (2). Tal orientação dos Exercícios reflete, por sua vez, a exigência fundamental da vida cristã: que quer ser vivida toda como seguimento de Cristo, como esforço de conformar-se a Ele, caminho, verdade e vida, o Homem Novo (3).

"A perfeição de todo grande Santo consiste na conformidade com Jesus Cristo - havia já afirmado Pe. Gaspar em um sermão sobre S. Francisco - e a perfeita conformidade com Jesus Cristo é a característica da sublime santidade de Francisco"(4).

Pe. Gaspar não tem nenhuma pretensão de originalidade no seu ensinamento espiritual e na colocação da sua experiência espiritual. O que o caracteriza, na vida e nos escritos, é o esforço para que o seguimento de Cristo seja evangelicamente radical, e o esforço sólido, para que Cristo seja realmente "o centro do amor e da finalidade de toda intenção". "Ele fez do cristocentrismo o objetivo de toda sua vida - foi dito precisamente" (5).

2. "SEGUIR A CRISTO A CUSTO DA VIDA"

"Meditação: Reino de Cristo. Acentuado movimento de seguir a Nosso Senhor a custo da vida, na pobreza e na ignomínia" (6). Esta anotação do MEMORIAL PRIVADO foi escrita por Pe. Gaspar depois dos exercícios de 1808 e enquanto se preparava para o citado sermão sobre S. Francisco. Percebe-se aí toda a carga de um esforço radical para

seguir Cristo: que se verifica, em seguida, na própria pregação sobre o santo de Assis.

"A perfeição própria do humilde S. Francisco, perfeito e apaixonado imitador de Cristo, consiste em uma caridade seráfica que o transforma em Cristo, pelo cumprimento exato e literal de sua palavra e pela reprodução em si mesmo de sua ação" (7): diz exatamente Pe. Gaspar naquele sermão. E continua depois, sempre no tema da radicalidade evangélica: "Eis como Francisco segue Cristo: não atrás, mas ao lado; não de perto, mas unido; antes, nem mesmo unido, mas transformado. Francisco não procura as consolações, as delícias, os dons de Cristo: mas procura Cristo. Cristo nu sobre a Cruz, nas ignomínias, na pobreza. E isto desde o início de sua caminhada, começando assim lá onde os outros apenas chegam no final. Aquilo que podia ser para mim vantagens, considereei perda por Cristo (Fl 3, 7). Por isso, abandona, recusa, rejeita tudo. Porque ele não queria nada senão Cristo, e Cristo total" (8).

Nas MEDITAÇÕES feitas no Seminário Pe. Gaspar põe um acento especial sobre a relação entre radicalidade evangélica e vocação consagrada. "Se alguém quer ser meu discípulo, siga-me (Jo 12, 26) - diz na 14ª MEDITAÇÃO SOBRE O I LIVRO DOS REIS - imitando-me no modo de viver. Que se perceba um esboço do que aconteceu na vida de Cristo: seguindo-O também até a morte. O jovem a quem o Espírito Santo abriu os olhos e que sente um forte e cáldo desejo de glorificar Cristo não só com palavras, mas com a vida, e de confessar a fé no seu Filho também externamente e com fatos; antes, quer seguir com a mais íntima imitação de sua vida e com o desejo de estar junto a Ele na própria Paixão, calcando o respeito humano e desprezando até mesmo a própria vida: este tem verdadeira disposição para a vocação sacerdotal" (9).

3. RADICALIDADE EVANGÉLICA E SOLIDEZ

Como experimentado diretor espiritual Pe. Gaspar preocupa-se em traduzir a aspiração para estes ideais em termos de compromisso sólido e programático, indicando caminhos e meios de ação para realizar efetivamente a conformidade com Cristo.

Em uma das MEDITAÇÕES feitas no Seminário - comentando o texto bíblico: "Andará cada dia diante do meu Ungido (cf. 1 Sm 2, 35) - ele propõe a seus ouvintes este exercício espiritual: "Caminhar na presença de Cristo significa considerar-se sempre diante Dele e fazer aquilo que sabe ser-lhe agradável. Em outras palavras, caminha sem dúvida na presença de Cristo aquele que em tudo que faz visa a Ele e procura orientar

conforme seu exemplo a própria vida: reconhecendo que Ele veio à terra para oferecer-nos em sua Humanidade a imagem do homem novo" (10).

Poucas semanas depois Pe. Gaspar propõe a mesma prática de piedade, como Exame de consciência particular à sua penitente L. Naudet. A coisa é afirmada pela própria Serva de Deus, que escreve no seu "*Giornale*" Foi-me dito para começar o Exame particular sobre estas palavras de S. Gregório: Em tudo o que fazes olhe para Ele e cuida de orientar tua vida a exemplo dele" (11).

Alguns dias depois, L. Naudet anota no mesmo "*Giornale*": "Na oração que fiz depois que me foi dito para iniciar o novo Exame, experimentei muita consolação por ter um meio de considerar mais profundamente o Redentor, pela consequência também de unir-me a Ele: pois é difícil aplicar-se a considerá-Lo sem sentir-se atraída por Ele. A oração passou toda nesta consideração e em provar vivo desejo de aprender a imitar um tal Modelo" (12).

Muitos anos mais tarde, escrevendo a Pe. Bragato, Pe. Gaspar sugerirá uma diretiva prática substancialmente idêntica: "Leia muitas vezes o Evangelho, e nos ditos e feitos de Cristo Nosso Senhor, esmiúce com a reflexão e a meditação, e aplique a você mesmo o que é mais útil nas circunstâncias em que se encontre. Plasme-se sobre o Modelo em que se inspiraram todos os Santos" (13).

4. "FAZER EM NÓS MESMOS UMA IMAGEM DE JESUS CRISTO"

No "Memorial Privado", Pe. Gaspar faz diversas anotações nas quais aparece bastante confirmada sua orientação espiritual de base.

"Que obrigação a nossa de fazer por Ele, ao menos em parte, o que Ele por primeiro fez por nós" - escreve no dia de Natal de 1808 depois de haver contemplado, na celebração das três Missas, "O Filho de Deus humilhado" - Experiências análogas ele anota em 1o de fevereiro de 1809: "Frequente lembrança da vida de Cristo, com afetuoso amor de correspondência. Na Missa, durante a Consagração, sentimento muito vivo e afetuoso, da presença de Cristo. Disposição para aceitar as ignomínias por Cristo" (14).

Nesta mesma linha se colocam alguns propósitos práticos que se sucedem no ano de 1809. "Devemos reproduzir em nós os traços de Cristo", escreve aos 26 de fevereiro (15). Depois aos 29 do mesmo mês: "Pedir a graça de segui-Lo, de ser zeloso

pela sua glória e pela salvação das almas. Se alguém quer servir-Me, siga-Me" (Jo 12, 26) (16). E ainda, aos 30 de julho: "É preciso mostrar ao Divino Pai uma imagem do seu divino Filho impressa em nós mesmos" (17).

São textos concentrados no espaço de poucos meses: mas representam indicações claras de um caminho que se prolonga por toda uma vida. Teremos a confirmação no decurso destas notas. Em linhas gerais nos parece muito eloquente o testemunho dado pelo Bispo de Verona. D. José Carraro, que ao analisar a figura de Pe. Gaspar teve meio de colher, com sua bem reconhecida fineza de intuição, esta impressão: "Pe. Gaspar era um apaixonado por Cristo, tinha um coração semelhante ao coração de Paulo, do qual foi dito que o coração de Paulo é o coração de Cristo; vivia intensamente a vida de Cristo e não desejava possuir outra ciência senão a de Cristo, e não ansiava pregar senão Cristo, e Cristo crucificado" (18).

II. A PALAVRA DE DEUS: REGRA DE PENSAMENTO E DE AÇÃO

5. "CRISTO, VERBO DE DEUS, LUZ QUE ILUMINA TODO HOMEM"

A quem quer segui-Lo para conformar-se com Ele, Cristo se apresenta antes de tudo como Via que mostra o caminho e Luz que ilumina com o dom da sua Palavra. Pe. Gaspar dedica a este tema um de seus sermões da juventude, intitulado "A regra do nosso pensamento e da nossa ação" (19).

"Os Magos se dirigem para Cristo - assim inicia o sermão o jovem pregador - procuram Cristo em Jerusalém. Mas Cristo nasceu fora de Jerusalém. E a estrela que conduz seguramente a Cristo não aparece aos Magos senão fora de Jerusalém, longe da Corte" (20).

"Que quer dizer isto? - pergunta nesse ponto - se não que nós também caminhamos para Cristo, isto é à verdade, à vida. Mas esta verdade, esta vida, último fim dos nossos desejos, está fora, isto é acima de toda a compreensão humana. Convém, pois, sair das opiniões, dos julgamentos da sabedoria humana, se queremos encontrar esta meta feliz; antes, se queremos encontrar a estrela, isto é, uma regra infalível que nos conduza a esta meta. A estrela de fato é o próprio Cristo; que, como é verdade e vida, é também caminho. Eu sou o caminho, a verdade e a vida (Jo 14, 6). O Evangelista diz ainda que Cristo é a Luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a

este mundo (Jo 1, 9). Ele é a Sabedoria incriada, o Verbo de Deus, e por isso tem palavras de vida eterna" (21).

6. OUVINTES DA PALAVRA

No mesmo sermão Pe. Gaspar insiste, sob o perfil teológico, que a Palavra anunciada por Cristo está contida na S. Escritura e na Tradição, e é interpretada com autoridade pelo Magistério dos pastores da Igreja.

"Dos Pastores que o Espírito Santo colocou para reger a Igreja de Deus, nós devemos depender - ele insiste com força - e deles esperar que nos venha apresentada, explicada e interpretada no seu verdadeiro sentido a Palavra de Deus revelada na Escritura e nas Tradições, como única regra infalível do nosso pensamento e ação: e então nós devemos segui-la fiel e constantemente" (22).

Nesta chamada ao papel dos pastores - principalmente do "Supremo Pastor, centro da unidade" (23) - Pe. Gaspar leva em conta a situação eclesial do seu tempo, ainda fortemente marcada pelo jansenismo e galicanismo.

Mas ele leva em conta também o mais amplo fenômeno do racionalismo iluminístico: que, sobretudo por influência da Revolução francesa, estava se tornando já naquele tempo uma cultura de massa. Por isso ele insiste em proclamar que "não a razão humana, não as opiniões dos homens, não as máximas do mundo presente, não os dogmas da moderna experiência, mas a Palavra de Deus é a regra única e infalível do nosso pensamento e da nossa ação" (24).

7. A PALAVRA DE DEUS E O CAMINHO DA VIDA CRISTÃ

Além das alusões doutrinais e apologéticas, Pe. Gaspar propõe também reflexões mais diretamente espirituais, para ilustrar a fecundidade da Palavra anunciada por Cristo com relação ao crescimento na fé e na vida cristã.

"Caminhemos agora, caminemos dignamente para a meta à qual fomos chamados. Caminha-se dignamente segundo esta vocação, submetendo o nosso ponto de vista com humilde obséquio para crer na Palavra Divina. Uma só é a regra, uma só a estrela que nos mostra o caminho: a Palavra divina, objeto da nossa fé. Um só é o nosso Oriente onde aparece esta estrela, e é o nosso Batismo. Um só Deus, objeto da nossa felicidade, e Pai de todos que nos convida a esta felicidade" (25).

"As Sagradas Escrituras bem meditadas - dirá mais tarde nas Meditações feitas no seminário - insinuam não só as idéias justas das coisas, mas também bem ordenadas, segundo a ordem da divina Sabedoria que as ditou. Formam, desenvolvem e educam o espírito. Aprende-se antes de tudo a conhecer a Deus, sua grandeza e onipotência; aprende-se a conhecer os deveres da criatura, isto é a obediência ao Criador" (26). E ainda: "A atenção, o confronto, a reflexão sobre as palavras e obras de Deus, são a fonte de toda ciência e santidade" (27).

8. "OS LIVROS DA ESCRITURA E DOS PADRES SEMPRE ENTRE AS MÃOS"

"Quando clérigo Pe. Gaspar já havia lido muitas vezes e aprendido a divina Escritura - atesta o primeiro biógrafo, Pe. Caetano Giacobbe e quando sacerdote a tomou como seu principal e caríssimo estudo. Ele tinha sempre à mão os textos mais adaptados da S. Escritura. Ela era sua guia e sua senha que em todas as circunstâncias da vida o levava a agir com confiante segurança e tranquilidade. O que ele praticava consigo mesmo, costumava fazer também com os outros, que vinham até ele, confortados com exortações, conselhos e conversas, e ficavam tão impressionados com a unção e a eficácia das suas palavras e citações da escritura, que lhes parecia que o próprio Deus tivesse falado por sua boca" (28).

"Tudo isso -continua ainda Pe. Giacobbe- tornou-se tão natural e espontâneo, que parecia ter-se transformado em sua natureza e seu sangue. Não é de admirar, portanto, que até os últimos anos ele tivesse sempre à mão os livros da Escritura ou os escritos dos S. Padres. E esta foi uma das grandes heranças que deixou a seus filhos. Não só lhes recomendava um estudo amoroso da Palavra de Deus contida na divina Escritura e na Tradição, mas ordenava que a lessem sempre e a consultas- sem em qualquer circunstância, meditando-as habitualmente" (29).

"Pode-se então dar crédito ao Pe. Lenotti quando afirma, não sem uma certa ênfase afetuosa, que Pe. Gaspar havia lido "as obras de quase todos os Santos Padres, estudado a S. Escritura com os mais renomados comentaristas. Parecia que uns e outros se tivessem convertido em seu sangue: de tal modo que sua conversa, pode-se dizer, era uma linguagem totalmente escriturística" (30).

9. COMO LER A BÍBLIA

"A finalidade da leitura da Bíblia é a prática da verdade nela contida são palavras que Pe. Gaspar fez suas transcrevendo-as de Mabillon (31) -. É preciso, pois, meditá-las

e propô-las como regras do próprio comportamento. Lendo, cremos encontrar imediatamente pronto o alimento, mas não é assim: é preciso prepará-lo. Se existe o pão é necessário assá-lo, ou talvez ainda não esteja no momento de comê-lo. É preciso o fogo do Espírito Santo para assá-lo. É a oração que o reaviva e o inflama" (32).

"Pe. Gaspar trabalha substancialmente um contato com a Bíblia do tipo meditativo e sapiencial - foi adquirido de propósito - para colher com reflexão ponderada o conteúdo e os ensinamentos mais substanciais" (33). "É sua vida interior que depende dos textos. Eles o orientam, são a norma de sua ação; sobre eles ele se modela, deles tira a luz e direção do próprio caminho" (34). Estas últimas expressões são de Pe. Divo Barsotti que chega a dizer: "É bem difícil encontrar outros escritores espirituais que façam a Escritura falar tanto e tão adequadamente" (35).

As pregações de Pe. Gaspar se apresentam já à primeira vista como um rosário de citações bíblicas e patrísticas; no que o desenvolvimento do tema é confiado diretamente aos textos retirados da Palavra de Deus. Na maioria das vezes as citações bíblicas e patrísticas traçam o itinerário, orientam a direção do pensamento, constroem e desenvolvem uma temática (36).

Quando aconselhava os que vinham até ele afirma um testemunha - jamais dizia: aconselho assim ou assado; mas tomava algum texto da Escritura ou de algum santo Padre, e com ele dava a resposta aos que o procuravam" (37).

III. O BATISMO E A VIDA ESPIRITUAL

10. O BATISMO: SINAL DE CRISTO MORTO E RESSUSCITADO

"Vós ignorais talvez que os que fomos batizados em Jesus Cristo - ou, acrescentai, lavados no sangue de Cristo pela Penitência - em Sua morte fomos batizados? Fomos, pois sepultados com Ele na sua morte pelo batismo, para que, como Cristo ressurgiu dos mortos pela glória do Pai, assim nós também vivamos uma vida nova" (Rm 6, 3-5) (38).

Sobre estas palavras tiradas, com alguma liberdade, de S. Paulo, Pe. Gaspar desenvolve uma das pregações mais arrojadas da sua juventude; ilustrando a ligação existente entre a vida cristã. O título da pregação é justamente a VIDA ESPIRITUAL - e o Batismo.

Ele faz questão de ressaltar todos os componentes fundamentais da vida espiritual: que são, de um lado, o dom gratuito do Espírito que com os Sacramentos coloca as bases da configuração do homem a Cristo; e do outro, o esforço subjetivo do homem para corresponder da sua parte mantendo e desenvolvendo até a plena maturidade o dom gratuitamente recebido de Deus.

Ambos os componentes são essenciais para o caminho do seguimento de Cristo. E Pe. Gaspar não deixa de recomendar insistentemente a necessidade de que "nós executemos tudo com solicitude" (39). Mas merece uma atenção especial a grande importância que ele dá aos componentes sacramentais da vida espiritual. Daí se devem haurir todas as iniciativas do caminho que o cristão é chamado a trilhar com seu esforço pessoal - sempre sustentados pela graça, obviamente para chegar à maturidade de Cristo.

Seguindo S. Paulo Pe. Gaspar insiste pois em apresentar o Sacramento do Batismo sob enfoque pascal, como participação à morte e ressurreição do Senhor: pelo qual o batizado morre ao pecado e ressurge com Cristo para a vida nova de filho de Deus. Por isso também o esforço pessoal para o seguimento de Cristo estará sempre marcado por um ritmo pascal de morte e ressurreição com Cristo.

11. O BATISMO E A MORTE AO PECADO

"Somos sepultados em Cristo pelo Batismo na morte, diz S. Paulo - assim se expressa Pe. Gaspar na pregação sobre A VIDA ESPIRITUAL - a fim de que cada um de nós morra como Ele morreu: embora não da mesma maneira. Ele morreu e foi sepultado na carne. A morte da carne é de Cristo; morte do pecado é a nossa" (40).

"E o que quer dizer estar morto para o pecado? Em nada servir ao pecado. Qualquer coisa que nos ordenem o pecado, a paixão desordenada, a afeição maldosa, sejamos surdos a tudo, não os obedecendo, e perseveremos imóveis como mortos. Um morto não fala de ninguém, a ninguém injúria ou faz violência, a ninguém calunia, oprime: não se submete à luxúria da carne, não arde de ódio; não adula os poderosos e os ricos do mundo, não é enganado por uma inquieta curiosidade, não procura os aplausos do povo, não vai em busca de ouro ou prata; não faz caso das honras, não sofre com as injúrias. A soberba não o enfatua, a ambição não o aflige, a vanglória não o agita; as falsas riquezas deste mundo não o elevam, o furor insano da ira não o perturba, a frágil beleza de um rosto não o arrasta" (41).

"Isto quer dizer estar mortos, mortos para o pecado: não apreciar mais as coisas terrenas, os afetos animais, os desejos do mundo e da carne" (42).

Do Batismo, tira assim as consequências para um caminho de penitência que tende reproduzir a morte de Cristo na vida do cristão, como condição indispensável para poder realizar a participação à ressurreição de Cristo com a vida nova no Espírito. "Mortificai, pois, os vossos membros no que têm de terreno" (Cl 3, 5): insiste ainda Pe. Gaspar com as palavras de S. Paulo. E explica: "Quer dizer: já estais mortos; perseverai nesta morte com a mortificação. Mortificai em vós os membros do homem velho pecador em Adão" (43).

12. O BATISMO E A RESSURREIÇÃO PARA A VIDA NOVA

"Como Cristo ressurgiu dos mortos pela glória do Pai, assim, nós também vivamos uma vida nova" (Rm 6, 5): com estas palavras de S. Paulo - prossegue a pregação sobre A VIDA ESPIRITUAL - exige de nós uma ressurreição, isto é um novo estilo de vida mediante a mudança do nosso comportamento" (44).

"Quando um libertino se torna casto, um avarento misericordioso, um iracundo manso, acontece então aqui uma ressurreição que é o princípio da ressurreição futura. E como é a ressurreição? O pecado morre e ressuscita a justiça; cancelada a vida anterior, a vida nova e angélica quase refloresce. Ao ouvir vida nova, cada um procure em si muita transformação, grande mudança" (45).

"Vede agora, irmãos, a idéia verdadeira de um homem ressuscitado com Cristo. Pode ele jamais experimentar as coisas baixas desta terra? Pode ele procurar algo nesta vida senão as coisas sobrenaturais e celestes entre as quais deve viver eternamente? Não sou eu que vivo - grita o Apóstolo - mas Cristo que vive em mim (Gl 2, 20). E em outro lugar: A nossa conversa é no céu (Fl 3, 20). Eis os sublimes afetos de um homem morto ao pecado, que não aprecia mais as coisas terrenas. Eis os sublimes sentimentos de um espírito que vive escondido com Cristo em Deus, que não procura senão as coisas superiores e celestes, onde está Cristo, sentado à direita de Deus" (46).

"Para o Céu, pois, os vossos pensamentos, para o Céu os vossos afetos, para o Céu os vossos corações, onde está vosso tesouro, vossa vida - assim conclui Pe. Gaspar sua exortação enfatizando a ressurreição operada pelo Batismo. - Quando surgir a nossa vida, procuraremos então as delícias e o repouso. E encontraremos então as delícias, mas sem espinhos; os prazeres, mas sem tristeza; as honras, mas sem invejas. Seremos

inebriados pela torrente das alegrias divinas. Desde toda a eternidade estais inscritos por Deus como cidadãos do Céu, acolhidos na casa, herdeiros do Pai. Cristo vos espera e vos prepara desde já um lugar, um trono. Porque então continuarmos a olhar para a terra? Para o Céu, para o Céu! Se ressuscitastes com Cristo procurai as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus!" (47).

13. TODO BATIZADO É CHAMADO À SANTIDADE

Morto ao pecado e ressuscitado em Cristo para a vida nova de filho de Deus, o batizado deve ao mesmo tempo "mortificar os membros do homem velho pecador" (48) e desenvolver o germe da nova vida divina até a maturidade e perfeição. "Vós resgatados com o Sangue do Filho de Deus, vós adotados como filhos do Pai celeste, vós feitos participantes da natureza divina em força da graça - diz Pe. Gaspar em um outro sermão da juventude, sobre A DEVOÇÃO (49) - : vós não mais sois vossos, mas de Deus, para somente a Ele servir; não sois mais terrenos para servir ao mundo, mas celestes para agir e viver como santos" (50). "Deus chama todos para seu serviço, e todos podem aspirar à santificação no próprio estado" (51).

Ao mesmo tempo em que proclama este grande princípio da vocação universal à santidade, radicada no Batismo, Pe. Gaspar esclarece que existem modos e estilos diversos para buscar o ideal da santidade, segundo os vários estados da vida. "Deus quer ser servido por todos, mas não do mesmo modo, dada a diferença de estados em que estão constituídos os homens pela Sua própria Providência. Por isso de modo diferente deve ser praticada a devoção por um religioso no claustro e por um secular no coração do mundo; de outro modo também um Ministro sagrado nas obrigações da sua Igreja, e um pai de família no governo de sua casa; diversamente também por uma virgem que se consagra a Deus, e por uma esposa que se une a um homem. A devoção não prejudica nenhum tipo de vocação, aliás não seria verdadeira devoção se impedisse, mesmo parcialmente, os deveres do próprio estado" (52).

O princípio da vocação universal à santidade guia Pe. Gaspar constantemente; não só na sua vida pessoal, mas também na sua atividade apostólica. A confirmação está nos notáveis frutos de autêntica santidade que acompanharam o exercício do seu ministério: entre os jovens do Oratório Mariano, (53) e sobretudo entre seus filhos da comunidade dos Estigmas, dos quais o Bem-aventurado João Calabria chegou a dizer que "eram todos santos" (54).

IV. A PENITÊNCIA

14. "O BATISMO TRABALHOSO"

Pe. Gaspar associa de propósito a Penitência ao Batismo - sublinhando - segundo a idéia teológica tradicional - a analogia entre os dois sacramentos. "A morte ao pecado acontece no Batismo, ou na Penitência que é um batismo trabalhoso", afirma no sermão sobre A VIDA ESPIRITUAL (55). E pouco mais adiante: "Morrer ao pecado: o Batismo o fez uma vez; a Penitência o renovou... S. Paulo lembra: Ignorais que todos os que fomos batizados em Jesus Cristo - ou, acrescentai, lavados no Sangue de Cristo pela Penitência - fomos batizados em sua morte? (Rm 6, 3). Eis o modo desta morte. O Batismo, a Penitência, foi a nossa cruz: este também o nosso sepulcro" (56).

A penitência é um "batismo trabalhoso" porque exige o exercício de determinadas ações que são propriamente atos de virtude da penitência: confissão, arrependimento e propósito, vontade de satisfação. Por isso é inseparável do Sacramento a virtude da penitência, pois só ela permite realizar aqueles atos com verdade e seriedade. Conforme a tradição da grande teologia clássica, Pe. Gaspar, ilustra claramente o significado e a importância da virtude, antes de falar do Sacramento da penitência. Eu falo da penitência interior e exterior (sacramental), como é ordenada aos cristãos - diz no sermão sobre O FRUTO SUAVÍSSIMO DA PENITÊNCIA (57) - A interna propriamente é virtude, e se define: uma sincera conversão do nosso coração a Deus, pela qual detestamos os pecados cometidos e os odiamos, deliberando com firmeza emendar e corrigir a má vida, com a esperança de obter o perdão da divina misericórdia" (58).

A analogia da Penitência com o Batismo é depois aprofundada por Pe. Gaspar quando acentua, também a propósito do "Batismo trabalhoso", a exigência da colaboração do homem com o dom gratuito de Deus. "Agora que nesta Páscoa ressuscitamos de novo para a graça e morremos para o pecado ainda no sermão sobre A VIDA ESPIRITUAL - como queremos abusar de tanta misericórdia? Como não queremos, pelo contrário, perseverar com todo o esforço? A Penitência serve não só para apagar os pecados precedentes, mas para nos confirmar contra os futuros. Como pois fizemos a nossa parte no Sacramento - isto é a contrição, a acusação e a vontade de reparar - assim em seguida sejamos solícitos com o nosso esforço para não voltar a nos contaminar. Assim aconselha S. Paulo que insiste: Se fomos feitos o mesmo ser com Ele

por uma morte semelhante à sua, sê-lo-emos igualmente pela mesma ressurreição" (59).

15. "UMA MENSAGEM SOLENE"

No sermão sobre a LIBERTAÇÃO DO PECADO E DO DEMÔNIO (60) Pe. Gaspar usa expressões particularmente vibrantes para convencer seus ouvintes da grave escravidão em que se encontra quem se deixa dominar pelo pecado e pelo demônio, e da necessidade de livrar-se através da Penitência. "Vamos! Antes que eu apresente minhas propostas, reconheci quem é que vos fala: reconheci em mim um ministro de Sua divina Majestade, à qual eu sirvo indignamente e em cujo nome cumpro hoje esta solene missão junto de vós" (61).

A primeira proposta é um apelo à confiança na misericórdia e no poder do Pai. "Eu mesmo, diz o Senhor, eu mesmo descerei para livrar-vos das mãos dos vossos inimigos. Eu combaterei por vós contra eles, eu os porei debaixo dos pés para serem pisados, eu mesmo me tornarei a garantia da glória e liberdade conquistadas" (62).

Pe. Gaspar prossegue, pois, exortando os ouvintes a agir com uma séria aplicação da vontade para arrepender-se do pecado e formular propósitos adequados. "Irmãos, basta só um 'quero', dito por cada um com toda a eficácia do coração: e vós sereis livres, porque vem em vosso auxílio a própria onipotência de Deus. Resolvi, determinai, prometei. O glorioso triunfador, Jesus Cristo, já ressuscitou por haver vencido com sua morte o pecado e o demônio. Aumentai a glória do seu triunfo fazendo que Ele vença o pecado e o demônio também em cada um de vós. Dizei comigo em vosso coração: Maldito pecado, eu te detesto! Maldito demônio, eu te renuncio! Malditas correntes, odiosos freios, eu quero rompê-los neste dia, eu quero rompê-los para sempre: e a Vós, meu Jesus, meu Deus, me submeto, me entrego, me abandono" (63).

16. "O FRUTO DELICIOSO DA PENITÊNCIA"

Eu queria fazer-vos experimentar o fruto delicioso da Penitência - prossegue Pe. Gaspar no sermão intitulado justamente O FRUTO SUAVÍSSIMO DA PENITÊNCIA - para que resolvêsseis que não se pode afastar dela como de uma planta amarga, embora seja verdade que tem as raízes um pouco amargas, mas é procurada porque produz frutos muito delicados e suaves" (64).

"A reconciliação com Deus é um conjunto dos maiores e mais desejados bens. Acima de tudo a remissão do pecado, de todos os pecados. Não há pecado tão grande em malícia, e tantas vezes repetido, que a Penitência não consiga apagar: e não uma só vez, mas infinitas vezes. Que dizeis deste fruto da Penitência? Não deve ser por nós sumamente querido e apreciado?" (65).

"Mas não é só isso. A Penitência muitas vezes faz com que o homem ressurgindo do pecado receba um dom maior de graça, do que tinha antes do pecado: Por isso é verdade que onde abundou o pecado aí superabundou a graça" (Rm 5, 20) (66).

"Ou melhor, pode-se dizer mais ainda. Pois pela Penitência o pecador se dispõe muitas vezes a receber de Deus maior abundância de graças que os próprios inocentes. E assim é, segundo o Evangelho, que os primeiros serão os últimos e os últimos se tornarão os primeiros (Mt 20,16). Ajuntai às novas aquisições a reintegração também do que havia sido perdido. Tantas boas obras realizadas quando estávamos em estado de graça e de inocência, tantos méritos acumulados antes, e, depois saqueados pelo pecado mortal, pela penitência revivem e são restituídos" (67)

"Este é o fruto da Penitência, tão doce para experimentar com o pensamento! quanto mais para saborear com a experiência! Experimentemo-lo, meus irmãos, e veremos ainda melhor na realidade quanto é suave a reconciliação com Deus (cf. Sl. 33, 9) (67).

17. "DOCE ESPERANÇA E SEGURA CONFIANÇA"

"Convertamos pois, imediata e sinceramente nosso coração a Deus: considerando nossos erros e desvios passados, atribuamos a eles o mais vivo desprazer, a mais forte abominação, o mais resoluto ódio" (69).

Assim Pe. Gaspar compendia as disposições essenciais exigidas para conseguir com maior abundância os "frutos suavíssimos da Penitência". Mas é digna de atenção a força com que ele insiste também sobre a confiança e a esperança com que o cristão deve enfrentar a experiência do "Batismo trabalhoso". Também a Penitência é um grande momento pascal da vida cristã, à qual Pe. Gaspar aplica as palavras de S. Paulo sobre o Batismo: "Se fomos feitos o mesmo ser com Ele por uma morte semelhante à Sua, também seremos igualmente a Ele por uma comum ressurreição (Rm 6, 5) (70). "Confessemos com uma doce esperança, ou melhor, com segura confiança de obter o perdão - exorta Pe. Gaspar - de todas as faltas cometidas, prontos para delas dar a

justa e devida satisfação a Deus bate aos homens. Assim, lavadas e alvejadas as nossas vestes no sangue do Cordeiro, tornaremos-nos dignos de sair ao Seu encontro, e de sermos admitidos por Ele à feliz comunhão de todos aqueles dons que traz consigo, e à sua própria herança. 'Andarão comigo vestidos de branco, porque o merecem' (Ap 3, 4)" (71).

"Isto nos é bem apresentado - diz ainda Pe. Gaspar na parábola do filho pródigo. De fato o pecador, voltando arrependido dos seus longos desvios aos pés do seu Deus, e dizendo: Pai, pequei contra o Céu e contra Vós: Ele o recebe como Pai amoroso, que lhe dá na face o ósculo da paz, e manda que lhe seja restituída imediatamente sua primeira veste, que é o penhor da fé e o sinal do Espírito Santo; prepara um banquete celeste super-substancioso: a Carne puríssima e o precioso Sangue do seu Unigênito e nosso Salvador Jesus Cristo, e com isto o alimenta, o fortalece, lhe dá nova vida" (72).

18. "NENHUMA ANGUSTIA PARA SE CONFESSAR"

O sacramento da Penitência se insere no caminho penitencial que se inicia no Batismo, e marca um momento particularmente forte de conversão: necessário quando tenha havido uma queda no pecado mortal, válido e útil sempre também para a purificação de qualquer outro pecado. Mas não há só o sacramento. A liturgia e a tradição espiritual cristãs oferecem também outros meios mais usuais, que igualmente têm sua importante função purificadora quando de permeio não haja pecado mortal: meios que nem sempre são apreciados e utilizados adequadamente por muitos fiéis que poderiam, graças a eles, cultivar com assiduidade a vida eucarística.

Deles faz um discreto aceno, não certamente adequado às possibilidades abertas hoje pela reforma litúrgica da Missa e da Liturgia das Horas - Pe. Gaspar quando escreve a L. Naudet: "Depois que o Senhor tirou de uma alma os pecados, quer tirar também os defeitos, depois as imperfeições, por último as próprias inclinações naturais: como ensina por sua vez S. João da Cruz. Aliás, o Senhor vai ainda mais adiante. Agora porém bastará o que o Senhor lhe disse. Não se deixe tomar por nenhuma angústia para confessar-se: mesmo onde se trate de defeitos e negligências, esses são tais que não é necessário confessá-los segundo a doutrina da Igreja, embora isto possa ser coisa piedosa e útil. E, ainda mais, qualquer ato fervoroso de caridade é suficiente para apagá-los, conforme a doutrina de S. Tomás; porque não sendo eles senão o efeito de uma diminuição da caridade, qualquer ato fervoroso dela os apaga completamente" (73).

Ainda uma vez Pe. Gaspar oferece, a respeito da Penitência, uma reflexão particularmente concreta e atual. A utilização dos diversos meios que a liturgia e a tradição espiritual oferecem para a purificação interior permite levar adiante com maior continuidade o caminho penitencial iniciado no Batismo e viver uma vida eucarística normal; e, por outro lado, permite também valorizar mais o próprio sacramento da Penitência no seu papel específico de "batismo trabalhoso".

V. “O MANÁ CELESTE”

19. “VINDE E COMEI”

"Vinde e Comei! Eis a mesa que eu vos preparo. 'Tomai e comei: isto é meu Corpo, isto é meu Sangue' (Mt 26, 26,28), com os quais eu vos remi dos vossos pecados e da escravidão de vossos inimigos. Olhai quantos padecimentos, que agonias, que morte custou-me a preparação desta mesa. A quem ireis para receber a vida, senão a Mim, o único que a pode dar-vos? Quem vos dará a paz de espírito, quem saciará os desejos do vosso coração, senão Eu, que como vosso Princípio, sou também o último Fim? Eu sou vosso Pai, Mestre, Amigo, Irmão; e se estais enfermos sou também vosso Médico, sou vossa Saúde, e serei um dia a vossa Beatitude, a vossa Glória" (74).

Pe. Gaspar conclui assim, com um convite colocado nos lábios de Cristo, um outro dos seus sermões da juventude - sobre A COMUNHÃO FREQUENTE (75) no qual como se percebe pelo título, ele pretende solicitar dos fiéis uma assiduidade maior à mesa eucarística: dirigindo-se sobretudo "àqueles muitos que agora mornos e quase frios, aproximam-se raramente de Cristo, e pouco menos que por obrigação uma vez por ano" (76).

O que mais toca no discurso de Pe. Gaspar é o apelo à razão profunda pela qual se exige a frequência da comunhão: ou seja o caráter essencialmente de banquete da Eucaristia, pelo fato de que ela é por natureza o alimento da vida cristã, individual e comunitária. A Eucaristia é indubitavelmente o Sacrifício de Cristo e da Igreja; mas é um Sacrifício de ágape. Parece acenar a isso também explicitamente Pe. Gaspar quando faz Cristo dizer: "Olhai quantos padecimentos, que agonias, que morte custou-me a preparação desta mesa".

Mas, além da problemática histórico-teológica relativa à realidade, ao mesmo tempo sacrificial e de ágape da Eucaristia, é belo ver como Pe. Gaspar sabe colher com

extrema solidez pastoral o significado de tal Sacramento como banquete, no qual o cristão e a comunidade são convidados a saciarem-se do alimento e da bebida necessários à vida. À comunhão não se chega só pela observância de um preceito, e menos ainda pelo simples atrativo da devoção. Tem-se necessidade dela como alimento: que é o próprio Cristo, "Pai, Mestre, Amigo, Irmão, Médico, Salvação, e que será um dia nossa Felicidade e nossa Glória."

20. "DISPOSIÇÕES DIVINAS PARA UM ALIMENTO DIVINO"

Falando aos sacerdotes, Pe. Gaspar usa uma linguagem ainda mais rica e incisiva para ilustrar a eficácia da Eucaristia como principal fonte da graça, capaz de conduzir a alma ao longo da caminhada no seguimento de Cristo até a transformação Nele.

"O efeito próprio do sacramento eucarístico - diz nos "Exercícios ao clero" - é transformar o homem em Deus e torná-lo semelhante a Ele por amor" (77). Uma vida devidamente alimentada pela Eucaristia será então "desapegada das criaturas e unida só a Deus. Só Deus ocupará o intelecto e a vontade, só Deus estará presente nas conversas, só Deus nas ações. Não há mais nada que tenha sabor de mundo, que tenha odor de humano e de material" (78).

Para conseguir efetivamente tais resultados ocorre, como é evidente, que a assiduidade à Eucaristia seja acompanhada por disposições subjetivas apropriadas. Que fé, esperança, caridade, e inocência não deve ter aquele que sacrifica todos os dias uma tal Vítima, que recebe Deus e Nele é misticamente transformado. Se é verdade que a disposição deve estar na mesma ordem da forma a que dispõe, como dizem os filósofos - lembra ainda Pe. Gaspar aos sacerdotes, permitindo-se uma reminiscência escolar - requer-se indubitavelmente uma disposição divina para poder receber um alimento divino, um esforço para regular a vida de tal modo que ela seja sobre-humana e divina, radicalmente oposta à carnal e mundana" (79).

21. "A DELÍCIA MAIS FELIZ DO CORAÇÃO"

O ensinamento mais prático e convincente de Pe. Gaspar a propósito da Eucaristia, é, provavelmente, o que ele deu com sua própria vida. "A celebração eucarística era a mais feliz delícia do seu coração - escreve o primeiro biógrafo. Pe. Giacobbe; nela o seu espírito encontrava a fonte de graças e dons celestes que parecia transformá-lo em outro homem. Ele suspirava muito tempo antes pela hora feliz de celebrar e, uma vez chegada, a saboreava" (80).

"Eu mesmo, afirma Pe. Giacobbe, o vi muitas vezes prostrado diante do SS. Sacramento e celebrar a S. Missa animado de tanta fé e piedade que parecia um S. Afonso de Liguori ou um S. Felipe Neri" (81).

As más condições de saúde impediam-lhe muitas vezes, até por longos períodos, a celebração da Eucaristia. Mas nem por isso ele renunciava à "mais feliz delícia do seu coração"; e pedia que algum de seus sacerdotes celebrasse a S. Missa na capela da comunidade, vizinha do seu quarto, tornando-se assim sempre possível o sacramental encontro cotidiano com Cristo.

Conta-se, a este respeito, um episódio curioso: que certamente deve ser entendido segundo a mentalidade do seu tempo. Um dia em que o confrade encarregado de celebrar na capela foi chamado para celebrar em uma igreja pública, Pe. Gaspar insistiu para que não o deixasse: "Os outros que têm boas pernas - foi seu arrazoado - podem procurar este bem em outro lugar. Mas eu, como poderei, se vós não o trazeis a mim?" (82).

22. EUCARISTIA E CONTEMPLAÇÃO

Das numerosas anotações do "Memorial Privado", sabemos que, no contexto da celebração eucarística, Pe. Gaspar viveu as experiências mais íntimas da união com Deus, provavelmente em nível místico de contemplação infusa. Apresentamos aqui uma escrita no dia 9 de outubro de 1808, dia do seu 31º aniversário, que, dentre outras coisas, lembra um momento interessante da sua adolescência: isto é a experiência espiritual por ele vivida por ocasião da Primeira Comunhão.

"Durante a Missa, nas Secretas e no memento, senti que a minha inteligência se abria para conhecer com quem falava, e grande afeto e abertura de amor ao rezar as orações. Depois, certas aspirações e ímpetos da alma para Deus, como de uma pessoa que ao receber um grande amigo que há muito tempo não via, ao vê-lo sente vontade de atirar-se sobre ele para abraçá-lo. Então, desejei que se tornasse mais clara a visão e mais forte o ímpeto para alcançar de vez o bem supremo. Mas, receando algum sentimento de vaidade, por estar diante do público, ative-me à consideração dos meus gravíssimos pecados, e aí cresceu seja o conhecimento da divina bondade, seja o amor, que se converteu em lágrimas suaves, até depois da Comunhão. Entretanto, a fé e a confiança cresciam juntamente com a humildade e a reverência amorosa. Finalmente na Comunhão, enorme devoção, e sentimento como no dia da primeira Comunhão, e

que nunca mais tive depois. O recolhimento durou uma hora, e permaneceu toda a tarde" (83).

Os testemunhos pessoais de Pe. Gaspar sobre a piedade eucarística limitam-se ao breve período abrangido pelo "Memorial Privado". Mas que a forte carga daquela piedade permaneceu viva em seguida, e que provavelmente tenha aumentado com o amadurecimento da idade, aparece com toda certeza nos testemunhos acima de Pe. Giacobbe. O qual escreve ainda: "Todos os que tiveram a sorte de participar de sua Missa, confessam que era tanta a modéstia e a devoção, tanto o seu recolhimento e um certo ar de êxtase, que não se podia senão sentir-se levados à compunção e ternura de coração" (84).

23. EUCARISTIA E VIDA

Pode-se ainda, através do "Memorial Privado", perceber como o recolhimento e o fervor espiritual vivenciados por Pe. Gaspar durante a celebração eucarística tendiam a permanecer, de certo modo, também durante o dia todo. Já se pôde ver isso na nota acima. Mas acenos em tal sentido acontecem depois com certa frequência.

"Na Missa, vivo sentimento da presença de Jesus Cristo, com muita confiança. O sentimento foi breve, mas o recolhimento durou ainda um pouco, e a devoção o dia todo" (85). Poucos dias depois: "Sentimento muito vivo, reverencial e amoroso da presença do Pai no Cânon da Missa, e confiança viva e amorosa para com o Filho. Este sentimento durou até depois da Comunhão. A compunção até a tarde" (86). E assim ainda muitas outras vezes: quase como um refrão (87).

A permanência desta chama interior acesa no coração de Pe. Gaspar pela celebração sacramental devia trazer como consequência prática uma certa ligação entre Eucaristia e sua atividade exterior. O "Memorial Privado" tem notas significativas também a esse respeito. "De- pois da Missa, durante a ação de graças, um sentimento mais vivo de fé - escreve no dia 11 de julho de 1808 - na presença de Nosso Senhor e muita confiança; um sentimento também de me oferecer para sofrer com Ele, e por Ele, qualquer vexame" (88). Daí a alguns dias: "Na Missa recebi do Senhor, de presente, um atual e contínuo oferecimento do meu trabalho em união com o santo Sacrifício, com muita suavidade" (89).

Interessante também a anotação do dia 11 de setembro de 1808: "No final da Missa, grande recolhimento e modéstia: durou pouco, porque tive que me ocupar no

exercício da caridade externa" (90). O fato não pode certamente causar espécie, quando se pensa na grande quantidade de trabalho apostólico desenvolvido por Pe. Gaspar. Não obstante, desse seu reconhecimento de se ter talvez "desviado" confirma-se que o caminho por ele procurado era o de levar na vida vivida a presença de Cristo realizada sacramentalmente na Eucaristia. Seja-nos pois permitido apresentar a respeito da união entre Eucaristia e trabalho apostólico o comentário feito em nota pelo Pe. José Stofella. "Pe. Gaspar parece sentir-se culpado - diz o autorizado estudioso do Fundador - por ter-se "desviado" depois de uma insigne graça de oração. Nós lhe diremos que aquilo, substancialmente, não foi senão deixar Deus por Deus" (91).

VI. O ESPÍRITO SANTO E A LEI EVANGÉLICA

24. "A PRESENÇA DO ESPÍRITO SANTO"

"Na Lei evangélica - diz Pe. Gaspar em um sermão: digno de nota porque dedicado a um tema tão complexo - duas coisas devem ser consideradas: a primeira é a graça do Espírito Santo, a segunda é a letra do Evangelho. Mas a principal é a própria graça do Espírito Santo dada aos fiéis: que S. Paulo chama "Lei da fé, Lei do Espírito da Vida em Jesus Cristo (cf. Rm 3, 27 a 28, 2). E quais são estas leis de Deus, por Deus mesmo escritas nos corações, pergunta S. Agostinho, se não a própria presença do Espírito Santo?" (92). "O Espírito Santo nos é dado - insiste ainda Pe. Gaspar nos "Exercícios ao Clero" - não só enquanto recebemos em nós seus dons, mas porque sua própria Pessoa vem até nós, e com ela vem a Trindade divina" (93).

Desta presença pessoal do Espírito Santo e da Trindade, ou inabitação, Pe. Gaspar fala amplamente no sermão sobre "O NOSSO CORAÇÃO FEITO TEMPLO DE DEUS" : e o faz com termos sugestivos, que parecem também revelar uma certa forma de experiência. "Eu não sei como explicar-me a origem de um santo pensamento que se formou em minha mente e aí permaneceu sempre com grande constância, para poder comunicá-lo hoje a todo este devoto auditório. Parece-me que Deus neste dia peça a cada um de nós o nosso coração, porque Deus o quer consagrar fazendo dele um templo onde Ele próprio habite. Ouvi como fala o Apóstolo: "Não sabeis que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?" (1 Cor 3, 16) (94).

"Que felicidade, meus irmãos - exclama Pe. Gaspar - ter Deus dentro de nós! Ele é o sumo bem que pode preencher perfeitamente todas as nossas potencialidades, porque nele estão reunidas todas as perfeições e se encontram todos os gostos para

satisfazer cada coração segundo a própria inclinação. Por isso Ele em um lugar da Escritura é chamado "maná escondido" (Ap 2, 17); e em outro lugar fala assim: "Põe tuas delícias no Senhor", ó coração humano: "Ele atenderá todos os teus desejos (Sl. 36, 4)" (95).

25. "A GRAÇA DO ESPÍRITO SANTO"

No Sermão sobre A LEI EVANGÉLICA Pe. Gaspar quer mostrar também a riqueza dos frutos de graças operados pelo Espírito Santo presente na alma. Começando pelo fruto fundamental: a graça santificante, que em Cristo nos torna filhos do Pai. "Os Hebreus tiveram na Lei antiga promessas temporais, porque eram "servos", e assim Deus pagava pontualmente cada dia o seu salário; nós somos "filhos", e como tal nosso Pai celeste nos dá não o pagamento diário, mas nos prepara a herança que nos convém. Talvez porque o mercenário pode mostra o pagamento na mão, dizemos que é mais rico que o filho que espera a herança, ao qual o Pai diz: Tudo o que é meu é teu? Não, certamente" (96).

"Mas a nossa riqueza - prossegue Pe. Gaspar - não está só no direito à herança futura: também aqui temos a posse de muitos bens eminentíssimos. A SABEDORIA: que é própria de todos aqueles que receberam o Espírito e a infusão dos seus dons. Que direi, pois, da "caridade derramada em nossos corações"(Rm 5, 5)? Que coisa mais suave que ser guiados e dirigidos pelo Espírito de amor?" (97).

"Que coisa mais doce, mais agradável, mais alegre que o amor? continua ainda Pe. Gaspar, ilustrando o valor da caridade, inseparável da graça santificante. Que coisa mais suave que ser guiados e dirigidos pelo Espírito de Amor? Este é o sinal especial característico dos que na nova Lei receberam a 'adoção de filhos': pois 'todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus'" (Rm 8, 14) (98).

26. "A BELEZA DA GRAÇA"

"Aqueles pensamentos celestes que o Espírito Santo comunica à alma em graça inflamam seu coração de amor. Transcrevemos alguns trechos do sermão sobre A BELEZA DA GRAÇA" (99) - e pelo próprio Espírito são ordenados e endereçados a Deus. Ele suplica e reza por todo o corpo da Igreja. E quando avança em anos, mais lhe cresce o fervor; e com maior rapidez se apressa em correr quando percebe avizinhar-se da sua vitória. Pois a oração eleva-lhe a mente da terra para Deus, e com a oração ele atrai o Espírito de Deus" (100).

"Entrai um pouco dentro de vós - exorta Pe. Gaspar neste ponto. Lá possuis uma beleza tão amável? Estais no estado tão desejável da Graça de Deus? Se a Graça de Deus está em vós, que resoluções não tomareis para não perdê-la jamais! Como não vos esforçareis com a ajuda de Deus para aumentá-la e desenvolvê-la cada dia mais?" (102).

"Já não tendes ouvido - assim Pe. Gaspar retoma e reforça a idéia de que a vida divina da graça não é somente conservada, mas desenvolvida até a maturidade em Cristo - que a estrada dos justos é como a luz resplendente do sol, que nasce, cresce e segue sempre, até que chegue ao perfeito meio-dia? (cf. Prov 4, 180). E que o Senhor preparou em vosso coração muitos degraus, quase uma escada, até que chegueis a ver a face do vosso Deus lá no Céu?" (103).

27. "AS DIVINAS INSPIRAÇÕES"

"Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus". (Rm 8, 14): são conduzidos para que se movam e trabalhem - diz Pe. Gaspar, desenvolvendo o conhecido texto Paulino em uma instrução sobre o tema VIVER SEGUNDO O ESPÍRITO (104) -. O Espírito do Senhor como investiu Sansão (cf. Jz 14, 6), assim investe cada justo, para que ele execute obras espirituais e heróicas. Portanto o Espírito domine, governe a nossa vida, como um piloto governa a nave e um cocheiro o seu coche. Não só o corpo, mas também a alma deve estar sujeita às rédeas do Espírito: o Senhor quer que ao Espírito estejam sujeitas todas as potências da alma. Não basta o Batismo e os Sacramentos; se depois não te deixares guiar pelo Espírito, perdes a adoção" (105).

Assim Pe. Gaspar ilustra um outro aspecto essencial da doutrina sobre o Espírito Santo. Além do que, através da graça - comunicada à alma pelo Batismo e pelos sacramentos como sua dotação habitual, o Espírito Santo age na vida das pessoas e da Igreja, mediante intervenções atuais, que são as inspirações. A Escritura nos diz: e a teologia confirma o testemunho bíblico com a doutrina tradicional dos "Dons do Espírito Santo", interpretando exatamente os sete dons como disposições subjetivas aptas para captar e seguir as inspirações (106).

"Estas inspirações - afirma Pe. Gaspar escrevendo à Naudet - são como os embaixadores que precedem os grandes do mundo. Querem pois os embaixadores de Sua divina Majestade ser bem aceitos e ouvidos, e deve-se fazer tudo o que eles querem; porque depois deles virá o Senhor dos Céus e da terra. Preparai, pois, preparai acomodação para tão grande Hóspede!" (107).

VII. INICIATIVA DIVINA E CORRESPONDÊNCIA HUMANA

28. “TEMO QUE JESUS PASSE ADIANTE”

"Timeo Jesum transeuntem": Temo que Jesus passe adiante" (108): é uma frase de S. Agostinho que Pe. Gaspar escreveu no "Memorial Privado" no mesmo dia em que começa os Exercícios Espirituais de 1808 (109). Provavelmente é reflexo de um apelo do pregador para corresponder bem à graça dos Exercícios. No mesmo dia escreve ainda: "Uma graça correspondida merece a segunda" (110).

A graça especial de um curso de Exercícios lembra evidente- mente com particular força uma exigência de ordem geral que já foi expressa muitas vezes por Pe. Gaspar: que, isto é, à iniciativa colocada em ação por Cristo para a salvação e santificação do homem, o homem corresponda de sua parte com a contribuição da "própria solicitude" (111). "Devemos sobre- tudo cuidar para não estar em falta com o Senhor escreve ainda no "Memorial Privado" -: seguros que da sua parte Ele não fica em falta conosco" (112). Também significativa é a anotação com que se refere, admirado, ao exemplo de uma santa, provavelmente S. Teresa de Avila: "Reunia tal força e coragem que a tornavam inalterável diante de todos os obstáculos que pudessem atrapalhar seus intentos. Isto era fruto de sua segurança interior que tinha de seguir a vontade divina, e da viva fé que nada pode impedir a Deus de conseguir o que estabeleceu. Nada temia a não ser não corresponder, como devia, às graças do Senhor.

Com particular largueza e vigor Pe. Gaspar fala da correspondência à graça da vocação consagrada. Nos "Exercícios ao clero" dedica-lhe três "Instruções", nas quais desenvolve o tema: quanto maior é o dom da vocação consagrada, tanto maior deve ser o esforço para corresponder-lhe, e tanto mais grave, ao contrário, as consequências derivadas da não correspondência. (114).

29. "VONTADE, NÃO VELEIDADE"

"Há alguns que têm bons propósitos e desejos, mas jamais se decidem a vencer-se e fazer todo o esforço para colocá-los em ação. Estes, muitas vezes, não são verdadeiros propósitos nem verdadeiros desejos, mas só veleidade, que queriam mas não querem: "O preguiçoso quer e não quer ao mesmo tempo" (Pr 13, 4). Este é um dos muitos trechos tirados da obra do Pe. Afonso Rodriguez, SJ, "Exercício de Perfeição", que Pe. Gaspar havia copiado nos primeiros anos do seu sacerdócio (115). Por sua

conta, pois, ele anota no seu "Memorial Privado": "Tudo se resume em servir a Deus custe o que custar. É necessário, pois precaver-se contra as veleidades. A veleidade diferencia-se da vontade no seu efeito: a primeira começa a ceder diante das dificuldades e faz a gente se desencorajar; a segunda insiste, firma-se e se fortalece" (116).

Se a problemática da nossa salvação dependesse só de Deus, ninguém se condenaria: "Não quero a morte do pecador... (Ez 33, 11). Mas já que ela depende também da nossa cooperação, e esta normalmente é defeituosa, muitos acabam se perdendo. É muito perigoso ouvir a palavra de Deus, sem produzir fruto" (117). "Tudo tem o que tem boa vontade", anota no "Memorial" no mesmo dia (118).

Chamado para dirigir os Exercícios ao clero, Pe. Gaspar, introduz neles seus ouvintes com uma exortação para o esforço e a correspondência à graça do Senhor. Apresenta-a na forma de oração. "Senhor, que quereis que eu faça? Cabe a Vós prescrever-me em que devo principalmente trabalhar nestes dias de retiro, que são dias de salvação; e cabe a mim, ainda que me custe, afastar os obstáculos contrários aos vossos adoráveis desígnios. Acabai de preparar este coração que quer estar totalmente submisso a Vós e que se retirou hoje do contacto com as criaturas, não por outra razão, senão para receber melhor os efeitos da vossa graça e do Vosso Espírito" (119).

30. "VIGIAI E ORAI"

"Na repetição da meditação do Horto do Getsêmani, observai os discípulos dormirem enquanto Jesus agonizava, e suava sangue por eles: também João que antes dormira sobre seu peito, e os outros depois de haver comungado. Vigiai e orai" (120). É uma nota do "Memorial Privado" na qual Pe. Gaspar chama a atenção, com as próprias palavras do Evangelho, para um outro componente necessário no atuar uma eficaz correspondência humana à graça de Deus: a vigilância sustentada pela oração.

Sobre este mesmo motivo Pe. Gaspar voltará ainda no "Memorial Privado", três anos depois para explicitar, com um comentário original do texto evangélico, o rico conteúdo daquele apelo. "Vigiai e orai. Nisto se resumem todas as outras advertências da Escritura e do Evangelho. 'Vigiai'- é como estar atento e cheio de ânimo, mas sem armas. Não poderá resistir se for atacado: será vencido. 'Orai': é como estar bem armado, mas adormecido; se for atacado será facilmente desarmado e morto à traição. 'Vigiai e orai': eis o homem cheio de força e bem armado. Jamais pode ser vencido" (121).

31. “NA ESCOLA DE DEUS”

“Fazei-nos muito querida, ó Senhor, a escola da oração na qual Vós mesmo sois o Mestre”; pede Pe. Gaspar em uma das "Meditações" feitas no Seminário (122). E completa, em uma cutra daquelas "Meditações": "A escola através da qual Deus ensina é a S. Escritura, e junto com as luzes da oração, as vidas dos santos" (123). "Permanecei na escola de Deus recomendara ao seu querido Pe. Bragato onde "todos serão ensinados por Deus (Jo 6, 45). "Feliz o homem a quem ensinais, Senhor, e instruís em vossa lei" (Sl 92, 120 (124).

Eis uma outra forma capaz de estimular de modo mais verdadeiro e concreto a correspondência à graça divina: a convicção sincera de estar sempre, diante da Palavra de Deus e da Cruz de Cristo, como eternos discípulos, necessitados sempre de aprender, e dispostos a acolher as múltiplas lições do Mestre.

Escola de Deus, por excelência, é a experiência da provação e da cruz. "As obras de Deus têm suas provações, através das quais Deus mostra que é sua mão que as governa e conduz ao fim - escreve Pe. Gaspar a Leopoldina Naudet em um momento de dificuldade em suas obras. Quando, pois, é noite para nós, é dia para Aquele que sabe o que se deve fazer. E nós devemos elevar as mãos para o céu. "Durante as horas da noite levantai vossas mãos para o santuário" (Sl 133, 2). Este é o latim que Deus ensina a todos na sua escola" (125).

Em particular a experiência da doença foi vista por Pe. Gaspar como uma preciosa "escola de Deus". "Eu estou recuperando-me devagarinho - escreve a Leopoldina apenas pôde segurar a caneta depois de uma longa hospitalização. Peço-lhe, por caridade, rezar para que eu saiba tirar fruto da escola que o Senhor se digna oferecer-me" (126). Ainda no leito de morte, naquela penosa condição de prolongada imobilidade que marcou o auge da sua dura experiência de enfermo crônico, ele se mostra solícito em progredir, naquela escola, na sabedoria da Cruz. "Um dia, já no fim da vida - conta Pe. Lenotti vindo visitá-lo dois professores do Seminário, e perguntando-lhe um deles, como estava, respondeu docemente: "Estamos aqui na escola", fazendo assim sorrir os dois sacerdotes, que ficaram edificadíssimos com ele" (127).

32. “PROGREDIR SEMPRE”

"Devemos corresponder - assim Pe. Gaspar em uma das "Meditações" feitas no Seminário - tanto na ação, progredindo de virtude em virtude (cf. Sl 83, 3), das morais às

religiosas, às divinas; quanto na oração, procurando proceder da vida à paixão, à ressurreição de Cristo. Tudo com método, não aos saltos; tudo baseado nas divinas Escrituras, das quais se apreendem sejam os preceitos pela ação, sejam os conhecimentos pela oração" (128).

Pe. Gaspar se preocupa evidentemente em mostrar com termos bastante concretos também o caminho que deve fazer o empenho, voluntarioso e atento, do homem que pretende corresponder da sua parte à iniciativa divina. E o faz do modo mais fiel à tradição da espiritualidade cristã; porque desde sempre aquele caminho foi enquadrado dentro do binário das virtudes evangélicas e da oração.

Todavia merece particular atenção o fato de que Pe. Gaspar acentua a necessidade de progredir constantemente, de melhorar sempre sem jamais se cansar, o ritmo e o vigor do próprio trabalho ascético pelo exercício das virtudes evangélicas e pela oração: "procedendo com método, não aos saltos, tudo baseado nas divinas Escrituras". A idéia do progresso constante, ordenado mas incansável, capaz de superar toda forma de ceticismo ou risco de cansaço, o apaixona intensamente. Até no texto legislativo das "Constituições" ele dá muito relevo a este tema: dedicando-lhe a Parte IV, intitulada justamente "*De Progressu, do proveito*", que desenvolve depois em relação à vida espiritual e da formação cultural (129).

VIII . PROGREDIR DE VIRTUDE EM VIRTUDE

33. "CRESCER NA VIRTUDE COM TODA DILIGÊNCIA"

"Não é preciso, mais, sob o pretexto de não prejudicar um trabalho, ofender alguma virtude, ou somente descuidá-la. Muitos caem neste engano: e a experiência mostra que a obra sai com defeito ou até mesmo acaba destruída; porém, quando a virtude é que conta, a obra se firma, cresce e Deus a protege" (130). É uma anotação do "Memorial Privado" que pretende resguardar contra a cilada de um certo pragmatismo ao qual pode-se encontrar exposto quem está mergulhado na atividade, não excluindo a apostólica.

Uma outra nota, escrita alguns meses depois, realça mais diretamente a exigência positiva do progresso e do contínuo aperfeiçoamento da virtude. "Inspiração de combater tantos os pequeninos como os grandes defeitos, e, de, com toda diligência crescer na perfeição, pois o tempo em que posso servir a Deus, promover a Sua glória e santificar-me a mim mesmo, está se abreviando a cada dia que passa". (131).

Particularmente exigente torna-se o discurso de Pe. Gaspar sobre as virtudes teologais: onde se manifesta o mais límpido possível, mesmo dentro da trama de uma linguagem muitas vezes escolástica, a sua ânsia pelo progresso em relação à intimidade com Deus. "As virtudes teologais, ou seja divinas - escreve à Naudet - se referem a Deus para conhecê-Lo (como a Fé); para apoiar-se Nele (como a Esperança), para aderir a Ele (como a Caridade). Quanto menos nós pensarmos, ou nos apoiarmos, ou nos detivermos nas criaturas, tanto mais estas belas virtudes se fortalecerão e aumentarão. S. Tomás ensina que para fazer crescer uma virtude é necessário executar atos mais intensos e elevados em relação ao nível habitual desta mesma virtude. Daí deriva uma sempre mais assaz fina e delicada exigência para conservar e aumentar estas virtudes teologais, dom excelso e sobrenatural de Deus; graças às quais podemos viver em Íntima e familiar comunicação com o Pai" (132).

34. "OS CAMINHOS ESTREITOS DA VIRTUDE"

"Eis desde o princípio os estreitos caminhos da virtude, que lhe tornam difícil o acesso - adverte Pe. Gaspar na pregação sobre A PERSEVERANÇA, dando assim ao seu discurso uma tonalidade sempre mais concreta -: 'mas quando tiveres entrado nestes caminhos, teus passos não serão dificultosos, e correndo não tropeçarás' (Pr 4, 11-12)" (133). "Vivamos cada dia como se não restasse outro tempo de vida - prossegue naquela pregação. E se nos for concedido viver também amanhã tornaremos a renovar nossos propósitos. O que seria pois de nós se depois de haver feito o principal, que é iniciarmos a viagem, deixássemos de correr? Perderíamos infelizmente aquela meta à qual Deus nos chamou" (134).

Dirigindo-se aos sacerdotes Pe. Gaspar adota, a este respeito, expressões mais exigentes, e às vezes açoitantes. "Onde está nosso progresso na perfeição? - pergunta nos "Exercícios ao clero" -. Decaímos nas virtudes de quando éramos clérigos. Que promessas então, que esperanças! O mesmo se diga quanto à oração, ao recolhimento, ao conhecimento. Sabíamos mais nas aulas. Alguns sacerdotes - chega a exclamar Pe. Gaspar - progridem na ignorância e na malícia" (135).

"Muitos estão nesse engano - retoma nas "Meditações" feitas no Seminário uma reflexão já anotada no MEMORIAL PRIVADO - que para não prejudicar seus trabalhos e empreendimentos, relaxam alguma obrigação; mas justamente por isso se arruinam mais. Jamais desleixar algum ponto de perfeição para não arruinar os empreendimentos!" (136).

35. “BEM-AVENTURANÇAS EVANGÉLICAS: AS VIRTUDES MAIS EXCELENTES”

“As Bem-aventuranças evangélicas contêm as mais excelentes obras de virtude e de dons do Espírito Santo que são propostas como títulos de merecimentos e causas mais próximas da verdadeira felicidade”. É uma afirmação de princípio colocada no início da pregação sobre “As Bem-aventuranças” (137): que permite depois a Pe. Gaspar apresentar, no curso daquela mesma pregação, a face autêntica das virtudes cristãs, segundo o código incomparável do Sermão da montanha, onde o Senhor revela no modo mais claro e eficaz a “Boa Nova Evangélica”. Já foi visto que para progredir na virtude Pe. Gaspar não apela tanto para a ética racional ou do simples bom senso, mas para a S. Escritura, “da qual se apreendem os preceitos para a ação”. O seu ideal, mesmo no que diz respeito à ascética, é sempre “criar em nós uma imagem de Jesus Cristo”.

Isto não quer dizer que ele despreze o significado da ética e da ascética simplesmente humanas. Nas suas pregações e meditações apela muitas vezes aos ditames da sabedoria e da ética próprias da cultura pagã. No próprio “Memorial Privado” apela para o célebre axioma de Ovídio “Afastes os princípios” resiste aos males desde os princípios (138); e apresenta o exemplo de Demóstenes, que para se tornar um bom orador combate e vence alguns defeitos naturais (139).

Mas o seu olhar permanece constantemente voltado para Cristo, verdadeiro Mestre e supremo modelo de todas as virtudes. No final da pregação sobre “AS BEM-AVENTURANÇAS” Pe. Gaspar desdobra uma viva peroração onde exorta os fiéis a manterem elevado o olhar sobre Cristo, sobre os Santos que melhor seguiram suas pegadas. “Coragem, soldados de Cristo: olhar para o alto. Olhai aquelas multidões triunfantes de Santos, revestidos de estolas brancas e vermelhas, com cândidos lírios ou palmas nas mãos. Olhai o glorioso capitão Jesus. Aprendamos Dele a ser mansos e humildes de coração. Não tenhamos sede senão de justiça, nem sejamos inclinados senão à misericórdia. Assim purificado nosso espírito, logo serão vistos os primeiros raios da sua nascente felicidade, que espalharão a paz em nosso coração. E, enquanto os olhos disserem: o Paraíso é belo; o coração sincero dirá: o Paraíso é meu” (140).

36. “O SEGREDO DOS SANTOS”

Há um testemunho sobre a vida ascética de Pe. Gaspar e sua comunidade dos Estigmas que confirma de modo surpreendente o estilo evangélico com que eles

percorriam diariamente o caminho das virtudes religiosas. Trata-se de um texto do Pe. João B. Tomasi, que soube captar "aquele segredo dos santos com os quais eles conciliavam muitas coisas que segundo os critérios humanos são totalmente irreconciliáveis. Eles de fato souberam unir:

- 1 - A busca contínua da maior humildade, tida como característica da sua vida, com uma ilustre fama de santidade.
- 2 - A penitência mais austera com a mais sincera alegria.
- 3 - Um heróico desinteresse e um verdadeiro espírito de pobreza, com as despesas da construção da casa e da igreja, feitas sem dívidas e procurando sem economia a perfeição e o decoro.
- 4 - A disciplina perfeita com a mais variada multiplicidade de trabalhos.
- 5 - A submissão mais completa com o pleno desenvolvimento das atividades particulares dos confrades.
- 6 - O constante estudo e trabalho com a mais sólida piedade." (141).

Ressoam aqui de certo modo, pode-se dizer, as expressões aparentemente paradoxais de S. Paulo quando escreve: "Somos oprimidos, mas não sucumbimos; vivemos em completa penúria, mas não desesperamos; somos perseguidos, mas não ficamos desamparados; somos abatidos, mas não somos destruídos, trazemos sempre em nosso corpo os traços da morte de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nosso corpo" (2 Cor 4, 8-10). São as assim chamadas "antinomias espirituais", tão características da vida cristã vivida segundo o estilo da radicalidade evangélica.

Foi escrito justamente que "as antinomias espirituais da vida cristã florescem todas no Mistério Pascal de Cristo: elas são uma participação ativa da morte e ressurreição do Senhor" (142). A correspondência ativa à iniciativa divina atuada com o "progredir de virtude em virtude" se apresenta pois, conforme o ensinamento e a experiência vivida de Pe. Gaspar, como um momento fundamental do caminho de conformidade a Cristo e da participação ao seu Mistério de morte e ressurreição.

IX. A ORAÇÃO:

"DA VIDA À PAIXÃO, À RESSURREIÇÃO DE CRISTO"

37. COM CRISTO, POR CRISTO E EM CRISTO.

"A oração é como a vida da nossa vida e a alma da nossa alma. É como a respiração" (143). Pe Gaspar exprime assim, em poucas palavras incisivas, o que seja o significado essencial da oração. E justamente pelo papel fundamental que lhe atribui ele salienta também em relação à oração a inseparável conexão com o mistério de Cristo. "Na oração, passar da vida à paixão, à ressurreição de Cristo": é a diretiva que já conhecemos.

Com aquela diretriz Pe. Gaspar alinha-se perfeitamente na tradição espiritual cristã, que sempre colocou Cristo e o seu mistério de salvação no centro da vida de oração: a começar da Liturgia - toda orientada à celebração dos vários momentos da obra salvadora do Senhor, culminando *no* Mistério Pascal - até as expressões mais significativas da piedade pessoal. É bom lembrar a respeitável admoestação da grande mestra da oração, S. Teresa de Jesus: "Sempre reconheci e ainda reconheço - escreve a santa que não podemos agradar a Deus, nem Deus concede suas graças, se não por meio da Humanidade sacratíssima de Cristo. Por isso não quero procurar outro caminho, nem que se esteja no auge da contemplação, porque aqui se está seguro. Deste doce Senhor nos procede todo o bem. Ele nos instruirá. Feliz a alma que o ama verdadeiramente e sempre o tem consigo" (144).

Pe. Gaspar, pessoalmente, em sua vida de oração se mantém sempre fiel àquela norma. Basta que se lembre aqui que seu livro preferido de meditação era o obra clássica das "Meditações" do Ven. Ludovico da Ponte (145), centralizada nos mistérios da Humanidade de Cristo. Na orientação das meditações aos seus ouvintes dos Exercícios, ele se mantém escrupulosamente fiel às orientações de S. Inácio: que no seu clássico Livro propõe justamente a meditação dos mistérios da vida do Senhor (146).

38. A SABEDORIA DA CRUZ

"Na oração comece por Cristo e sua Paixão, depois deixe o espírito livre, se Deus o atrair" (147). Nesta anotação do "Memorial Privado" - que é claramente um propósito pessoal - manifesta-se a propensão particular de Pe. Gaspar pelo mistério da Paixão e da Cruz do Senhor. De outras anotações daquele breve diário pode-se salientar quão

profunda- mente estivesse impressa a imagem do crucifixo no espírito de Pe. Gaspar: e como esta piedade fosse animada sobretudo pelo desejo de participar dos seus sofrimentos. "Fazendo a Via Sacra, na primeira estação - escreve em 24/10/1808 - pude ouvir: Se eu, inocente, deixo-me condenar, por que você, réu de mil culpas, deseja, com tanta solicitude, ser justificado por tudo perante os homens?" (148). Depois aparece aí expresso com insistência o "grande desejo de união e de participação às suas penas e ignomínias" (149); a "disposição para aceitar as ignomínias por Cristo" (150); o "sentimento de me oferecer para sofrer com Ele e por Ele qualquer vexame" (151).

No ministério da pregação ele se sente, como S. Paulo, "mandado a anunciar o Evangelho não com palavras sábias, para que não se torne vã a cruz de Cristo. Não se deve dar aos homens a ilusão de que eles possam chegar à fé e conseguir a salvação em força da eloquência humana, enquanto isto só é possível graças à Paixão de Cristo. A palavra da cruz é estultícia para os que se perdem; mas para os que se salvam, isto é para nós, é poder de Deus. De fato para quem se encontra em sofrimentos e humilhações mesmo as mais graves é possível sair vitorioso com a força imensa de Cristo: que humilhou-se a si mesmo tornando-se obediente até a morte e morte na cruz" (152).

"Não permitiu jamais que tudo o que sabia o desviasse - assim Pe. Giacobbe compendia felizmente a sabedoria da Cruz própria de Pe. Gaspar daquela sabedoria sublime de saber unicamente o seu Senhor Crucificado" (153).

39. UMA PEDAGOGIA DA CRUZ

A centralidade do Crucifixo na vida de piedade, conforme Pe. Gaspar, se manifesta também em algumas escolhas, de ordem pedagógica, que caracterizam alguns momentos importantes do seu ministério.

"Ao toque do sino - este testemunho se refere à vida do Oratório Mariano - entrava na igreja de S. Paulo e aí com alguns dos jovens mais fiéis do Oratório, e dos que gostavam de unir-se a ele, fazia a "Via Sacra". Terminada esta meditação, dava-se início à aula de catecismo, para a qual não faltavam nem professores nem auxiliares: porque os que tomavam parte na "Via Sacra" já estavam prontos e bem dispostos para este dever de caridade cristã" (154).

"Terminada a Missão de S. Firmo, para manter o fruto dela Pe. Gaspar fazia todos os dias a "Via Sacra" - é um testemunho relativo ao ministério missionário; e tendo

resolvido que tal exercício fosse uma continuação das missões, elaborou o conteúdo das meditações de tal modo que servisse para converter os pecadores como para confirmar os bons. À "Via Sacra concorria diariamente um grande número de pessoas, e se percebia o fruto pelas muitas conversões e o grande afervoramento da piedade" (155).

Entretanto nos Estigmas com os primeiros companheiros, e reabrindo a igreja ao culto em 1822, Pe. Gaspar instituiu aí a celebração do pio exercício da Boa Morte, às tardes de todas as sextas-feiras, em honra da Paixão e das Cinco Chagas do Senhor. Ele mesmo a descreve assim: "Primeiro se cantam os passos da Paixão; depois, pelo espaço de meia hora se faz uma pregação moral com a intensão de promover todas as virtudes cristãs, mas sobretudo a devoção para com o Crucifixo; e logo segue a adoração das Cinco Chagas, que consiste em algumas orações apropriadas" (156). Basta salientar, por enquanto, que com isto Pe. Gaspar encontrou logo um meio prático de colocar o Crucifixo no centro da vida de piedade da sua comunidade e dos fiéis que frequentavam a igreja dos Estigmas.

40. "OLHAI ESTE CORPO DILACERADO PELAS FERIDAS!"

Os conteúdos essenciais da contemplação do Crucifixo, habituais para Pe. Gaspar, encontram a mais completa expressão nas suas pregações sobre "A Paixão" (157).

A dor sofrida por Cristo se mostra como a maior das dores, porque foi-lhe reservada "a mais pérfida traição", "a sentença mais injusta", "o suplício mais torturante" (158). "E tanto estas penas ultrapassam a humana experiência ou juízo, quanto os sentidos de Jesus são mais perfeitos e por isso mais capazes de padecer" (159).

"Que ferida mais acerba para um coração amoroso - exclama Pe. Gaspar elevando-se assim também à contemplação dos sofrimentos morais de Cristo - ao ver-se não só condenado à morte, mas sentir-se até na morte, insultado por aqueles mesmos por cuja salvação ele morre! Que chaga profunda naquele coração já compungido e ferido pelos pecados de todos os homens que existiram e que existirão até o fim!" (160).

No fundo desse mar de dores Pe. Gaspar divisa o amor que impeliu Jesus a doar sua vida por nós na cruz; um amor que porém não atenua, mas aguça mais as penas da paixão. "Mas a força do vosso amor não diminui vossas dores, ou ao menos vossa

tristeza interior? Aquele amor tão forte que Vos faz dizer: "Tenho sede": sede da salvação das almas, sede de padecer ainda mais pela sua salvação? Ah! irmãos responde Pe. Gaspar - ao contrário aumentam desmesuradamente suas penas" (161).

"Olhai este corpo - é então o convite feito por Pe. Gaspar aos fiéis, para que dêem antes de tudo a resposta de uma terna compaixão - dilacerado por tantas feridas que não só lhe tiraram toda beleza, toda graça, mas até mesmo a figura de homem! Olhai esta cabeça traspassada por tantos espinhos; estas mãos, estes pés chagados; este lado aberto! Fixai também aqui o vosso olhar, e com a dor que vos fará conceber uma tal visão saciai também a ânsia do vosso coração, porque não podereis chorar tanto quanto ele merece ser chorado. E vós, ó Jesus, vede a compaixão que por vós mostram estas almas tão piedosas. A vós, agora, compete falar-lhes e dizer-lhes como podem consolar o vosso Coração assim traspassado" (162).

41. "A COMPAIXÃO NÃO DEVE TERMINAR TODA NO PRANTO"

A compaixão suscitada pela contemplação do Crucifixo não pode resolver-se em um simples sentimento, embora apreciável. "Não, não, não queremos fiéis, que toda sua compaixão termine com as lágrimas - acrescenta Pe. Gaspar, voltado para o Crucifixo - mas a compaixão que sentem por Vós serve para movê-los a consolar-Vos com suas obras. Já se dispõem a Vos oferecer um coração livre de todo mau afeto, pensando já no modo, nos meios, no momento para deixar inteiramente o pecado, ou para despojar-se daquele defeito que mais Vos desagrade, para começar uma forma de vida virtuosa conforme o vosso desejo" (163).

Da compaixão, pois, deve-se passar ao propósito e à ação. Antes de tudo a luta contra o pecado: para colocar em ação o esforço pessoal à morte do pecado" que teve início com os Sacramentos. Depois o esforço para dar uma resposta séria de amor ao amor demonstrado por Jesus na sua paixão. Quando, como conclusão, dos Exercícios ao clero, Pe. Gaspar desenvolver a inaciana "Contemplação para excitar o amor" (164), o apelo à paixão e ao Sangue do Redentor constituirá o motivo dominante para estimular o amor mais sincero e ativo a Deus.

"Refleti que este Homem-Deus é trecho central daquela 'Contemplação' - desde o primeiro momento da sua vida até sua morte, consagrou-se de tal modo a vós e à vossa salvação, segundo a ordem do Pai e os impulsos do seu amor, que não agiu senão por vós. Ele não se encarnou senão por vós, não agiu, não falou, não padeceu

senão por vós; enfim não viveu, não morreu senão por vós; não querendo que ficasse uma só gota de sangue em suas veias, porque Ele quis derramar tudo por vós. Ele pediu ao Pai que os merecimentos de sua Paixão fossem aplicados a vós de um modo especial: e é em virtude desta oração que se viu o sinal sincero do seu amor especial por vós" (165).

42. "IMAGINAI VÊ-LO TODO VIVO E LUMINOSO"

Da paixão à ressurreição. "Terminados nos dias passados os lamentos da penitência, consumada neste dia a vossa justificação, eu vos vejo, ressuscitados em Cristo, caminhar alegres na novidade da vida, apressar-vos, solícitos, com os discípulos, para ver Cristo na Galileia" (166): É o início da pregação sobre "A vida espiritual", do segundo Domingo da Páscoa. Prossegue depois Pe. Gaspar: "Falo pois com homens que do temor e da contrição ascendem com segurança à confiança na Misericórdia divina; que da alegria do mundo já passaram - pela compunção e tristeza que é conforme a Deus - a uma santa e devota exultação, a uma viva alegria espiritual no Espírito Santo; homens aos quais não só dá pena a lembrança das culpas passadas, mas sobretudo os alegra a memória e os inflama o desejo dos prêmios eternos" (167).

Seguindo pela contemplação o itinerário de Cristo, Pe. Gaspar acha pois natural - conforme a diretiva por ele traçada - que se passe da amorosa compaixão pelas dores do Crucificado à visão da glória do Ressuscitado, à alegria da nova vida e à esperança da vida eterna, capazes de antecipar já aqui na terra, de algum modo, a condição feliz do Céu.

"Imaginaí vê-Lo como apareceu aos discípulos todo vivo e luminoso - diz ele nos "Exercícios ao clero", convidando os ouvintes a se deterem na contemplação do Ressuscitado - com as cicatrizes das Chagas, enquanto vos chama ao Céu, para onde se dispõe a voltar: "Eu vou preparar-vos um lugar" (Jo 14, 2). Pedi a graça de participar desta alegria luminosa do Salvador" (168).

43. "A VOSSA VIDA ESTÁ ESCONDIDA COM CRISTO EM DEUS"

"A vida gloriosa assumida por Cristo na sua ressurreição foi verdadeiramente uma vida nova. Se quisermos que em nós também a ressurreição seja verdadeira e perfeita, é preciso que nos transformemos naquela vida nova, e nos reformemos no interior e no exterior. Como "Cristo ressurgiu, também nós caminhamos para uma vida nova (Rm 6, 4)". Assim prossegue Pe. Gaspar nos "Exercícios ao clero" (1690: lembrando

que da contemplação de Cristo ressuscitado é justo tirar, junto com a glória e a esperança, também o propósito prático de abrir a própria vida à luz e à força renovadora da Páscoa.

"Do Cristo ressuscitado impassível continua ainda Pe. Gaspar, descendo a anotações muito concretas - nos convém imitar uma feliz insensibilidade a todas as coisas secundárias da vida humana: "De fato estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus" (Cl 3, 3): uma tranquilidade inalterável de espírito, uma admirável paz de coração.

A deslumbrante claridade que reveste a nova vida de Cristo deve espelhar em nosso intelecto aquela sabedoria cristã que o eleva acima de todas as coisas criadas e lhe faz ver Deus em si mesmo: donde provém, pois, mediante a oração, um claríssimo e prático conhecimento de tudo o que se refere à nossa salvação e perfeição.

Ao dom da agilidade que transporta em um piscar de olhos de um lugar a outro o Ressuscitado, deve corresponder a prontidão do sacerdote e o seu fervor nas obras para fazer o bem e agradar a Deus.

Ao dom da subtileza, que torna o corpo espiritual e o faz penetrar em toda parte, deve corresponder no sacerdote uma vida segundo o espírito, vida de fé viva, de fé independente da atração dos objetos sensíveis. Esta vida é o efeito da morte espiritual" (170).

X. A DEVOÇÃO AOS SAGRADOS ESTIGMAS DE CRISTO

44. UM TÍTULO, UM PROGRAMA

A Congregação fundada por Pe. Gaspar traz o título de "Sagrados Estigmas de N. S. J. C.", ou seja das Cinco Chagas do Senhor. Isso foi requerimento à S. Sé logo depois da morte do Fundador - na sua extrema humildade ele jamais se ocupara com problemas desse gênero (171) - pelo Pe. João M. Marani: com uma petição que indica sua origem e faz intuir também sua motivação.

"Parece ao indigno e humilde abaixo-assinado assim Pe. Marani ao S. Padre - poder suplicar à Vossa Santidade de honrar este Instituto Religioso com o título dos Sagrados Estigmas, tendo sido até agora esta Congregação reconhecida com tal nome, devido a igreja anexa à própria sede: igreja dedicada aos Estigmas de S. Francisco. Se agradar a Vossa Santidade que o novo Instituto seja assim chamado, pediria humilde-

mente declarasse que com tais palavras se entendam os Estigmas, ou Chagas, de nosso divino Redentor, que foram o preço e a causa da nossa copiosa Redenção" (172).

Como base do pedido deste título há efetivamente, a tradição de uma sentida e constante devoção às cinco Chagas do Senhor, cultivada por Pe. Gaspar e sua comunidade. O piedoso exercício da Boa Morte - que deve ser ligado, historicamente, com o grande movimento de devoção às Cinco Chagas começado no século XVII pelo Ven. Vicente Carafa (173) - tinha o seu momento culminante na recitação da Coroa das Cinco Chagas. Também a festa das Cinco Chagas era celebrada regularmente, e com solenidade, pela comunidade dos Estigmas, na sexta-feira da III Semana da Quaresma (174).

A propósito da festa das Cinco Chagas, há um testemunho significativo dado pelo bispo de Verona, D. Benedito de' Riccabona, no ato de comunicar ao Pe. Marani a concessão pontifícia do "Decreto de Louvor" para a Congregação. "Enquanto lhe participo esta notícia, acrescento a observação de que tal graça foi concedida no dia em que se veneram as Cinco Chagas do Senhor. Esta circunstância não a creio um acaso fortuito, mas uma disposição particular da Divina Providência que "dispõe com excelente bondade todas as coisas" (175).

45. UMA DEVOÇÃO VIVIDA

A devota e profunda devoção de Pe. Gaspar dedicada aos SS. Estigmas de Cristo é relevante não só nos exercícios de piedade por ele promovidos para a comunidade, mas também nas expressões ocasionais que aparecem nos seus escritos.

"Olhai estas mãos, estes pés, chagados; este lado aberto": diz na pregação sobre "A Paixão" já lembrada (176). E logo reza, voltando-se para o Crucifixo: "Quando os fiéis vierem agora beijar as vossas Chagas e suas lágrimas se misturarem com o Vosso Sangue, possam compreender e cumprir o que para vossa reparação vós pedirdes aos seus corações naquele momento" (177).

"Se não tendes asas de águia para voar até as estrelas, tende as penas da simples pomba que faz seu ninho nos penhascos, e meditai as feridas de Jesus Cristo é o conselho que dirige aos seus ouvintes nos "Exercícios, com as palavras de Tomás de Kempis -. O humilde Francisco encontrou mais santidade na meditação da paixão de Cristo, que todos os sábios na contemplação do céu" (178).

"Consideremos as condições e o caminho para chegar ao Céu - exorta ainda nos "Exercícios", depois de haver convidado os ouvintes a contemplar o Ressuscitado 'tão vivo e luminoso, com as cicatrizes das Chagas'-. Cristo aí entrou com as cicatrizes das suas Chagas: eis o preço com o qual comprei este reino; nem se pode obter por menos" (179).

"Lembraí-vos continuamente, carregando algum distintivo de honra com que Deus vos agraciou e o vosso Soberano - escreve em uma carta ao Pe. Bragato que 'quanto mais fordes elevado, tanto mais vos humilhareis em tudo' (Eclo 3, 20); e se não podeis estar em uma cela com o corpo, estejais com o espírito 'nas fendas do rochedo' (Ct 2, 14), nas Chagas do nosso amabilíssimo e humílimo Salvador, onde eu vos deixo, abraçando-vos de todo o coração" (180).

"No mais ficai alegre - este é um outro trecho da carta a Pe. Bragato e quando vos ocorrer um pouco de alegria, voai com o pensamento ao quarto de Pe. Miguel; senão tendes sempre as asas prontas para pairar sobre as nuvens no seio do vosso Deus, e nas Chagas gloriosas do vosso Salvador. Sentai aí como um do seu Povo, na beleza daquela paz" (181).

46. UMA DEVOÇÃO FECUNDA

"Nos sermões que fazia às sextas-feiras, e que eu ouvi muitas vezes, Pe. Gaspar falava com tal suavidade e zelo, que o coração de quem o escutava ficava não só persuadido, mas comovido e penetrado de modo particular": assim se exprimiu o Card. Luís di Canossa, dando um testemunho assaz eloquente sobre a validade e a fecundidade espiritual da celebração em honra das Cinco Chagas, instituída por Pe. Gaspar na igreja dos Estigmas (182).

Daqueles sermões - que, na medida do possível, quis ele fazer sempre pessoalmente, tanto lhe era querida tal celebração - não possuímos nenhum vestígio. Pode-se descobrir um pouco o conteúdo - em relação ao mistério dos SS. Estigmas - pelos manuscritos dos seus filhos que o substituíram nas suas ausências forçadas, e que certamente espelham com fidelidade o pensamento do Fundador (183). Eis alguns trechos:

"Eu vos pergunto: viestes ao menos uma única vez aos pés deste Crucifixo - assim Pe. Carlos Fedelini - e não é verdade que se estáveis amargurados pela culpa, pelas tentações ou qualquer adversidade, ficastes consolados com a visão

das suas Chagas? Que consolação vê-Lo com aqueles braços abertos como para abraçar-nos a todos em seu peito! Ver aberto o seu Coração, como para mostrar que nos quer esconder todos lá dentro!" (184).

"Cristo delineou seus fiéis sobre suas mãos - é um outro trecho de Pe. Fedelini - com as cicatrizes das feridas recebidas, as quais sempre trará consigo: aí as delineou com seu Sangue, e de um modo tão profundo que nem o tempo nem a eternidade as poderá jamais apagar" (185).

Pe. Bragato se inspirou nos Estigmas de S. Francisco para lembrar que eles provocaram no santo de Assis uma dor atroz, "muitíssimo semelhante àquela experimentada pelo Crucificado". Mas para demonstrar pois que essas se transformarão em gloriosos troféus de vitória, passa a ilustrar assim os Estigmas de Cristo Ressuscitado: "Não é por esses Sinais que o Rei da glória se faz reconhecer por todos? E não é justamente em relação a esses Sinais que ele recebe a adoração de todos os Santos que cercam o seu trono? E não é com a luz fulgurante destes Sinais que Ele clareia e ilumina toda a Cidade santa? Certamente, eu não duvido que será tanta a beleza e a luz que também Francisco brilhará no céu com seus Estigmas gloriosos, formando um claro reflexo de maravilhosa beleza com o esplendor que sai das Chagas de Cristo" (186).

47. UMA DEVOÇÃO ATUAL

"Este é o sentido profundo do Ano jubilar - são palavras de João Paulo II aos Bispos em uma audiência do Ano santo de 1983: ao se completarem os 1950 anos deste Acontecimento que trouxe novamente ao mundo a esperança, era justo que a Igreja se colocasse com mais intensa adoração e gratidão aos pés do seu Senhor, para contemplar os "sinais dos cravos" e a "ferida do lado", e reconhecer no sangue jorrado daquele manancial o batismo que a purificou" (187).

As autorizadas expressões do S. Padre são um sinal de atenção para os SS. Estigmas do Senhor de excepcional valor. Mas não é uma exceção. A Liturgia renovada depois do Concílio, demonstrou uma notável abertura para com o mistério dos Estigmas do Senhor, ao qual dedica textos significativos de oração e leitura, especialmente no Tempo Pascal (188).

A abertura da Liturgia se enquadra no movimento teológico que renovou a visão do Mistério Pascal: reafirmando a unidade da morte e ressurreição de Cristo como

momentos inseparáveis de um único evento salvador. É justamente tal unidade do Mistério Pascal - presente na visão bíblica e patrística, e respeitavelmente sancionado pelo Concílio (189) - que é expressa em modo quase modelar na realidade dos SS. Estigmas. Estes de fato representam ao mesmo tempo o momento mais atroz da paixão do Crucificado, e o glorioso troféu do Ressuscitado: e significam portanto todo o mistério Pascal em toda sua perfeição e na riqueza do seu infinito valor salvífico.

A devoção aos Sagrados Estigmas do Senhor cultivada por Pe. Gaspar e pela sua comunidade - rica de conteúdo e concreta nas suas aplicações às exigências da vida espiritual - representa para a Congregação estigmatina uma preciosa herança, a qual ela é chamada hoje mais que nunca, a valorizar no seu interior e testemunhar à Igreja.

XI. O SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

48. "O SÍMBOLO MAIS FELIZ DO AMOR"

"O lado aberto depois da morte, só para mostrar aquele coração, o próprio coração ferido pela lança, a ferida conservada no corpo glorioso, são um símbolo tão suave, evidente, divino, que é impossível venerar o coração ferido sem recordar e venerar seu imenso amor" (190). Com estas expressões, tiradas da pregação sobre "O Sagrado Coração - pequeno tratado, em que a devoção ao Sagrado Coração é apresentada no seu conteúdo, e defendida contra as contestações dos Jansenistas (191) - Pe. Gaspar aproveita bem o fundamento e o significado essencial daquela devoção.

Ressoa nas palavras de Pe. Gaspar a intuição famosa de S. Bernardo da qual tirou proveito - segundo os estudiosos - toda a história da devoção ao S. Coração: "*Patet arcanum cordis per foramina corporis*: através das feridas do corpo manifesta-se o mistério do coração" (192). Sobretudo, naquela ótica que vê o Coração através da ferida do lado, Pe. Gaspar descobre na sua verdadeira luz o motivo profundo da devoção.

O Coração de Jesus, de fato, é o sinal mais eloquente do amor divino - "podia a Igreja encontrar símbolo mais feliz do amor?" Pergunta Pe. Gaspar na mesma pregação - mas trata-se não só do simbolismo comum que na mentalidade atual une o coração e o amor. Trata-se sobretudo do fato de que o Coração de Jesus "é o manancial do sangue espalhado por nosso amor, é o instrumento perfeitíssimo nos quais se produziram e se produzem sempre sensíveis os efeitos invisíveis e inefáveis da sua caridade" (192): é, em suma, o símbolo daquele amor que com o sangue deu toda a vida por nós.

49. RESPONDER AO AMOR

"Porque mostras ao homem o teu coração" (cf. Jó 7, 17). Tanta industria de amor é para provocá-lo a te amar" (193): diz Pe. Gaspar, voltando-se ao Senhor. E esclarece depois, em termos muito concretos: "O elogio mais belo desta devoção é a piedade sólida de quem a professa; e talvez o maior obstáculo para professá-la é o fato de que ela exija não só atos exteriores ou qualquer fórmula de oração, mas uma habitual gratidão amorosa e um sincero fervor" (194). A atitude de amor, de um amor generoso e fervoroso, é pois, a primeira resposta que o homem deve dar ao amor do Coração transpassado de Cristo.

Com o amor, a familiaridade e a confiança. "Ah, Coração amável do meu Jesus - exclama ainda Pe. Gaspar - quem jamais vos encontrou avesso a sentir piedade das suas misérias, ou duro para acolher seus pedidos, ou severo para dar-lhes o perdão das culpas?" (195).

Também a reparação pelos pecados faz parte da devoção ao S. Coração. "A Igreja vê tornar-se frequente cada primeira sexta-feira do mês a Comunhão, renovar o fervor da devoção ao Santíssimo Sacramento, lotar as igrejas e os oratórios nos dias mais licenciosos do Carnaval; para reparar as ofensas feitas ao amor de Jesus vê celebrar-se uma festa solene, e alegre não tanto pela pompa exterior, quanto pela piedade, a ternura e o amor dos devotos" (196).

Depois ainda a imitação, que Pe. Gaspar não teme propor em termos como os seguintes: "Examine-se se a sua oração e seus santos desejos estão imitando a oração e os desejos santíssimos do Coração de Cristo, mortal e passível neste mundo, glorioso e imortal no Céu e na SSma. Eucaristia, em favor e sustento da sua Igreja" (197). A sugestão é endereçada a L. Naudet, e mostra também a que limites de oração contemplativa Pe. Gaspar sabe orientar a devoção ao S. Coração de Jesus.

50. "CONTEMPLA ESTE MEU CORAÇÃO"

"Rezando antes da Missa, ouvi o Crucifixo dizer-me ao coração: "Contempla este meu Coração assim começa uma anotação do 'Memorial Privado' escrita enquanto Pe. Gaspar preparava a pregação para a festa do S. Coração de 1812. - Esta palavra iluminou-me subitamente a inteligência e proporcionou-me um grande e imprevisto ardor no coração. Voltando o meu espírito para contemplar o amável objeto indicado, senti correr um arrepio pelo corpo todo, a boca e os olhos se me fecharam, enquanto

que a alma me parecia plenamente absorta e cheia de alegria. Parecia que a alma quisesse separar-se do corpo, parecia morrer, mas ao mesmo tempo ser feliz. Ela permaneceu com alegria nas mãos do Senhor, encontrando muita tranquilidade se naquele momento pudesse morrer. De repente, ela voltou a recuperar o uso dos sentidos como antes. A consequência foi uma terníssima devoção ao Sagrado Coração e um grande afeto na Missa". (198).

Encontramo-nos diante de uma experiência contemplativa de ordem mística que, provavelmente, foi vivida outra vez por Pe. Gaspar; pois o próprio "Memorial Privado" - que abrange apenas cinco anos de sua vida - nos apresenta uma outra análoga, datada de 2 de julho de 1808. "Festa do Sagrado Coração. Na Missa, durante a Consagração, Comunhão, em toda ação de graças, - é justamente a narração desta outra experiência - muitas lágrimas de compunção e de afeto: em particular, na Comunhão, senti por um momento, o espírito como que desligado de toda a criatura em obsequio ao seu Criador" (199). 9 10

Trata-se, como se vê, de autênticos vértices da vida espiritual: sempre ligados com a Eucaristia (200), mas estimulados pela devoção ao S. Coração. É fácil intuir, baseado em tais experiências, que papel teve a devoção ao S. Coração no caminho espiritual de Pe. Gaspar e com quanta fecundidade o tenha trabalhado.

51. O SAGRADO CORAÇÃO E O EMPENHO APOSTÓLICO

"Foi Pe. Gaspar que imprimiu em nossos Oratórios a fisionomia toda especial que têm em nosso meio - afirma o Card. Luís di Canossa - ele inspirou-lhes a luz de sua santa vida: a devoção ao sacratíssimo Coração de Jesus junto com a da Mãe de Deus" (201). Entre outras coisas, nas reuniões dos Oratórios instituídos e espalhados por Pe. Gaspar "sempre foi recitada a coroinha do S. Coração": como atesta Pe. João M Marani (202).

Em 1829 Pe. Gaspar agregou a si mesmo e toda sua comunidade dos Estigmas à Arquiconfraria do S. Coração de Jesus, estabelecida em Roma na igreja de S. Maria da Paz. Parece que nos os ideais daquela Arquiconfraria romana ele se inspirou depois, quando, juntamente com o Servo de Deus Pe. Nicolau Mazza, seu amigo e penitente, instituiu em Verona, em S. Estevão, em 1833, a Congregação de S. Carlos para o Retiro dos Sacerdotes (203).

A permanência de tal espírito na Congregação Estigmatina, mesmo depois da morte do Fundador, foi atestada pelo fato que em 1873 teve lugar no mesmo dia que

recordava a morte do Pai, 12 de junho - a consagração solene do Instituto ao Sagrado Coração; foi introduzida oficialmente a festa litúrgica (não ainda universal naquele tempo), e "o Instituto inteiro assumiu formalmente a obrigação de promover entre os fiéis esta devoção tão salutar" (204).

XII. O DIVINO ESPOSO

52. O SANGUE DE CRISTO E ALIANÇA ESPONSAL

"Este Apaixonado, para recuperar sua amada, desembolsa" não ouro corruptível ou prata, mas todo seu precioso Sangue (1 Pd 1, 18). E se essa tornar a cair de novo nas mãos do infernal inimigo pelo pecado, Jesus voltará todo dia a oferecer a mesma vítima sobre os altares, lavará a alma com seu Sangue, com o qual abre uma fonte perene no seio da sua Igreja. Que pretendeis, meu Jesus, com tanto amor? Só que ela me ame e consinta nas castas núpcias" (205). Pe. Gaspar compendia assim, em poucas linhas tiradas da pregação sobre "O Nome de Jesus - o sentido fundamental da obra salvadora executada por Cristo com seu Sacrifício Pascal.

O desígnio querido por Cristo é pois o de chegar a estabelecer com a alma redimida um vínculo de amor de tal forma íntimo, fiel e fecundo, que se poderia exprimir como aliança sponsal. "Irmãos, um olhar somente a esta Cruz - insiste Pe. Gaspar em tal sentido -: ela vos dirá como este Homem-Deus já comprou o vosso coração com o elevado preço de todo seu Sangue. A nossa alma é filha adotiva de Deus. Uma alma, pois, de tão alta origem, ornada de inefáveis qualidades, a quem a daremos como esposa? A quem, senão ao divino Amor?" (206).

A visão sponsal do relacionamento estabelecido entre Cristo e a alma, graças à obra da salvação, é particularmente cara a Pe. Gaspar. Ainda na adolescência ele já sentiu-se atraído "pela voz gentil de um casto Esposo": como aparece em algumas composições poéticas da juventude (207). Mas é sobretudo em contacto com a Bíblia, com os S. Padres e com a grande tradição da Mística sponsal que ele pôde amadurecer aquela visão, e fazer dela um componente significativo da sua espiritualidade. "Um dos aspectos fundamentais do seguimento de Cristo - foi dito acertadamente - é o que poderia ser definido como "princípio sponsal". Para Pe. Gaspar o mais alto seguimento de Cristo é a de quem se une a Ele como Esposo; e é esta união íntima, sponsal, que garante também a fecundidade apostólica, apesar da pobreza da pessoa" (208).

53. "A ESPOSA AMADURECIDA NA ESCOLA DO AMOR"

"Muitíssimos seguem Cristo pela recompensa temporal. Mas o mercenário, chegado à porta é pago e permanece fora da casa. Muitos seguem Cristo como servos, por temor; estes seguem, mas de longe, e estando longe não estão ao par dos segredos do seus Senhor" (209): é o início de um notável trecho da pregação sobre S. Francisco em que Pe. Gaspar quer provar que a meta mais elevada de todo o caminho do seguimento de Cristo é o vínculo da união esponsal com Ele.

"Alguns seguem Cristo como filhos - prossegue o jovem pregador - por amor um pouco interessado na esperança. Poucos seguem Cristo como amigos, que fundamentam seu amor na troca recíproca dos bens; mas se diminui a doce influência destes bens, e é substituído ao contrário pela participação aos males do amigo, o abandonam. Pouquíssimos seguem Cristo onde quer que Ele vá, ou sobre o Tabor ou sobre o Calvário, e atraídos pelo seu perfume correm atrás Dele; mas não conseguem manter seu passo nem competir em velocidade com Ele, que não dá passos mas saltos de gigante, percorrendo seu caminho (cf. Sl 18, 6)" (210).

"Mas a esposa amadurecida na escola do amor - assim conclui Pe. Gaspar sua reflexão - não é atraída pelo perfume, mas pela direita do Senhor; e unindo-se forte e apoiando-se Nele, caminha passo a passo, e com Ele não corre, mas voa" (121).

É assim que Francisco seguiu Cristo, e como o conseguiu! Conseguindo tornar-se quase um mesmo espírito com Cristo, por uma total e perfeita transformação de amor" (212).

54. "UM MESMO ESPÍRITO COM O ESPOSO"

"Eu te desposarei - já o havia feito anunciar pelos Profetas (Os 2, 19) - te desposarei na fé, na justiça, na caridade: que estas são justamente as três gemas preciosas com que a adorna. Se quereis ver também o vestido desta esposa celeste, S. Paulo o fará ver, ó Deus, com que esplendor! 'Revesti-vos- diz ele - revesti-vos do nosso Senhor Jesus Cristo'(Rm 13, 14). E que beleza se comparará à de uma alma a quem o próprio Deus prepara o vestido para fazê-la Sua esposa? Faltam-me as cores para pintá-las. Vos direi somente, cheio de assombro com o próprio Apóstolo, que quem se une a Deus com uma adesão assim estreita torna-se por transformação amorosa um mesmo espírito com Ele" (213).

Pe. Gaspar reforça com isto - o texto é tirado da pregação sobre "O nosso coração feito templo de Deus" - o profundo significado do vínculo esponsal ao qual Cristo convida a alma redimida pelo seu Sangue: o divino Esposo quer levar a alma ao ponto de formar, com uma plena transformação de amor, um mesmo espírito com Ele. Segundo a Bíblia o homem e a mulher são chamados a formar, com o vínculo esponsal humano, "uma só carne" (Gn 2, 24). Deus e a alma podem chegar, graças ao vínculo esponsal estabelecido no Sangue de Cristo, a formar "um só espírito".

Encontramos nestas expressões de Pe. Gaspar a linguagem, e a visão teológica, da Mística tradicional, que sempre exprimiu em termos esponsais, o vértice da união transformadora da alma com Deus. S. Teresa de Jesus vê na Sexta Mansão do "Castelo Interior" um noivado espiritual da alma com Deus; e na Sétima Mansão - a mais elevada, que representa o vértice da oração contemplativa e da união com Deus - um matrimônio espiritual (214).

55. "PURIFICA ESTA ALMA, PARA FAZÊ-LA UMA DIGNA ESPOSA VOSSA"

O vínculo esponsal que leva a alma a formar um só espírito com Deus, justamente porque é a meta de todo o caminho do seguimento de Cristo, representa o ideal ao qual o Cristão é chamado a orientar confiantemente toda sua vida espiritual: a começar dos primeiros passos, até a fase da purificação.

"Eis-me a vossos pés, ó meu Jesus - é uma invocação que Pe. Gaspar coloca nos lábios de quem se sente desejoso de conversão e de purificação - sim, eis uma alma que para correr atrás de muitas curiosas vaidades Vos abandonou, Sumo Bem, único objeto digno do meu amor. Tarde vos conheci, antiga Beleza, tarde vos amei, eterna Bondade: mas agora não posso mais não Vos amar. Eis pois o meu coração. Esta alma é toda Vossa: limpai-a Vós, purificai-a, enfeitai-a para fazer dela Vossa digna Esposa" (215).

O próprio encontro do filho pródigo que volta ao Pai depois de uma longa permanência no pecado é descrito por Pe. Gaspar, em um comentário sobre a parábola evangélica, em termos de festa nupcial. "Voltando o pecador arrependido aos pés do seu Deus, depois de seus longos desvios, e dizendo: Pai pequei contra o Céu e contra Vós: assim o acolhe aquele bom pai amoroso, que lhe dá no rosto o beijo da paz, e ordena que lhe seja restituída imediatamente a primeira estola, que é a veste nupcial da caridade e da graça. Coloca em sua mão o anel, que é o penhor da fé e o sinal do Espírito Santo; prepara um banquete supersubstancial, celeste; as Carnes puríssimas, o Sangue precioso de seu Unigênito e nosso Salva- dor Jesus Cristo, e assim o alimenta, o

fortifica, dá-lhe nova vida" (216).

56. "EIS A ESCOLA, EIS O MESTRE"

Também o progresso na virtude e na oração toma impulso e vigor, segundo Pe. Gaspar do desejo da perfeita união com o divino Esposo. "Deixemos que Deus possua livremente esta alma que Ele tanto ama e procura uni-la a Si; conheçamos o tempo de sua visita - escreve a L. Naudet, a respeito da oração e do espírito de união com Deus -. Supliquemos a todas as criaturas e aos nossos sentidos que não perturbem esta alma, quando ela repousa no tálamo do seu Senhor. Nada mais se exige. A seu tempo ela produzirá um fruto tão precioso, tão elevado, tão nobre, digno de núpcias tão santas e tão sublimes" (217).

"Onde se aprende a prudência, a celeste, e quem nos pode dar leis ou ensinamentos? - escreve ainda à Naudet: apresentando em notas claramente nupciais a aquisição e o exercício das virtudes morais cristãs - Eis a ESCOLA, eis o MESTRE, segundo a Escritura: 'Ele me introduziu na adega e o estandarte, que levanta sobre mim, é o amor (Ct 2, 4).' "Ouve, filha, vê e presta atenção, esquece o teu povo e a casa de teu pai, e de tua beleza se encantarás o Rei" (Sl 44, 11-12). Chegada aqui, a alma é inebriada com o vinho do seu amor. Este vinho precioso alegre, fortifica, leva a alma para fora de si, e unindo-a com Deus, a orienta com a mais apurada perfeição. Portanto, uma luz de admirável sabedoria e divina prudência se espalha na inteligência, para julgar quanto atribuiu a Deus" (218).

"Por nenhuma razão a senhora pode ser levada ao temor - desta vez Pe. Gaspar pretende fortificar, com a evocação do Esposo, a esperança da Naudet, posta a dura prova por não encontrar um local adaptado para o seu nascente Instituto -. E a senhora não percebe com quanta força o Evangelho nos grita: 'Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus, e todas estas coisas vos serão acrescentadas?' e que quem abandonar por amor de Cristo uma casa, o Senhor lhe abrirá cem? Antes, a própria razão nos diz que como cabe à Esposa estar preparada para agradar ao Esposo, assim cabe ao Esposo encontrar a casa, e também levar a Esposa até ela?" (219).

57. "PROCURADORES DAS NÚPCIAS DE CRISTO COM A ALMA"

Pe. Gaspar não hesita em aplicar o princípio esponsal ao próprio campo da atividade apostólica e da missão, vendo nos pregadores os "procuradores das núpcias" de Cristo com a alma.

"Em Isaac é representado o Filho Unigênito de Deus que é o esposo das almas fiéis - diz na pregação sobre "O Advento", interpretando alegoricamente o episódio do servo de Abraão que encontra Rebeca e a conduz como esposa a Isaac -. No servo mandado para conduzir a esposa são representados os pregadores, que enviados para anunciar a Palavra de Deus se tornam procuradores destas núpcias felizes. Por certas predisposições da divina Providência, os pregadores descobrem a alma escolhida por Deus. A esta alma insinuam os doces desejos de converter-se a Cristo e de unir-se a Ele por meio da graça; e oferecem ricos penhores de misericórdia e de amor em seu nome até que ela consinta plenamente, seguindo a pregação, de chegar até Cristo. Então conduzem a esposa com grande alegria ao seu Senhor" (220).

Isto exige, naturalmente, que o pregador fique muito atento para cuidar e defender a intimidade do seu relacionamento com Cristo. "Enquanto a alma escolhida pelo pregador se esconde na contemplação, é por assim dizer, colocada no tálamo do Esposo - afirma nos "Exercícios ao Clero": retomando a linguagem esponsal também para inculcar a necessidade da vida interior para o apostolado -. Quem pois, a acorda, a tira do Esposo: porque, evidentemente, o descanso da alma escolhida constitui não só a sua alegria, mas também do Esposo" (221).

Que tudo isto represente para Pe. Gaspar uma convicção radicada e profunda - à luz da qual, provavelmente, é possível compreender melhor também o estilo da sua própria atividade missionária - aparece no fato em que ainda muitos anos mais tarde, e em um contexto muito diverso como é o das "Constituições", ele retoma a mesma visão esponsal da missão apostólica, prescrevendo a seus filhos: "Cada um, pois, procure com todo esforço possível atingir aquela perfeição da castidade que convém a pessoas que exercem um múnus angélico; pois, são representantes de Cristo Nosso Senhor, ao qual desposaram de corpo e alma totalmente; como diz o Apóstolo: a pessoa toda deve ser apresentada a Cristo como virgem casta, ou seja, pura de mente e de corpo" (222).

XIII. OS ESPONSAIS DE MARIA SSMA. COM S. JOSÉ

58. "A NOSSA ALMA COMPORTE-SE COM CRISTO ESPOSO COMO MARIA COM JOSÉ"

"Virgem santíssima, por aquele virginal esponsal que celebraste com vosso castíssimo esposo S. José, fazei que minha alma se espose espiritualmente com vosso Filho e meu Senhor Jesus".

É uma invocação recitada tradicionalmente pelos filhos de Pe. Gaspar na novena e na festa dos Esponsais de Maria SSma. com S. José. O Fundador, de fato, escolheu Maria e José, no mistério dos seus Esponsais, como Patronos e Modelos da Congregação estigmatina. Dedicou-lhes o altar mór da restaurada igreja dos Estigmas, e introduziu como festa patronal a celebração dos Santos Esposos já marcada pela liturgia aos 23 de janeiro. (223). A devoção aos Santos Esposos tornou-se assim, juntamente com a devoção aos Sagrados Estigmas do Senhor, uma das expressões características da espiritualidade Bertoniana.

Aquela invocação faz intuir uma motivação essencial da escolha feita pelo Fundador: isto é, a conexão que une o mistério dos Esponsais de Maria e José com o "princípio sponsal" presente em todo o desígnio da redenção, e que Pe. Gaspar soube captar com tanta profundidade. Existe uma confirmação em diversos testemunhos oferecidos pela tradição familiar estigmatina. "Na união dos Santos Esposos Maria e José- é dito em um panegírico para a festa dos Esponsais - entendeu Deus, por uma significação toda nova e toda própria das suas núpcias, representar a união de Cristo com Sua celestial Esposa" (224).

"A nossa alma se comporta com Cristo seu Esposo, a quem foi desposada pela graça, como Maria se comportou com seu Esposo José - sugere por sua vez o Pe. I. Venturini em uma 'pregação muito breve' para os jovens do Oratório dos Estigmas: traduzindo em termos concretos a profunda conexão intuída por Pe. Gaspar -. Maria jamais lhe deu o mínimo desgosto, mas sempre acedia à sua vontade. Assim nossa alma jamais deve desgostar seu Deus com a desobediência a seus mandamentos. Mais ainda. Maria honrou sempre seu Esposo como sua Cabeça, cumprindo perfeitamente todas as obrigações do seu estado e dependendo inteiramente dele. Também nós devemos honrar o nosso Esposo celeste cumprindo exatamente o que nos impõe o próprio estado de filhos, de estudantes, de artesãos, de chefes de família, de chefes de oficina: de cristãos sobretudo. Maria se alegrava de estar em companhia de seu esposo. Imitemo-la visitando o nosso Esposo celeste na Eucaristia e sintamos o prazer de fazer-lhe companhia, que é coisa tão doce" (225).

59. "TER SEMPRE DIANTE DOS OLHOS MARIA E JOSÉ"

"Quem pertence a esta Congregação tenha sempre diante dos olhos a Bem-aventurada Virgem Maria e S. José, para aprender deles: o amor à pobreza; a aplicação à oração e à meditação; a prontidão na obediência também nas coisas difíceis e

contrárias à natureza; a caridade para com Deus, a cuja glória deve unicamente ter em mira; a caridade para com o próximo, cujo bem espiritual está pronto a zelar, a custo até da própria vida" (226).

Encontramos expressos nestas linhas de Pe. João M. Marani - extraídas de um seu "Compêndio das Constituições" - outros conteúdos concretos da devoção Bertoniana para com os santos Esposos: principalmente a imitação daquelas suas virtudes que melhor caracterizam a vida de uma família religiosa empenhada em viver de modo autêntico o ideal comunitário e missionário. E pode-se dizer que de fato o culto dos Santos Esposos foi sempre visto pela comunidade dos Estigmas, sob a orientação do Fundador, nesta luz: como um fator determinante para o crescimento do espírito religioso, da comunhão fraterna, da dedicação apostólica.

Compreende-se então como à devoção aos Santos Esposos fosse reconhecido um papel particularmente relevante também no campo pedagógico, para a formação dos noviços e dos jovens professores. "Procure-se com todo esforço apaixoná-los pelas coisas espirituais e pela devoção para com Maria SSma. e S. José, protetores da nossa Congregação - são ainda palavras do Pe. Marani - e de incitá-los a imitar nas diversas ocasiões seus exemplos. Sobretudo recomenda-se-lhes fazer todas as coisas, mesmo as menores, com grande diligência, tanto mais quando não são vistos por ninguém; daí quase transformem em natureza este modo de agir com exatidão para agradar a Deus, e imitar Maria SSma. e S. José, que foram tão perfeitos em uma vida escondida" (227).

60. OS SANTOS ESPOSOS E OS "BONS CÔNJUGES CRISTÃOS"

"Pe. Gaspar promoveu a veneração ao mais santo dos Esponsais com a intenção de que seus filhos tivessem nos Santos Esposos os mais poderosos Protetores. Fê-lo também com o santo pensamento de que os bons cônjuges cristãos tivessem no exemplo dos castíssimos Esposos a norma e o estímulo para toda a virtude, e pela eficácia da sua proteção conseguissem graças e bênçãos, de que tanto precisam para si e para seus filhos" (228).

Vê-se, por este testemunho de Pe. Giacobbe, como na devoção de Pe. Gaspar aos Santos Esposos estivesse presente também uma dimensão apostólica de interesse pelos casais e famílias cristãs. Parece também, segundo uma hipótese bastante plausível, que no fundo dessa especial devoção esteja a dolorosa experiência da juventude sofrida por Pe. Gaspar em relação a seus pais - quando às vésperas da ordenação diaconal teve que

assistir sua separação amigável (229) - e o desejo de oferecer aos casais cristãos um valioso auxílio espiritual para viver no amor e na fidelidade.

O interesse ativo de Pe. Gaspar em tal sentido encontra um outro testemunho, dado pelo Pe. Camilo C. Bresciani. "Manteve os santos matrimônios - afirma esta testemunha ocular - impediu divórcio, reconciliou esposos separados. Quantas relações ilícitas e escandalosas não conseguiu resolver!" (230).

Estas atenções especiais pela exigência da vida espiritual própria dos casais e das famílias cristãs foi transmitida pelo Fundador a seus filhos: que no desenvolvimento da missão apostólica tiveram sempre o olhar voltado para um setor tão importante da pastoral (231). E o fizeram pelo espírito da devoção Bertoniana aos Santos Esposos. "Já que no vosso Esponsal propusestes um excelente modelo de castidade a todos os cônjuges cristãos com esta invocação, concluiu Pe. Marani, um dos seus panegíricos em honra dos Santos Esposos - espalhai sobre eles o abundante e copioso dom daquela castidade que é própria do seu estado, e que tanto o honra e o distingue" (232).

61. "FELIZES OS CONVIDADOS À CEIA NUPCIAL DO CORDEIRO"

"Assim como dos benditos Esponsais de Maria com José veio toda a bênção ao mundo, os celebraremos com a máxima exultação do nosso coração e mostraremos a nossa gratidão por tal benefício que foi a vinda ao mundo de Jesus Cristo. Estes efeitos de exultação e de gratidão a santa Igreja pretende despertar convidando-os a celebrá-los" (233).

É o Pe. Inocêncio Venturini que propõe assim aos jovens do Oratório a celebração da festa dos Santos Esposos com exultação e gratidão, sentimentos próprios de uma festa de núpcias. A devoção aos Santos Esposos é muito exigente e comporta a imitação em nível pessoal, comunitário e familiar, como já se viu, de virtudes evangélicas que empenham muito. Mas é também verdade que a presença de Maria e José, invocados e contemplados no mistério dos seus Esponsais, confere quase um aroma de serenidade e de alegria ao empenho espiritual das pessoas, das comunidades e das famílias cristãs.

Aquela presença favorece enormemente a alegre intimidade com Cristo, Esposo das almas; e é ao mesmo tempo um penhor que a intimidade vivida nesta vida terá seu coroamento e seu prêmio com a participação nas núpcias do Cordeiro na vida eterna.

"Oh dia feliz! Oh dia bem-aventurado! - conclui Pe. Venturini aquele seu sermão

sobre a festa e a devoção aos Santos Esposos -. A celebração de tais esponsais é um empenhar Maria e José a oferecer socorro: é uma certeza de ser recebidos no reino celeste, onde é permitido o ingresso somente aos que por meio de Maria e José, que possuem a chave, sejam introduzidos para tomar parte nas núpcias do Cordeiro Divino que torna os convidados felizes. "Felizes os convidados para a ceia das núpcias do Cordeiro" (Ap 19, 9) (234).

XIV. "CRISTO OS ESPERA, MARIA OS CHAMA"

62. "JAMAIS PERDER MARIA DE VISTA"

"Depois de Deus, Maria Virgem deve ter o primeiro lugar em teu coração. De modo nenhum deverás perdê-la de vista; e sim procurarás cada dia crescer cada vez mais na sua devoção. Cada dia recitarás a terceira parte do seu rosário. Em toda necessidade, pequena ou grande, invocarás o seu potentíssimo auxílio. Preparar-te-ás para celebrar suas solenidades com Novenas, nas quais te servirás mais de alguma devota meditação relativa ao mistério, e de algum afetuoso colóquio, que de simples orações vocais" (235).

Pe. Gaspar recebeu esta diretiva do seu Padre Espiritual, Pe. Nicola Galvani. Além disso, a piedade mariana tem na sua vida raízes profundas: a começar com a sólida formação que plasmou sua vida de adolescente na Congregação Mariana (236).

Entre as passagens da vida de S. Inácio que, jovem sacerdote, Pe. Gaspar transcreveu, existem estas: "Não iniciava nenhum trabalho sem antes o confiar a N. Senhora; nada pedia a Deus que não fosse por meio dela. Carregava sua medalha no pescoço. Costumava ter na sua cama o terço de N. Senhora, para adormecer pensando nela e nela pensar quando acordasse" (237).

Pe. Gaspar mostrou haver aprendido bem estas lições. "Quanto fosse fervoroso devoto de Maria - atesta Pe. Giacobbe - quanto tenha feito por Ela, e quanto se esforçou para excitar em todos os corações o amor e o obséquio a N. Senhora, muitas páginas não seriam suficientes para mostrar esta sua devoção" (238). Faz eco às suas palavras um outro testemunha ocular: "Pregava muito frequentemente sobre N. Senhora, e pelas pregações percebia-se nele uma alma amantíssima de Maria" (239). O Pe. Camilo C. Bresciani chega a dizer: "Depois que foi supressa em Verona a Ordem dos Servos de Maria, a amorosa Virgem suscitou este novo Felipe Benizzi para manter viva a devoção a Ela, sua Mãe e Senhora" (240).

63. "MARIA, MEDIANEIRA PARA SE APROXIMAR DO SEU FILHO DIVINO"

"Se Maria teve autoridade de mando sobre a pessoa de seu Filho, se Ela pôde dispor com facilidade e segurança do coração do Rei, seu soberano, sim, mas sempre seu Filho: como não será Senhora de todos seus tesouros, daquele mar imenso de graças e de misericórdias?" (241). "Cristo vos espera, Maria vos chama: Ela, sim quer abrir o vosso coração ao seu Filho" (242). "Virgem santa, eis-nos a vossos pés. Para vós estão voltados nossos olhos, para Vós nossa confiança, para Vós todas as nossas súplicas. Para Vós se volta o pecador: logo resolve, logo propõe, o triunfo é completo. Viva a mãe do grande amor, Maria. Mais que todos louvai-a vós, seus fiéis: vós honrastes sua Casa e Ela fez vosso coração templo do seu Filho" (234). "Cristo nosso prêmio e vida, último fim. Maria nossa mediana, para chegar a aproximar-se do divino Filho" (244).

Nestas apaixonadas expressões são um pequeno florilégio tirados de diversos escritos de Pe. Gaspar dedicados a N. Senhora - é mostrado claramente o motivo primeiro e principal sobre o qual se funda o culto mariano. Trata-se do relacionamento único estabelecido entre Maria e Cristo, e portanto do papel proeminente confiado a Maria no desígnio divino da salvação. Maria como Mãe do Salvador, dispõe livremente de todos os tesouros da Redenção; Ela abre o coração dos homens para o encontro com seu Filho; Ela apresenta ao Filho as súplicas dos fiéis; Ela conduz o pecador aos pés do Redentor; Ela transforma o coração dos fiéis em templo do Filho; Maria, em suma, é a medianeira entre os homens e seu Filho, a colaboradora por excelência na obra da salvação.

Juntamente com o papel fundamental confiado a Maria no desígnio salvífico de Cristo, Pe. Gaspar evidencia as grandezas e os privilégios com que Deus - em vista justamente desse papel - enriqueceu a Mãe do seu Filho. "Esta divina Maternidade, que grau de sobre-humana pureza não exigiu de Maria! Antes, uma pureza superior à dos Anjos!" (245). Com particular empenho e paixão Pe. Gaspar se tornou propagandista do privilégio da Imaculada Conceição. Jamais o pecado reinou no seu corpo mortal afirma decididamente e com notável exatidão de linguagem teológica - prevenindo a graça na sua imaculada Conceição o vício comum da natureza" (246). Os biógrafos lembram a grande alegria por ele experimentada quando teve notícia de que os Bispos do mundo inteiro haviam respondido positivamente a Pio IX em vista da definição do dogma da Imaculada Conceição (247). Mas a Providência dispôs que aquele grande acontecimento fosse vivido por ele na glória do Céu.

64. "BOM DIA, MINHA MÃE!"

"Bom dia, Minha Mãe, dai-me a vossa santa bênção; abençoai-me e a toda a minha casa: dignai-vos oferecer a Deus tudo que hoje tenho de fazer e sofrer, em união com vossos méritos e os do vosso Santíssimo Filho. Ofereço-vos e vos dedico todo meu ser e tudo que me pertence, colocando-me inteiramente debaixo do vosso manto. Impetrai-me, Senhora, pureza de mente e de corpo e fazei que neste dia nada faça que desagrade a Deus: suplico tudo isto pela vossa Imaculada Conceição e pela vossa intata virgindade" (248).

Esta oração encontra-se no "Memorial Privado", no dia 24 de maio de 1810 - poucos meses depois da morte de mamãe Brunora - transcrita por Pe. Gaspar: que não é seu autor, mas a tornou sua, recitando-a todos os dias e transmitindo-a depois a seus filhos como saudação à Mãe no início do dia. A devoção mariana se apresenta, naquela oração, como uma atitude de total dedicação e confiança em N. Senhora. Ela é a Mãe e o Modelo insuperável de vida cristã.

"Os nossos oferecimentos e orações chegam a Deus por meio Dele comenta Pe. Stofella. Assim, a cada dia, todas as nossas ações e sofrimentos, unidos aos seus merecimentos e aos do seu divino Filho. Nós mesmos e as nossas coisas - mas todas - cada dia a serviço Dele. Todo dia cada um de nós "todos debaixo do seu manto". Estamos de fato no espírito da "verdadeira devoção" propugnada por S. Luís Grignon de Montfort" (249).

Seguia esta linha o "ato de consagração" feito por Pe. Gaspar no momento do seu ingresso na Congregação Mariana no ano de 1789 e por ele renovado, junto com seus filhos nos Estigmas, em 1824 (250). "Suplicamo-vos, Mãe piedosíssima - pedia-se naquele ato - receber-nos hoje entre os vossos Congregados em perpétua servidão, impetrando-nos a graça de comportarmo-nos de tal modo em todos os nossos pensamentos, palavras e ações, que jamais ofendamos os vossos olhos e os do vosso divino Filho" (251).

65. "OS FRUTOS DO ROSÁRIO"

"São maravilhosos os frutos do Rosário; e não pode ser de outro modo, devido a sua excelência intrínseca": assim Pe. Gaspar começa a ilustrar os valores da oração mariana por excelência, à qual dedica uma das suas mais esmeradas pregações da juventude (252).

No Rosário - prossegue Pe. Gaspar - os pecadores encontram os meios mais eficazes para sua conversão. Os justos encontram no Rosário um doce alimento para suas devoções. Sim, Maria é aquela rosa mística que alegra os justos, cura os pecadores, atrai os principiantes, adorna os que progridem: espalha sua doce sombra nas tribulações, torna-se uma sólida barreira contra as tentações; nasce tanto nos bem cultivados jardins dos grandes como nos simples jardimzinhos dos pobres; atrai a juventude, não ofende a velhice, estimula os ociosos, não estorva os ocupados; alegra os fervorosos e não aborrece os tíbios" (253).

Alguma experiência pessoal, contada pelo próprio Pe. Gaspar, mostra com quanta coerência ele colocava em sua vida o que pregava aos outros. "Uma vez, indo visitar um confrade enfermo - atesta Pe. Lenotti - para que não se cansasse sugeriu que rezasse a Ave Maria: mas meditando-a como faço eu, disse, quando não consigo dormir; rezo o terço, mas medito as palavras da Ave Maria, empregando às vezes mais de uma hora para cada uma, e faço o mesmo com o Pai Nosso, e assim passo as noites" (254).

"Ficou-me sempre gravado o que fez Maria com S. Isabel- é uma outra confidência de Pe. Gaspar, relativa ao segundo mistério gozoso do Rosário: que, apenas avisada pelo Anjo da gravidez dela, partiu logo, indo visitá-la e assisti-la nos incômodos daquele estado; e partiu logo, depressa, como diz o evangelista, embora a viagem fosse longa e difícil. Tal era sua solicitude em ajudar aquela doente e sua caridade para com ela. E quando lá chegou, ficou com ela não um, dois ou três dias, mas três meses contínuos assistindo-a nas suas necessidades" (255).

66. MARIA E A FORMAÇÃO CRISTÃ DOS JOVENS

"Há, porém, esperança em Maria, a Mãe da santa esperança. Não existe na paróquia o Oratório Mariano? Introduza-o e atraia os rapazes. Fale muito com eles sobre a devoção e o amor a Maria: coloque-os debaixo da sua proteção. E tenha confiança, sim tenha confiança que atrás dos filhos virão, em breve, também os pais para ouvi-lo e reconhecê-lo como pai e pastor". (256). Pe. Giacobbe apresenta estas palavras de Pe. Gaspar ditas a um sacerdote que, desanimado com as dificuldades encontradas na paróquia onde havia iniciado seu ministério, foi até ele pedindo conselho. O testemunho conclui lembrando que daí um pouco de tempo o sacerdote voltou para falar sobre os bons resultados conseguidos. Pe. Gaspar agradeceu ao Senhor porque, "graças à proteção de N. Senhora, fora feito tanto bem para o rebanho e para o pastor" (257).

Este é só um episódio, mas que diz muito sobre a experiência pastoral feita por Pe. Gaspar nos Oratórios Marianos e sobre o papel por ele exercido quanto à piedade mariana na formação cristã dos jovens. "Ele queria a vida do Oratório toda concentrada em Maria - escreve o seu mais recente biógrafo - entrelaçada de piedosos exercícios marianos, de orações, cânticos, ramalhetes para honrar a SSma. Mãe de Deus e convidar à prática da virtude seguindo as pegadas dos seus exemplos maternos. Maria era como que o estandarte sempre desfraldado sobre a Corte Mariana, ao qual todos os jovens deviam olhar para fortalecer-se em vista das duras provas" (258).

Também no substancial programa formativo proposto para a Escola dos Estigmas (259) a piedade mariana ocupava um lugar de destaque. Todo sábado havia uma meditação para todos os alunos. Muito bem preparada era a celebração do mês de maio: com breves palavras diárias de Pe. Gaspar, às quais seguiam algumas orações, a apresentação de um ramalhete para o dia seguinte, o canto das Ladainhas. E se pensava também nas férias. Entre os exercícios cotidianos de piedade indicados para este período havia - junto com a meditação e, possivelmente, a S. Missa - "uma visita a Jesus Sacramentado e a Maria Mãe de Deus, e a recitação do Rosário" (260).

67. "VIVA JESUS, MARIA, JOSÉ"

"Fica marcada a terníssima devoção que Pe. Gaspar tinha para com o esposo da Virgem S. José - atesta Pe. Giacobbe - e o zelo com que procurou e conseguiu arraigar e propagar seu culto e devoção em Verona" (261). Várias testemunhas afirmam que "foi Pe. Gaspar quem por primeiro introduziu ou despertou a devoção a S. José em Verona e a espalhou: introduzindo o Livrinho do mês de S. José, que elogiava e procurava propagar. De tal modo que a grande devoção a S. José que hoje existe em Verona, teve como primeiro promotor o Pe. Gaspar" (262).

"Não basta recorrer a S. José com a oração, é preciso empenhá-lo em nosso favor imitando-o, e tendo-o como modelo: sobretudo na obediência e no silêncio. S. José sempre obediente; S. José o santo do silêncio" (263). O ensinamento de Pe. Gaspar se reflete fielmente nestas palavras de Pe. Lenotti, que afirma ainda: "S. José é o Mestre da vida interior: tornemo-nos seus discípulos. Debajo de sua proteção podemos esperar o progresso no caminho da perfeição" (264).

Numerosos testemunhos sobre a vida de piedade vivida nos Estigmas sob a orientação de Pe. Gaspar ressaltam esta atenção à figura de S. José: contemplado e

invocado muitas vezes junto com Jesus e Maria. "Jesus é o Pão vivo que desceu do Céu; Maria a nave que o traz de longe: José o timoneiro que os dirige e governa": com estas e outras imagens Pe. Fedelini falava sobre o assunto em suas pregações (265). De Pe. L. Biadego se diz que "Jesus, Maria e José eram suas delícias" (265). Pe. Lenotti assinala, entre outros, este propósito: "Se queres um estímulo para a modéstia dos teus olhos, dos teus sentidos e de todo o corpo, imagine muitas vezes as viagens de Jesus, Maria e José" (266). Nas "Memórias" de Pe. M. Cainer volta com insistência, quase como um estribilho, a invocação ou aclamação "Viva Jesus, Maria, José" (267).

"A devoção ao nosso Salvador Jesus Cristo é a primeira e a mais excelente, e depois dela não há outra mais querida nem mais útil que a que se refere à Virgem sua Mãe e ao Seu puríssimo Esposo, S. José": é um texto de Pe. Gaspar escrito a L. Naudet, como proêmio das Constituições do seu Instituto (268). Neste texto que Pe. Stofella julga de "capital importância" (269) - Pe. Gaspar exprime sua devota atenção para com todos os componentes da S. Família, protagonistas da obra da Redenção; e ao mesmo tempo confirma a orientação cristocêntrica fundamental da sua espiritualidade: para a qual o seguimento de Cristo é o objetivo essencial de toda a vida cristã.

NOTAS

1. Exercícios Instr., MS 3428; BERTONI 4, p. 135. É difícil precisar se o texto é original de Pe. Gaspar, ou transcrito de algum autor. Isto vale também para muitos outros textos, uma vez que Pe. Gaspar nem sempre cita expressamente suas fontes.
2. BERTONI 3, p. 122.
3. Cf. *GAUDIUM ET SPES* 22.
4. PANEGÍRICO DE S. FRANCISCO (4 de outubro de 1808, MS 1796; BERTONI, 2, p. 651.
5. BERTONI 4, p. 276 s.
6. MP, p. 52; anotação de 25-09-1808.
7. - PANEGÍRICO DE S. FRANCISCO, MS 1798; BERTONI 2, p. 652.
8. Id., MS 1869.
9. - MEDIT. I L. DOS REIS N. 14, MS 5350; BERTONI 3, p. 225. Os Livros dos Reis - assim chamados na VULGATA que apresenta quatro Livros dos Reis - é o I Livro de Samuel. Todavia nas citações respeitaremos a citação usada por Pe. Gaspar. O comentário patrístico deste Livro em que se inspira Pe. Gaspar é reconhecido hoje como obra de S. Gregório Magno: embora se admita a presença de alguns vestígios deixados pelo discípulo Cláudio Diácono, que o escreveu recebendo de viva voz do Santo. Cf. *CORPUS CHRISTIANORUM, SERIES LATINA*, vol. 144, *INTRODUCTIO* de P. Patricius Verbraken.
10. MEDIT. I. L. dos REIS, N. 14, MS 5372. Trata-se de um texto extraído do Comentário patrístico ao I Livro dos Reis de que se serve Pe. Gaspar: *IN I LIBRUM REGUM*, L. II, 41, PL 79, 107.
11. Cf MP, p. 176 s.: BERTONI 3, 237.
12. BERTONI 3, p. 238.
13. Ep., p. 313: carta de 04-06-1836.
14. MP, p. 93 e p. 102.
15. MP, p. 113.

16. MP, p. 117
17. MP, p. 156.
18. CARRARO MONS. GIUSEPPE, *IL B. GASPARE BERTONI, UN ORIENTATORE DI VITA*, Verona, 1976.
19. PVC, p. 251-262. A este argumento foi dedicado o primeiro dos *SAGGI SULLO SPIRITO DEL B. GASPARE BERTONI*, de Pe. José Furlani (V. Bibliografia).
20. PVC, p. 251.
21. Id.
22. Id, p. 260.
23. Id. p. 261.
24. Ed. p. 252.
25. Id, p. 261 s.
26. MEDITAÇÕES SOBRE O GÊNESIS N. 3, MS 4650; BERTONI 3, p. 609 s.
27. Id, N. 4, MS 4669; BERTONI 3, p. 607 s.
28. GIACOBBE, VITA, SA, p. 462.
29. Id.
30. MISCELÂNEA LENOTTI, SA, p. 182.
31. MABILLON GIOVANNI, *TRATTATO DEGLI STUDI MONASTICI*, parte I, traduzido e resumido por Pe. Gaspar, MS 8869-9072. Cf. BERTONI 3, p. 473 s.
32. MS 8943.
33. José Furlani, O. c., p. 14 s.
34. BARSOTTI DIVO, *MAGISTERO DI SANTI*, Roma 1971, p. 14.
35. Id.
36. Cf. Furlani, O. c., p. 14 s.
37. *POSITIO*, p. 175.
38. PVC, p. 292: do sermão A VIDA ESPIRITUAL (05-04-1807).
39. Id, p. 291.

40. Id., p. 292.

41. Id, p. 291 s.

42. Id.

43. Id, p. 298.

44. Id, p. 293.

45. Id.

46. Id, p. 295 s.

47. Id, pp. 297-299.

48. Id, p. 298.

49. PVC, pp. 200-206: sermão feito no dia 20-04-1801.

50. Id, p. 205 s.

51. Id, p. 203.

52. Id, p. 204.

53. Cf. BERTONI 2, p. 380 s.

54. CS IV, p. 487.

55. PVC, p. 291.

56. Id, p. 291 s.

57. PVC, pp. 94-102: sermão de 22-12-1805.

58. Id, p. 94.

59. PVC, p. 294.

60. PVC, pp. 32-37: sermão de 02-04-1804.

61. Id, p. 36.

62. Id.

63. Id.

64. PVC, p. 95.

65. Id.

66. PVC, p. 100.
67. Id.
68. PVC, p. 101.
69. PVC, p. 102.
70. PVC, p. 294.
71. PVC, p. 102.
72. PVC, p. 100
73. Ep., p. 39: carta de dezembro de 1812.
74. PVC, p. 110.
75. PVC, pp. 102-111: sermão de 20-03-1803.
76. Id, p. 103.
77. *ESERCIZI ISTR.*, MS 3470.
78. Id, MS 3472.
79. Id, MS 3471.
80. Giacobbe, Vita, SA, 332.
81. *POSITIO*, p. 129.
82. *POSITIO*, p. 124; GIACOBBE, VITA, SA, p. 441; MISCELÂNEA
83. MP, pp. 60-61: anotação de 09-10-1808, aniversário de Pe. Gaspar, que por isso recebeu o nome de Dionísio. A anotação traz justamente o título: "S. Dionísio e a Maternidade da V. Maria".
84. GIACOBBE, VITA, SA, p. 332.
85. MP, p. 82: anotação de 04-12-1808.
86. MP, p. 84 s.: anotação de 11-12-1808.
87. MP, p. 71 (23-10-1808); p. 72 (25-10-1808); p. 96 (11-01-1809) etc.
88. MP, p. 16.
89. MP, p. 26: anotação de 24-07-1808.
90. MP, p. 43.

91. Id.
92. PVC, p. 27: o sermão sobre A LEI EVANGÉLICA é de 05-06-1803. O texto de S. Agostinho encontra-se em *DE SPIRITU ET LITTERA*, 21, PL 44, 222. Sobre o tema do Espírito Santo em Bertoni veja-se: MOURA J. ALBERTO, O ESPÍRITO SANTO NO CARISMA DO Pe. GASPAR BERTONI, Roma 1989 (Ims).
93. *ESERCIZI ISTR.*, MS 3395.
94. PVC, p. 302. O sermão sobre A S. CASA TRANSPORTADA EM NOSSO CORAÇÃO, ou O NOSSO CORAÇÃO FEITO TEMPLO DE DEUS (13-12-1801) foi feito por ocasião da festa da Transladação da S. Casa de Loreto: PVC, pp. 301-310.
95. PVC, p. 305.
96. PVC, p. 28 s.
97. PVC, p. 29 s.
98. PVC, p. 31.
99. PVC, pp. 120-129- sermão para o primeiro do ano de 1803.
100. PVC, p. 124 s.
101. PVC, p. 126.
102. Id.
103. Id.
104. *ESERCIZI ISTR.*, MS 3228-3237.
105. Ed, MS 3232.
106. Cf S. TOMÁS, *SUMMA THEOL.*, I-II, 68,1.
107. Ep. p. 68.
108. S. AGOSTINHO, *SERMO 88 DE VERBIS EVANGELII MATTHAEI*, 14, PL 38, 546.
109. MP, p. 47: anotações de 15-09-1808.
110. Id.
111. V. aqui acima, p. 10.
112. MP, p. 77: anotação de 02-12-1808.

113. MP, p. 104: anotação de 14-02-1809.
114. *ESERCIZI ISTR.*, MS 3301-3401.
115. Trabalho de transcrição de Rodriguez, executado pelo jovem Pe. Gaspar juntamente com Pe. Mateus Farinati e o clérigo Caetano Allegri, cf. BERTONI 2, p. 259. O texto aqui referido encontra-se no *ESERCIZIO DI PERFEZIONE*, Parte I, Tr. I, c. 3, e é citado no MP, p. 31.
116. MP, p. 30: anotação de 30-07-1808.
117. 117 - MP, P. 113: anotação de 22-01-1809.
118. ID, P. 110.
119. *ESERCIZI MEDIT.*, MS 2200-2201; CS i, P. 114.
120. MP, p. 113; anotação de 05-07-1808.
121. MP, p. 179: anotação de 28-04-1811.
122. MEDIT. I L. DOS REIS, N. 32, MS 6183.
123. Id. N. 26, MS 5994.
124. Ep., p. 326: fragmento de carta, provavelmente de novembro de 1842.
125. Ep., p. 256: carta de 22-05-1829.
126. Ep., p. 109: carta de 01-06-1814.
127. MISCELÂNEA LENOTTI, SA p. 144.
128. MEDIT. I L. DOS REIS N. 6, MS 4991; BERTONI 3, p. 191.
129. CF, 47-68.
130. MP, p. 15: anotação de 09-07-1808.
131. MP, p. 59: anotação de 08-10-1808.
132. Ep., p. 35: carta de 11-12-1812.
133. PVC, p. 115. O sermão sobre A PERSEVERANÇA (PVC, pp. 111-120) é de 11-04-1803.
134. Id., p. 113.
135. *ESERCIZI MEDIT.*, MS 2497; BERTONI 3, p. 242.

136. MEDIT. I L. dos REIS, N. 16, MS 5533: BERTONI 3, p. 242.
137. PVC, p. 216. O sermão sobre AS BEM-AVENTURANÇAS (PVC, pp. 216-224) é de 01-11-1806.
138. MP, p. 145: anotação de 19-06-1809.
139. MP, p. 110: anotação de 22-02-1809.
140. 140 - PVC, p. 223 s.
141. CARTA CIRCULAR de 24-10-1916 para o centenário da fundação da Congregação: em *BREVE CRONACA DELLA CONGREGAZIONE*, I, Verona 1917, pp. 5-7.
142. GOFFI TULLO, *ANTINOMIE SPIRITUALI. NUOVO DIZIONARIO DI SPIRITUALITÀ*, Ed. Paulinas Roma, 1979, p. 22.
143. *ESERCIZI ISTR.*, MS 3412: BERTONI 3, p. 708.
144. S. TEREZA DE JESUS, VITA, in *OPERE*, Roma 1969, p. 214.
145. Desta obra Pe. Stofella afirma que era "o grande livro" de Pe. Gaspar (MP, p. 14).
146. S. INÁCIO DI LOYOLA, *EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS*, Ed. Paulinas Roma, 1984.
147. MP, p. 35: anotação de 17-08-1808.
148. MP, p. 71: anotação de 24-10-1808.
149. MP, p. 55: anotação de 27-09-1808.
150. MP, p. 103: anotação de 01-02-1809.
151. MP, p. 16: anotação de 11-07-1808.
152. *ESERCIZI ISTR.*, MS 3267-3268.
153. GIACOBBE, VITA, SA, p. 518. SOBRE Mar
154. Id, p. 348 s.
155. MISCELÂNEA LENOTTI, SA, p. 132.
156. Ep., p. 345: pedido de Pe. Gaspar ao Papa, em 1844. O texto das orações estão num fascículo impresso por Pe. Gaspar com o título DEVOÇÃO À PAIXÃO E ÀS SACROSSANTAS CHAGAS DO REDENTOR, Verona, 1824. A causa próxima desta

cerimônia é atribuída pelo próprio Pe. Gaspar a um "pedido e estímulo do Ordinário": e o fato é confirmado por um documento do Arquivo: "Todas as sextas-feiras uma hora antes do entardecer há uma cerimônia chamada da BOA MORTE, instituída nesta igreja por ordem do falecido Vigário Geral Mons. Dionisi" (SA, p. 61 s.). Efetivamente, quando foi aberta ao culto a igreja dos Estigmas, o bino Ordinário pediu a Pe. Gaspar que instituísse, como já se fazia em algumas igrejas da cidade, um curso semanal de instruções bíblicas, também para suprir a falta de tal curso na Catedral. Isto explica, entre outras coisas, a escolha da temática bíblica apresentada normalmente na meia hora de meditação (BERTONI 4, pp. 272-274). Mas o caráter de piedoso exercício em honra da Paixão e das Cinco Chagas que revestia aquela cerimônia faz pensar que a sua origem remota estaria ligada de qualquer modo a uma tradicional celebração feita pela Confraria da Boa Morte, que foi instituída para o culto das Cinco Chagas pelo Ven. Vicente Carafa em Roma, em 1648: celebração que depois foi anexada à programação espiritual de muitas Congregações marianas (cf. BONETTI I., OS ESTIGMAS DA PAIXÃO, Rovigo 1952, p. 212). Confirma-se com o fato de que o documento do Arquivo, supracitado, apresenta aquele piedoso exercício como "função da Boa Morte".

157. PVC, pp. 270-289. Pe. Gaspar fez duas vezes em S. Paulo, in Campo Marzio, o sermão da Paixão, na sexta-feira santa: aos 03-04-1801 e aos 04-04-1806. O segundo sermão retoma o texto do primeiro, com algumas ampliações e retoques.
158. Id.
159. Id.
160. Id. pg. 282
161. Id.
162. PVC, p. 289, nota 39.
163. Sermão da Paixão, MS 466.
164. *ESERCIZI MEDIT.*, MS 2649-2667; BERTONI 3, p. 167 ss; CSI, p. 236 ss.
165. *ESERCIZI MEDIT.*, MS 2664. Pe. Gaspar usa aqui, quase que literalmente o texto de S. Inácio (*ESERCIZI SPIRITUALI*, Ed. citada, p. 174) mas acrescenta por

sua conta as frases relativas à Paixão de Cristo.

166. PVC, p. 289 s.

167. Id, p. 290.

168. *ESERCIZI MEDIT.*, MS 2632; CS I, p. 230.

169. Id, MS 2637-2640; CS I, p. 232; BERTONI 3, p. 165 s.

170. Id.

171. MARANI GIOVANNI M., *RELAZIONE DELL'ISTITUTO STIMMATINO*, CS II, p. 144.

172. STOFELLA GIUSEPPE, *LE SACRE STIMMATE*, CS IV, p. 212.

173. Veja acima, nota 156.

174. STOFELLA J., O. C. p. 219.

175. Id, p. 214.

176. Veja acima, p. 24.

177. PVC, p. 289, nota 39.

178. *ESERCIZI ISTR.*, MS 3419. O texto de Tomás de Kempis está no *SERMONES AD NOVITIOS*; cf. *DE IMITATIONE CHRISTI*, L. II, c. 1.

179. *ESERCIZI MEDIT.*, MS 2647; BERTONI 3, p. 167.

180. Ep., p. 311 s.: carta de 18-11-1835.

181. Id, p. 318: carta de 29-01-1840. Pe. Miguel é o Pe. Gramego chamado, por sua alegria, "delícia da nascente Congregação" (MEMÓRIAS, p. 51).

182. BERTONI 4, p. 275.

183. BERTONI 5, pp. 568-591 e pp. 608-615.

184. DALLE VEDOVE NELO, *LA CONFORMAZIONE A CRISTO CROCIFISSO NEL BERTONI*, Roma, 1989, p. 52.

185. BERTONI 5, p. 643.

186. BERTONI 5, p. 418 s.

187. *L'OSSERVATORE ROMANO*, 16.04.1983.

188. BONETTI INÁCIO, *LE FONTI DELLA SALVEZZA*, Crotone 1984, p. 66 ss.

189. *SACROSANCTUM CONCILIUM* 5 e 6; *GAUDIUM ET SPES* 22; *RELAZIONE FINALE* do Sínodo extraordinário dos Bispos 1985, D, 2-3: "*IL REGNO DOCUMENTI*", 01-01-1986, p. 26.
190. SERMÃO DO S. CORAÇÃO (05-06-1812), MS 1771: BERTONI 3, p. 388.
191. A posição negativa dos Jansenistas relativa à devoção ao S. Coração de Jesus, expressa, entre outras, no Sínodo de Pistoya, em 1786, foi condenada por Pio VI com a Bula *AUCTOREM FIDEI* de 1794 (Denz. B. 2662).
192. S. BERNARDO, *SERMO* 61 IN CANT., PL 183, 1071.
- 192a. Sermão do S. Coração, l. c.
193. Id, MS 1775 (começo do desenvolvimento definitivo do sermão, depois dos apontamentos).
194. Id. MS 1773: BERTONI 3, p. 388.
195. Sermão sobre O NOME DE JESUS (Domingo depois da Epifania de 1801), PVC, p. 237.
196. Sermão sobre o Sagrado Coração, MS 1772: BERTONI 3, p. 388.
197. Ep., p. 66: carta de fevereiro de 1813.
198. MP, p. 183: anotação de 30-05-1812, que se refere ao momento em que Pe. Gaspar está preparando o sermão para a festa do Sagrado Coração.
199. MP, p. 12.
200. V. acima, pp. 16-17.
201. BERTONI 5, p. 153.
202. Id.
203. BERTONI 5, p. 154.
204. *BREVE CRONACA DELLA CONGREGAZIONE* I, Verona 1917,
205. SERMÃO SOBRE O NOME DE JESUS (1801), PVC, p. 239.
206. SERMÃO SOBRE O AMOR DE DEUS A SER IMITADO EM S. LUÍS GONZAGA, (27-06-1802): PVC, p. 174.
207. BERTONI 1, p. 252 ss.

208. HENCHEY JOSEPH, A EXPERIÊNCIA DE JESUS CRISTO NA VIDA DE PE. GASPAR BERTONI, *Saggi* N. 3, p. 57.
209. SERMÃO SOBRE SÃO FRANCISCO, MS 1865; Bertoni 2, p. 650.
210. Id. Pe. Gaspar inspira-se aqui, muito de perto, em S. Bernardo. *SERMO* 83 IN CANT, 5, PL 183, 1183.
211. Id.
212. Id.
213. Sermão SOBRE O NOSSO CORPO FEITO TEMPLO DE DEUS, PVC, p. 306; cf. também Ep., p. 97.
214. S. TERESA DE JESUS, CASTELO INTERIOR, VII MANSÃO, c. 2, 1 ss., OPERE p. 942 ss.
215. SERMÃO SOBRE O NOME DE JESUS, PVC, p. 241 s.
216. 216 - SERMÃO SOBRE O FRUTO SUAVÍSSIMO DA PENITÊNCIA, PVC, p. 100.
217. Ep., p. 66: carta de fevereiro de 1813.
218. Ep., p. 56: carta de 26-01-1813.
219. Ep., p. 86: carta de 28-06-1813.
220. Sermão sobre o ADVENTO (09-12-1804), PVC, p. 232.
221. *ESERCIZI ISTR.*, MS 3405; BERTONI 4, p. 134.
222. CF 109.
223. STOFELLA GIUSEPPE, O CULTO E A DEVOÇÃO AOS ESPONSAIS, CS I, pp. 246-402.
224. BERTONI ROMOLO, ESPIRITUALIDADE DE ABANDONO ESPONSAL, *IL BERTONIANO* 1980, p. 464.
225. STOFELLA J., O. c. p. 399 s.
226. MARANI GIOVANNI M., *COMPENDIO DELLE COSTITUZIONI*, CS II, p. 165.
227. REGOLE MARANI, c. 2: CS II, p. 265.
228. GIACOBBE, VITA, SA, p. 513.
229. BERTONI 1, p. 434.

230. BRESCIANI CAMILO C., *ORAZIONE FUNEBRE*, SA, p. 209.
231. Ainda no século passado os Missionários Estigmatinos propunham aos fiéis, nas Missões populares, temas como este: "Disposições para o Matrimônio", "Como deve ser uma família cristã" (cf. MS Sterza do Arquivo Geral Estigmatino). Atualmente existem muitas iniciativas de pastoral familiar atualizadas nas várias Províncias e também nas Missões exteriores.
232. STOFELLA J., O. c., p. 376.
233. Id. p. 399.
234. Id.
235. BERTONI 2, p. 24.
236. BERTONI 1, p. 207 ss.
237. BERTONI 2, p. 692.
238. GIACOBBE, VITA, SA, p. 509.
239. *POSITIO*, p. 134: testemunho de Pe. Benedetto Leonardi.
240. BRESCIANI CAMILO C., O. c., SA, p. 207.
241. SERMÃO SOBRE O NOME DE MARIA (15-09-1805), PVC, p. 314.
242. SERMÃO SOBRE O NOSSO CORAÇÃO FEITO TEMPLO DE DEUS, PVC, p. 183.
243. Id.
244. MEDIT. I L. DOS REIS N. 2, MS 4872; BERTONI 3, p. 183.
245. SERMÃO SOBRE A PUREZA DE MARIA (21-10-1805). PVC, p.
246. Id.
247. GIACOBBE, VITA, SA, p. 510 s.
248. MP, p. 170: anotação de 24-05-1810.
249. MP, p. 171.
250. BERTONI 1, p. 207 s. e BERTONI 4, p. 389 s.
251. Id.
252. SERMÃO SOBRE O ROSÁRIO (04-10-1807), MS 1365-1397; BERTONI 2, p. 563 ss.

253. Id.
254. MISCELÂNEA LENOTTI, SA, p. 188.
255. Id, SA, p. 144.
256. GIACOBBE, VITA, SA. p. 403.
257. Id, p. 404.
258. BERTONI 2, p. 412.
259. BERTONI 4, pp. 402-407.
260. Id.
261. GIACOBBE, VITA, SA, p. 509.
262. MISCELÂNEA LENOTTI, SA, p. 123.
263. STOFELLA J., O CULTO E A DEVOÇÃO AOS ESPONSAIS, CS I, p. 284.
264. Id, p. 294.
265. Id, p. 316.
- 265a. LENOTTI JOÃO B., VIDA DE PE. LUIZ BIADEGO, CS I, p. 444; BERTONI 5, p. 615 ss.
266. BERTONI 5, p. 616.00 03
267. BERTONI 5, pp. 427-430 trechos.
268. STOFELLA J., O. c., CS I, p. 350.
269. Id.

SEGUNDA PARTE:

TUDO PELA IGREJA

I. O MISTÉRIO DA IGREJA

68. A IGREJA ESPOSA DE CRISTO

"A meta de Pe. Gaspar era sempre o bem da Igreja. Portanto observava atentamente as necessidades presentes da Igreja: e estudava, escrevia, pregava e rezava justamente para isto" (1). São palavras de Pe. Lenotti, que encontram a mais convincente confirmação nas Constituições, onde o próprio Fundador apresenta a finalidade de sua Congregação nestes termos: "O escopo de nossa Congregação é prestar serviço à Igreja com os vários ministérios próprios da sua vocação, sob a orientação dos Bispos. Se isto pode algumas vezes tornar-se árduo e difícil, não se deve todavia dizer-se imprudente o propósito da nossa devoção à Igreja" (2).68

Dedicação total, serviço, devoção: são estas as atitudes fundamentais de Pe. Gaspar em relação à Igreja. Ele chega até, na sua devoção, a ver a Igreja como modelo a ser imitado; e como tal a apresenta aos alunos do seminário, sugerindo-lhes rezar: "Senhor, dai-nos fazer nossas as virtudes da Santa Igreja, a fim de que possamos ser seus filhos não ingratos ou indignos, mas ao contrário, seus imitadores, como ela o é de seu Esposo e nosso Senhor" (3).

Como base de tudo isto, há evidentemente, uma visão de fé que considera a Igreja, ainda antes dos seus aspectos visíveis e institucionais, como um Mistério, estreitamente ligado com o Mistério de Cristo. Entre as imagens bíblicas que mostram o relacionamento da Igreja com Cristo Pe. Gaspar usa de preferência a da Esposa e do Esposo: que ele toma quase como pauta para compreender na sua profundidade a misteriosa realidade da Igreja, a sua participação com Cristo na obra da salvação, o significado das suas próprias vicissitudes históricas.

É também mostrado como seja precisamente no quadro do vínculo esponsal estabelecido por Cristo com a Igreja que se realiza a união mais íntima de cada alma com o divino Esposo. "Vós atraís a vossa Esposa, que é a Igreja nossa Mãe, e os vossos e seus filhos, que somos nós - é uma invocação voltada para Cristo em nome dos jovens seminaristas -. E, se não podemos Vos seguir com o forte amor de uma esposa já madura na escola do amor, Vos seguiremos com as primícias do nosso mais terno e juvenil fervor" (4).

69. A IGREJA UNIDA AO ESPOSO CRUCIFICADO NA OBRA DA SALVAÇÃO

"A Igreja é governada forte, e ao mesmo tempo suavemente, pela graça do seu Esposo; e é em força da cooperação com esta graça que ela se governa e se rege. Ora, é particularmente por meio das tribulações que ela consegue o seu fim, isto é a perfeição da graça nesta vida e a glória na outra. Por isso devemos considerar a Igreja segundo o modo em que se desenvolve este desígnio de salvação: no qual se destacará, de um lado, a Providência admirável do seu Esposo que a rege e, do outro, as virtudes singulares da Esposa com que ela se dirige, sempre de maneira conforme seu espírito" (5).

Assim Pe. Gaspar introduz uma longa reflexão - desenvolvida nas "Meditações" aos seminaristas - sobre as tribulações e perseguições encontradas pela Igreja no curso da sua história e no desenvolvimento da missão salvífica.

Pe. Gaspar faz uma ampla descrição das tribulações e perseguições a que a Igreja está sujeita: com a finalidade de mostrar como elas, vistas à luz da paixão e da cruz de Cristo, representam uma realidade que, embora penosa, entra no desígnio divino sobre a Esposa de Cristo. Ele acentua precisamente que, por motivo das tribulações e perseguições, a Igreja revive o Mistério Pascal do seu Esposo, tirando dele uma perene renovação na santidade, na paz, na fecundidade apostólica.

"As tribulações da Igreja - afirma Pe. Gaspar - são suavizadas pela consolação interna: porque a Igreja sofre de modo que não se deixa assoberbar pelas tristezas, ouvindo a voz do seu Esposo" (6). "Efeito da aflição: fervor na pregação e confiança na oração. Isto, pela consolação interna e por merecimento da aflição" (7). "Fruto das tribulações da santa Igreja - acrescenta ainda Pe. Gaspar - é a perfeição dos eleitos" (8).

Na mesma perseguição - da qual também acentua a gravidade, apresentando-a como uma guerra à Igreja - Pe. Gaspar sabe descobrir um momento de crescimento e de vitória. "Quando chega a perseguição, reforça-se a luta da pregação; com os méritos, com a caridade mais ardente, com a confiança no pregar" (10). Como resultado da perseguição, ele salienta que muitas vezes "alguns dos perseguidores se convertem pela paciência da Igreja" (11); enquanto na própria Igreja cresce o desejo de uma ulterior expansão do reino de Deus (12).

70. A IGREJA, UNIDA A CRISTO, NA FORMAÇÃO DOS SEUS MINISTROS

"Senhor, conhecemos as tribulações da vossa Igreja, onde se destacam igualmente a vossa admirável Providência, seu Esposo, e a conduta prudente e virtuosa da vossa Esposa. Nós adoramos o vosso sapientíssimo governo e vos pedimos fazer-nos imitar vossa Esposa na total conformidade ao vosso convite: "Se alguém quer me seguir, tome sua cruz" (Mt 16, 24). Fazei que carreguemos, não arrastemos a cruz, e a carreguemos com tanta boa vontade que cheguemos a gloriar-nos nela" (13).

É uma das invocações com que habitualmente Pe. Gaspar conclui as "Meditações" feitas no Seminário. Ela já tem um significado muito concreto se pensar no papel especial que aguarda os ministros ordenados no quadro da obra salvífica desenvolvida pela Igreja em união com o Esposo crucificado. Mas assume um significado ainda mais completo se colocada no momento histórico em que Pe. Gaspar fazia aquelas meditações: o conflito entre Napoleão e o Papa, quando a fidelidade autêntica dos pastores à própria missão podia custar muito caro.

A Igreja está sempre unida com o divino Esposo no cuidado especial da vocação dos seus ministros, além de sua obra, também com seu exemplo. "A vocação é o efeito da eleição gratuita do Esposo: "não fostes vós que me escolhestes, mas eu vos escolhi" (Jo 15, 16). No final desta eleição porém a Providência, que "dispõe os meios com força e ao mesmo tempo com doçura" (Sb 8, 1), empenha seja o maternal cuidado de Sua Esposa, como a cooperação livre dos próprios eleitos" (140).

Pe. Gaspar dá particular relevo à união esponsal da Igreja com Cristo quando se trata de defender a vocação consagrada dos eleitos das diversas tentações que possam prejudicá-la. "A divina Providência, que ordena estas provas para o bem do seu eleito, se permite a tentação, limita o seu efeito; e além dos auxílios internos, fornece também exteriormente as defesas, de modo que seu eleito possa triunfar com a própria cooperação. E particularmente aplica aí o vigilante cuidado maternal da sua Esposa, cumulando-a de zelo para que possa guardar seus filhos e dê luzes para que os saiba guiar nesta luta" (15).

71. O ESPÍRITO SANTO, ALMA DA IGREJA

"O Espírito de Deus desce com abundância da Cabeça, atinge e enriquece todos os membros do corpo, e aumenta na medida em que cada um está disposto a acolhê-lo" (16).

Na realidade misteriosa da Igreja, Esposa de Cristo, Pe. Gaspar reconhece assim, como componente essencial, a presença do Espírito Santo: comunicado pelo Esposo divino, que é ao mesmo tempo Cabeça do Corpo místico, para que ilumine com sua luz todos os membros, os sustente com sua força, os reanime constantemente com o dom da caridade. "Ó Senhor, nós não ousamos entrar em Vossa casa sem que o Vosso Espírito nos introduza" - assim reza nas "Meditações" feitas aos seminaristas. Dai-nos o Vosso Espírito, porque o haveis prometido a quem o pede: Ele nos é necessário para sondar todas as coisas, também as profundezas de Deus (1 Cor 2, 10). Espírito que sobre o fundamento da fé edifica em nós um edifício perfeito de caridade, com nossa cooperação à graça divina em que esperamos" (17).

Falando aos sacerdotes Pe. Gaspar os convida a apresentar-se em tudo - a exemplo e sob orientação de S. Paulo - "como ministros de Deus, no Espírito Santo e com amor sincero (2 Cor 6, 4-6). No Espírito Santo: ou seja nas obras feitas com a força e o impulso do Espírito Santo. Façamos tudo com ânimo piedoso, bom, sincero e ardente, que se perceba como nós somos movidos, não pelo orgulho ou vanglória, mas pelo Espírito do Senhor. Com amor: mas não fingido, como acontece com aqueles que falam sempre de caridade e de perfeita caridade, enquanto se separam da unidade e procuram levar divisão também entre os outros" (18).

É portanto pela presença do Espírito Santo que floresce na Igreja a vida nova e perenemente renovada: na fé, na esperança, na caridade e na unidade, na fecundidade salvífica.

72. A SERVIÇO DA IGREJA, PARA A COMUNHÃO E A MISSÃO

"O bom pastor da Igreja reúne em torno de si a comunidade em vista a dois fins: para concentrar e reunir ao mesmo tempo a luz de muitos exemplos; e para difundir em todo lugar a luz da pregação" (19).

A Igreja, Esposa de Cristo e seu Corpo animado pelo Espírito Santo, é constituída de homens chamados a levar adiante, com responsabilidade própria e ativa, o crescimento interior da comunidade e a missão salvífica que o Senhor lhe confiou. Pe. Gaspar mostra possuir uma visão bem clara destas duas tarefas fundamentais da Igreja - a comunhão e a missão, intimamente entrelaçadas - como se vê nas palavras referidas, que fazem parte de uma "Meditação" sobre "as sábias medidas tomadas pelo bom pastor para conseguir a vitória" (20).

Para a promoção da comunhão no interior da Igreja e a sua missão no mundo, Pe. Gaspar empenhou, pode-se bem dizer, sua vida: oferecendo uma notável contribuição de pensamentos e ação, que merece ser aprofundada também pelo valor de perene atualidade que ela representa. O contributo mais relevante e duradouro oferecido por Pe. Gaspar à vida de comunhão e à missão da Igreja é certamente a fundação do seu Instituto religioso: que ele quis fosse constituído de Missionários Apostólicos a serviço dos Bispos.

73. UM INSTITUTO DEDICADO AO SERVIÇO DA IGREJA PELA COMUNHÃO E MISSÃO

"FIM; Missionários Apostólicos a serviço dos Bispos" (21): é o primeiro número das "Constituições" escritas por Pe. Gaspar para sua Congregação.

Com tal fórmula o Fundador coloca em relevo diretamente a exigência de tomar parte ativa na missão da Igreja. E de fato também a distinção de graus entre os confrades - por ele prevista, segundo o critério de S. Inácio, mas superada depois pela evolução do Direito Canônico - é estabelecida em relação à missão: enquanto alguns, "promovidos à per- feição do ministério sacerdotal, assumem a Missão Apostólica"; outros são destinados como "auxílio aos Missionários" (22).

Todavia, o convite para promover a vida de comunhão na Igreja, com especial atenção às exigências da Igreja local, vem expresso naquela fórmula e nas "Constituições": enquanto a Missão Apostólica é levada adiante no estilo de pleno "serviço aos Bispos", "sob sua direção e de- pendência, obedecendo-lhes em tudo que diz respeito ao exercício do ministério apostólico" (23).

Também para sua pequena Igreja que é a Congregação Pe. Gaspar atribui um papel significativo ao Espírito Santo: quem inspirou sua fundação e lhe garante a fidelidade aos ideais, não obstante todas as dificuldades. O motivo principal pelo qual, segundo o Fundador, pode-se ver com confiança o responsável projeto assumido pela Congregação diante da Igreja é que "a sua atuação depende não das forças do homem, mas da graça do Espírito Santo" pois, Aquele que inspirou e começou a obra, Ele mesmo a conduzirá ao cumprimento, quando nossas forças não forem suficientes para mantê-las em pé" (24). Um outro motivo de confiança pois é que "com este projeto nós não propomos expor-nos aos eventuais perigos do nosso arbítrio: mas seguir a orientação do Bispo, posto pelo Espírito Santo para reger a Igreja de Deus: que é um meio bem seguro para não se enganar no caminho do Senhor" (25).

II. COM O PAPA PARA A UNIDADE DA IGREJA

74. "A UNIDADE É A FORÇA INVENCÍVEL DA IGREJA

"Igreja, Esposa de Cristo, é uma viva imagem da divindade, representando-lhe os traços principais: a unidade. A unidade, pela união e vínculo das partes, constitui a beleza imutável e a força invencível da Igreja: bela como a luz, resplandecente como o sol, terrível como um exército em ordem de batalha" (26).

Por estas expressões - dirigidas aos sacerdotes nos Exercícios - vê-se o que significa para a Igreja, aos olhos de Pe. Gaspar, a unidade e a comunhão. Elas representam o valor primeiro e fundamental da Igreja, o que lhe confere sua beleza imutável e sua fortaleza invencível, o que a torna verdadeiramente imagem da Trindade.

À luz de tais visões de fé - e tendo presente também a situação histórica de então, quando a vida de comunhão na Igreja, e sua própria unidade, estavam fortemente prejudicadas pelo galicanismo e pelo jansenismo compreende-se o calor e a convicção com que Pe. Gaspar faz sua, e desenvolve por própria conta, a aflita exortação à unidade dirigida por S. Paulo aos fiéis da comunidade de Éfeso.

"Exorto-vos eu, o prisioneiro do Senhor: sede solícitos em conservar a unidade do Espírito no vínculo da paz. Um só corpo, um só espírito: não hajam entre vós diversidade de doutrina, divisão de partidos; mas um espírito de fé nos anime a todos, como somos um só corpo. Um é só e o fim natural ao qual tendemos: como uma só é a esperança à qual fostes chamados. Um só é o que nos propôs este fim e a ele nos orienta; se muitos pastores nos guiam, não nos guiam senão por sua autoridade, por seu nome: um só Senhor" (27).

75. A "PRIMEIRA PEDRA", FUNDAMENTO VISÍVEL DA UNIDADE

"Senhor, fechai os ouvidos do nosso coração para os chamados da serpente e abri-os à voz de Pedro, para que jamais sejam corrompidos os nossos sentidos nem se desfaça a pureza da nossa fé, mas possamos apresentar o nosso espírito como uma virgem casta a Vós, que sois o Esposo das almas fiéis" (28).

Desta invocação, apresentada nas "Meditações" aos seminaristas, fica clara a convicção de Pe. Gaspar de que a garantia da fidelidade ao Esposo divino e "único

Senhor" (Ef 4, 5) é dada pela fidelidade à "voz de Pedro", escolhido por Cristo como centro visível da unidade da Igreja. Naquelas mesmas "Meditações" - feitas durante a fase mais aguda do conflito entre Napoleão e Pio VII - Pe. Gaspar defende corajosamente o papel e os direitos do Sumo Pontífice, e aí ilustra com particular perspicácia o alcance teológico em relação a alguns problemas particularmente importantes, e então atualíssimos, para a vida da Igreja.

Sobre o tema da eleição dos Bispos - que era o motivo principal do conflito - Pe. Gaspar não só reivindica com clareza o direito do Papa; mas acrescenta com profundo sentido teológico, que só na docilidade ao Papa o próprio bispo tem a certeza da vontade divina a seu respeito. "Pela autorizada designação do Supremo Pastor confirma-se a certeza da eleição divina do novo bispo" (29). E, por outro lado, "quando alguém é assim dócil aos Superiores mesmo diante do próprio juízo, então é seguramente conduzido pelo espírito de Deus. E por isso a dócil submissão ao Sumo Pontífice é a última confirmação que a eleição é de Deus" (30).

Num certo ponto de suas "Meditações sobre o I Livro dos Reis" - partindo das vicissitudes de Saul, que inicia bem o seu reinado e o conclui depois tão mal - fala bastante da parábola daquele que começa o seu ministério como "bom pastor", mas depois se torna "mau pastor". "As causas do bom comportamento do novo pastor se reduzem à adesão ou dependência do Primeiro Pastor, porque a doutrina e a conduta dele é a norma da retidão do bom governo espiritual" (31). Enquanto o "mau êxito" do "mau pastor" que "tem sua origem na soberba e seu progresso na negligência, tem seu fim ou consumação na desobediência à Santa Sé" (32).

A própria autenticidade da vocação ao sacerdócio é vista por Pe. Gaspar à luz da fé e da docilidade para com o Papa. "Eis, pela indefectível firmeza da Primeira Pedra, o Espírito criador manifesta o plano da vocação dos novos ministros segundo o Espírito de Deus: ministros que tenham diante dos olhos o céu e não mais a terra; que tenham pois, Cristo como escopo das suas intenções e como modelo do seu comportamento, para conformar-se a Ele" (33). "Aquele jovem, portanto, ao qual o Espírito ensina colocar como primeira base da retidão do seu espírito esta Pedra de extrema firmeza, não tem ele talvez a mais bela disposição de ser chamado por Deus ao estado eclesiástico?" (34).

76. FIDELIDADE INABALÁVEL AO PAPA

"O respeito, a veneração, a união, o amor à Sé Apostólica e ao Romano Pontífice eram extraordinários em Pe. Gaspar" (35): atesta Pe. Lenotti com uma afirmação que vê ao mesmo tempo as atitudes práticas de Pe. Gaspar e as convicções de fé que delas derivavam.

Ao tema do primado do Papa ele dedicou o maior esforço cultural da sua vida: um estudo de cerca de duas mil páginas, que ficou manuscrito (36), no qual recolheu centenas de documentos, compreendidos os mais recentes: como as respostas dadas pelos Bispos italianos a Napoleão que lhes pedia o apoio no seu conflito com Pio VII (37).

Com a medida da fidelidade ao Papa Pe. Gaspar avaliava também as correntes de pensamentos que percorriam então o campo da cultura católica. Quando foi publicada na revista diocesana de Paris, em 1829, uma declaração do Arcebispo claramente inspirada nos princípios galicanos, ele reagiu com insólita energia em uma carta a L. Naudet: "Trata-se de verdades que devemos crer. Devemos apoiar-nos não na autoridade de Monsenhor, mas na autoridade do Chefe da Igreja sobre o qual está fundada a Casa de Deus, que é a coluna e o fundamento da verdade. Ouçamos Cristo e seu Vigário; e se ficássemos também só nós com Noé, que ficou só contra todos, poucos e sozinhos nos salvaremos dentro da Arca" (38).

Interessante ressaltar que este severo juízo sobre o Arcebispo de Paris equivalia a um forte apoio ao célebre escritor R. De Lamennais, adversário do galicanismo e tido por Pe. Gaspar, justamente por causa disto, em altíssima consideração (39). Mas quando Lamennais aderiu às extremas teses do liberalismo pelas quais foi condenado por Roma, Pe. Gaspar não exitou em separar-se dele, embora com muito sofrimento e amargura. "Já havia percebido os erros de Lamennais - escreve a Naudet - e isto me havia feito tremer: porque se desmoronam aquelas colunas, que se dizer dos pobres caniços?" (40).

Ao lado da inabalável fidelidade de Pe. Gaspar ao Sumo Pontífice está a certeza da fé que justamente através da suprema autoridade conferida ao seu Vigário na terra Cristo manifesta sua própria vontade e desígnio salvífico do Espírito de amor. "Por meio da indefectível firmeza da Primeira Pedra - diz nas "Meditações" aos seminaristas - o Espírito criador manifesta seus desígnios" (41).

77. LUTAR E SOFRER PELA UNIDADE

"Pe. Gaspar estudou muitíssimo para se armar contra a praga do jansenismo que serpeava até mesmo pelas nossas redondezas. E com isto ele ajudou muito a Igreja veronesa, usando toda diligência para prevenir o clero contra aquele veneno" (42).

Este testemunho de Pe. Lenotti, que põe às claras um momento significativo do esforço concreto espalhado por Pe. Gaspar para a unidade da Igreja, apresenta indício em numerosos episódios referidos pelos biógrafos. Com um grupo de sacerdotes e clérigos liderados por ele levou adiante por vários anos o estudo da Moral segundo os princípios de S. Tomás e de S. Afonso de Liguori, com a finalidade de contrapor-se ao rigorismo jansenista: tanto que foram reconhecidos como "os primeiros em Verona a seguir aquela direção mais evangélica e torná-la mais útil e estimada" (43). O mesmo cuidado Pe. Gaspar prodigalizou nas reuniões dos Colégios de sacerdotes - havia sido nomeado teólogo definidor para o Colégio de S. Nicolau - nos quais sabia apresentar-se corajosamente, segundo atesta Pe. Giacobbe, como "o eco e a testemunha fiel da verdade" (44). Não é exagero afirmar como fazem os biógrafos, que Pe. Gaspar, na diocese de Verona "era o centro da resistência contra o jansenismo" (45).

Também no trabalho de formação desenvolvido em relação ao Clero ele acentua fortemente a necessidade de sentir com a Igreja, superando as insídias do "próprio juízo". "Ter sempre pronto o espírito para obedecer a Esposa de Cristo e nossa Mãe que é a Igreja ortodoxa, católica e jerárquica - é uma das lembranças com que termina os "Exercícios ao Clero" - deixando de lado até mesmo o próprio juízo pessoal. Deve-se crer de fato sem sombra de dúvida que é o mesmo Espírito, o de Nosso Senhor Jesus Cristo e o da Igreja, sua Esposa, mediante o qual somos governados e guiados para a salvação" (46).

Por esta sua luta em favor da unidade da Igreja Pe. Gaspar teve que pagar um preço elevado, em termos de hostilidade, de injúrias, até mesmo de agressões físicas, por parte dos jansenistas. "Entre os muitos fatos que se poderia referir - escreve Pe. Giacobbe - lembramos a agressão ocorrida perto da igreja de S. Firmo, por um feroz seguidor de Jansênio que, cheio de raiva, dirigiu-lhe violentas invectivas" (47). É a algum episódio desse tipo que se refere uma anotação do "Memorial Privado", feita no dia 27 de junho de 1813, onde se vê com que espírito Pe. Gaspar afrontasse semelhantes experiências: "O Senhor me fez digno de aguentar uma... em honra de sua verdade" (48).

78. AS RAÍZES DA UNIDADE: HUMILDADE E OBEDIÊNCIA

"Não há nada que possa dividir tanto a Igreja quanto a ambição e o amor do poder, o apego aos cargos. E nada irrita tanto a Deus quanto a divisão na Igreja. Embora tivéssemos feito inumeráveis obras boas, seríamos punidos. Disse um santo que nem mesmo o sangue do martírio pode apagar tal pecado. O prejuízo que daí deriva à Igreja não é menor, antes é muito superior, do que os causados por seus inimigos" (49).

Nos "Exercícios ao Clero" Pe. Gaspar dedica duas instruções ao tema da "União" (5), acentuando principalmente sobre as disposições interiores exigidas nos membros da Igreja: sobretudo naqueles que têm maiores responsabilidades e são portanto chamados a seguir mais de perto o exemplo de Cristo.

III. COMUNHÃO VIVIDA NA IGREJA LOCAL

"A vanglória é a causa de todos os males. Daí provêm as lutas e as discórdias, dela a inveja e a vontade dos abusos, dela o resfriamento da caridade. Tende em vós os mesmos sentimentos que existiram em Jesus Cristo (Fl 2,5). Pensas talvez que a humildade seja coisa pouco decorosa? Cristo não pensava assim: o qual sendo Deus por natureza, não quis manter como um tesouro cioso sua igualdade com Deus, mas despojou-se a si mesmo, fazendo-se de Senhor, servo; de Deus, homem; de Criador, criatura. É grande coisa fazer-se servo, maior ainda morrer, e de morte ignominiosa, enumerado entre os ladrões. Humilhou-se a si mesmo e obedeceu" (51).

"Humilhou-se a si mesmo e obedeceu". Sobre esta íntima ligação entre humildade e obediência Pe. Gaspar retorna insistentemente, sobretudo nas "Meditações" aos seminaristas. "Nada se deve evitar com maior cuidado do que a soberba e a desobediência": afirma citando uma frase atribuída a S. Gregório Magno (52). Aliás ele não hesita em ver na desobediência ao Papa a queda mais desastrosa em que se pode precipitar o "mau pastor". "Se nenhum remédio serve, então se vai ao fundo, que é a desobediência" (53). E, de outro lado, tende a confirmar positivamente que "sinal de plenitude do Espírito Santo é a excelente humildade; sinal da excelente humildade é a perfeita obediência, que é o sinal dos sinais e o selo de todos os testemunhos" (54).

79. FRATERNIDADE SACERDOTAL

Pe. Gaspar demonstrou logo uma acentuada propensão em estabelecer sólidos

relacionamentos de amizade e de colaboração com os co-irmãos no sacerdócio. Uma ocasião particularmente favorável apresentou-se-lhe com a fundação da obra dos Oratórios Marianos: vasto campo de trabalho que foi logo empenhando um número crescente de colaboradores. Do primeiro núcleo afirma Pe. Giacobbe que "animados pelo zelo e pelo espírito de Pe. Gaspar formavam quase uma corda de três fios de admirável concórdia entre eles, graças à qual ligavam assim tão docemente o coração dos jovens que estes, uma vez atraídos, não mais conseguiam separar-se deles" (55). A rede de colaboradores estendeu-se a tal ponto que em uma peregrinação organizada pouco antes da supressão dos oratórios, no ano de 1807, Pe. Gaspar pode verificar a presença de mais de vinte participantes (56).

Pe. Gaspar conseguiu manter relacionamentos mais profundos com um grupo daqueles colaboradores - sacerdotes e também seminaristas que começaram a se agrupar em torno dele e reunir-se periodicamente em sua casa, para intensificar a própria formação espiritual, cultural e apostólica (57). No clima de fervor criado no interior daquele grupo foi amadurecendo, em boa parte deles, a vocação de se consagrar ao Senhor na vida religiosa (58).

Uma anotação feita por Pe. Gaspar no "Memorial Privado", aos 15 de setembro de 1808, mostra qual fosse o sentido e a direção daquele caminho. "Em uma visita com os companheiros ao altar de S. Inácio, muita devoção e recolhimento com grande suavidade interna e alguma lágrima. Parecia-me que o Santo nos acolhesse bem e nos convidasse a promover a maior glória de Deus como ele fez. Parecia que nos dissesse: Coragem soldados de Cristo, armai-vos de fortaleza, tomai a espada da palavra de Deus e combatei a antiga serpente. Fazei reviver em vós o meu espírito, e também nos outros, por vosso intermédio" (59).

Oito anos depois desta nota Pe. Gaspar entrará nos Estigmas com os primeiros companheiros para estabelecer aí uma "Congregação de Padres que vivam segundo as regras de S. Inácio" (60). E fica bem claro que com tal escolha ele entendeu continuar a reforçar, não certamente interromper, o vínculo da fraternidade sacerdotal e da comunhão no âmbito de sua Igreja local. "Escopo de Pe. Gaspar e do seu Instituto - escreve autorizadamente Pe. Marani - foi sempre ajudar o Bispo, e portanto também os párocos e os sacerdotes, nas suas necessidades: e estava sempre totalmente pronto a fazê-lo, mesmo com o sacrifício da saúde" (61).

80. A COMUNIDADE RELIGIOSA, EXEMPLO E FONTE DE COMUNHÃO

"Pe. Gaspar logo começou a organizar a comunidade dos Estigmas "*more Religiosorum*", segundo o estilo dos Religiosos: mas de perfeita observância e de perfeitíssima vida comum, como era desejo de todos nós" (62). É a lembrança viva de Pe. Marani: confirmada pelas primeiras testemunhas sobre a vida daquela comunidade, os quais concordavam em ressaltar sobretudo o espírito de comunhão e a caridade fraterna da qual ela era animada.

"Se conversas com eles, encontras que cada um no pensamento, nos sentimentos do coração, no comportamento exterior, é o retrato fiel do outro. Se queres saber o que aparece neles principalmente digno de nota é a humildade, a caridade, o tratamento afabilíssimo" (63). Esta é a impressão de um sacerdote vienense, Pe. Luís Schlör, que, depois de haver permanecido um ano em Verona de 1837-1838, escreveu um livro sobre a situação religiosa da cidade, onde a comunidade dos Estigmas é apresentada como "pérola escondida do clero veronês" (64). De Pe. Gaspar, particularmente, Pe. Schlör escreveu: "Este homem de tanto tino e piedade sabe com tal suavidade de maneira e com tal firmeza orientar sua comunidade, que um só espírito os anima a todos, uma só vida, por assim dizer, se difunde em todos" (65).

Por sua vez, Pe. Bragato, falando de sua experiência vivida dentro da comunidade, pode atestar: "O vínculo da Congregação era a caridade que temperava de espiritual doçura todo trabalho e fadiga, e o seu fundamento era uma vida perfeitamente comum que era regulada em tudo pela obediência" (66).

O cuidado do Fundador para este componente fundamental da vida religiosa sobressai do fato que dedicou a ela uma parte inteira das suas "Constituições" - a parte X, que com seus 80 números é sem dúvida a mais desenvolvida - a qual se pode bem dizer que constitui um verdadeiro "código de comunhão fraterna" (67).

Como, do convento dos Estigmas, Pe. Gaspar continuou a promover a fraternidade sacerdotal e a comunhão na diocese é ilustrado ainda pelo Pe. Marani, de cujo amplo testemunho apresentamos um trecho. "Por quanto permite o tempo livre, os Padres dos Estigmas se empenham em pregar novenas, oitavários, tríduos; mais que tudo, porém, em dar frequentemente os Exercícios espirituais, principalmente aos sacerdotes e estudantes do seminário: os quais muitas vezes são mandados à nossa casa para fazer os Exercícios. Se tivéssemos sempre indivíduos suficientes para

responder a todos os chamados do Bispo e dos Párocos, os manteríamos sempre todos ocupados" (68).

81. COMUNHÃO ENTRE FAMÍLIAS RELIGIOSAS

"Eu sempre entendi que em Verona não se empreendia obra de Deus sem consultar Pe. Gaspar" (69): afirma o célebre escritor jesuíta Pe. Antônio Bresciani referindo-se ao fato, amplamente ilustrado pelos biógrafos, que Pe. Gaspar foi no seu tempo uma constante referência para os numerosos fundadores e fundadoras veroneses, que deram vida a um vasto florescimento de Institutos religiosos.

O auxílio fraterno de Pe. Gaspar para com os outros Institutos exprimia-se não só no dom, já tão precioso, do conselho e do encorajamento. Ele teve oportunidade de dar o seu trabalho também colaborando na confecção das Constituições, na elaboração de programas pastorais e educativos, e interessando-se ativamente em levar adiante as práticas necessárias para obter as aprovações eclesiástica e civil: da aprovação que jamais se ocupou para a sua Congregação, dizendo na sua humildade que não se sentia "figura de fundador de religião" (70).

Uma forma concreta de comunhão com as outras famílias religiosas era a feita por Pe. Gaspar favorecendo, com espírito de absoluto desinteresse, as vocações destinadas a alimentá-las. Na verdade ele havia proposto como critério fundamental que "em matéria de vocações, ao invés de forçar, é bom deixar o cuidado para Deus" (71). Mas quando alguém se apresentava a ele para pedir luzes e orientações sobre vocação religiosa, "ele os examinava, confortava, orientava; e quantos não mandou para quase todas as ordens religiosas e para as missões estrangeiras!" (72). O próprio Pe. Antônio Bresciani, acima lembrado, reconhecia o bom êxito da sua vocação para a Companhia de Jesus, depois da graça de Deus, "aos sábios conselhos e às fervorosas palavras daquele homem virtuoso que era o Pe. Gaspar Bertoni" (73).

A propósito da Companhia de Jesus, existe um testemunho impressionante de um cronista, relativo ao que fez Pe. Gaspar para favorecer a sua volta a Verona. "Pe. Gaspar com sua Congregação, oferece duas casas para estabelecer em uma delas o Noviciado, e está pronto a ceder gratuitamente aquela casa à Companhia. Se estas não fossem adaptadas ao fim, oferecia o Convento onde mora com sua comunidade, disposto a retirar sua família religiosa para alguns cômodos somente. Se a Companhia achar oportuno, Pe. Gaspar está disposto a ceder sua escola; aliás se houvesse

necessidade, estaria disposto também a fornecer à Companhia os meios necessários para o sustento do pessoal empregado em tal finalidade" (74).

82. OS LEIGOS NA COMUNIDADE ECLESIAL

"Não só sacerdotes, mas sob a orientação deles também leigos podem ser utilizados para as instituições dos Oratórios, e devem cooperar para seu bom andamento: como fazia em seu tempo Pe. Gaspar, que se servia de leigos exemplares para a boa direção dos Oratórios constituídos, e os empenhava também como fermento para a fundação de novos" (75). É o Cardeal Luís di Canossa que apresenta estas orientações aos seus sacerdotes no final de 1800, com a finalidade de despertar interesse para os Oratórios Marianos; e ao mesmo tempo oferece um testemunho precioso sobre o estilo adotado por Pe. Gaspar no relacionamento com os leigos.

Efetivamente as afirmações do Cardeal di Canossa sobre o estilo de Pe. Gaspar encontram correspondência muito precisa no seu comportamento. No interior dos Oratórios a responsabilidade dos vários setores era confiada aos leigos, com tarefas largamente direcionais. A fundação, pois, de novos Oratórios acontecia não somente com o entendimento entre sacerdotes, mas com uma original forma de colaboração por parte dos próprios jovens. A sessão dos Juniores dirigia-se ao lugar na tarde anterior, e depois da janta e do pernoite organizado militarmente, permanecia praticamente toda a manhã de domingo na igreja e nos ambientes da paróquia, dando uma demonstração prática do que devia constituir o empenho espiritual e formativo do Oratório Mariano (76).

"Por meio de alguns jovens mais preparados ia jogando o anzol para pegar os mais afastados e dispersos, e fazia boa pesca" (77), valorizando os leigos para o apostolado. Pe. Giacobbe refere diversos casos de autênticas conversões obtidas por aqueles jovens colaboradores de Pe. Gaspar: dos quais afirma que "debaixo das vestimentas de seculares escondiam um espírito de religiosos e missionários" (78).

83. FORMAÇÃO ESPIRITUAL E APOSTÓLICA DOS LEIGOS

"A tarde dos dias festivos Pe. Gaspar acolhia aqueles jovens e adultos do Oratório que estavam livres do trabalho, e com eles passava as horas em leitura e entretenimentos espirituais. Cada um podia intervir com observações próprias, ou pedir explicações: e a todos ele respondia pronta e familiarmente, de modo a satisfazê-los em toda pergunta e deixá-los bem instruídos e formados" (79).

É apresentada, neste testemunho do primeiro biógrafo, a premissa indispensável utilizada por Pe. Gaspar para conseguir o resultado de uma verdadeira valorização dos leigos na vida da Igreja: isto é sua formação espiritual e apostólica. A essa tarefa de formação ele se dedicou constantemente durante a sua vida. Nos Estigmas, onde no Oratório havia sido formado um grupo escolhido de responsáveis, ou "Restrito", "era belo e edificante ver Pe. Gaspar, já velho, mover-se com dificuldade do quarto com sua bengala, e vir ao altar para fazer-lhes o sermão; ou chamar ao quarto este grupo escolhido, e, sentados ao seu redor, fazer-lhes uma pequena prática, com grande edificação e contentamento deles" (80).

No quadro da tarefa formativa entrava também, naturalmente, um programa adequado de oração: que compreendia, entre outras coisas, o empenho da meditação diária (81), e a frequência anual a um curso de Exercícios (82).

Na base de tudo isto se encontra em Pe. Gaspar uma clara visão teológica da vocação dos leigos a uma participação plena na vida da Igreja, em particular no caminho da santidade: visão que ele às vezes exprime em termos quase provocativos em relação aos sacerdotes. "É uma lástima ver tanta santidade nos leigos, e tantas imperfeições e vícios em um sacerdote": escreve no "Memorial Privado" (83). E nos "Exercícios ao clero": "Quanto motivo de vergonha e temor, vendo tantos leigos no meio do mundo mais preocupados do que eu no cuidado da sua perfeição, e também mais perfeitos na sua condição, que eu na minha" (84). ão, que eu na minha" (84).

Não há dúvida de que, se Pe. Gaspar se permite tal linguajar, é porque, na sua experiência de grande educador, teve meios de verificar o amadurecimento de autênticos frutos de santidade no meio dos leigos, particularmente no âmbito dos Oratórios.

84. "SERVIÇO AOS BISPOS"

O serviço aos Bispos (85) e a plena disponibilidade às suas orientações (86) foram queridos por Pe. Gaspar como notas características da sua Congregação: mas eles têm raízes profundas na vida do Fundador.

"Uma palavra do Bispo era para Pe. Gaspar uma ordem da qual jamais se afastaria. E para as grandes tarefas, mesmo de grande esforço, que lhe fossem pedidas, ele sempre obedecia e executava": afirma Pe. Lenotti (87). O mesmo escreve: "Pe. Gaspar foi sempre muito querido pelos bispos com os quais viveu: D. Avogadro, D.

Liruti, D. Mutti; mas acima de tudo por D. Grasser, que lhe tinha tanta estima e veneração que à miúdo o visitava para consultá-lo sobre diversos e importantes assuntos, e com ele ficava longo tempo" (88).

A respeito de D. Grasser é referido um episódio significativo. O povo veronês, no início, mostrava uma certa frieza ao novo Bispo, devido sua origem tiroleza. Em um dos primeiros encontros com o clero - realizado no seminário no final dos Exercícios - Pe. Gaspar, que fora o pregador do curso, "foi até o bispo e prostrou-se diante dele, de joelhos, e com grande surpresa de todos beijou-lhe os pés como ao Sumo Pontífice" (89). O gesto teve o efeito de quebrar o gelo da situação e dar início a um relacionamento entre Bispo e seu clero, que a seguir tornou-se exemplar.

O sucessor de D. Grasser, D. Aurélio Mutti, afirmará depois em Veneza, para onde fora promovido Patriarca: "Não duvidamos em afirmar que de Pe. Gaspar e de seus sacerdotes não poderíamos esperar um maior e mais útil serviço às necessidades da diocese; por isso eles se tornaram verdadeiramente beneméritos da Igreja e da própria diocese" (90). D. Benedito de Riccabona, sucessor de D. Mutti em Verona confirma de sua parte: "Esta Congregação, desde o seu nascimento jamais deixou de se mostrar operante em qualquer ministério pedido pelo Bispo. É raro que um Bispo tenha sacerdotes preparados para utilizar em qualquer circunstância ou necessidade imprevista. Enquanto estes têm por norma do seu Instituto estarem preparados para qualquer ministério que lhes chame a obediência dos seus superiores a serviço do Bispo" (91).

IV. A SERVIÇO DA MISSÃO DA IGREJA

85. "O MISSIONÁRIO APOSTÓLICO: FEITO TUDO PARA TODOS"

"Dos cárceres passava ao Seminário, como de um claustro de piedosas virgens a um retiro de pobres mulheres mundanas. Assim é: em qualquer lugar onde chegasse para anunciar a paz, Pe. Gaspar era tudo para todos! O homem de Deus, verdadeiro pai das almas, em uma palavra o Missionário Apostólico e santo" (29). Pe. Giacobbe que dá este testemunho, insiste ainda sobre o mesmo assunto: "cabia-lhe muito bem o que dele geralmente era falado como seu verdadeiro e constante lema: foi tudo para todos, seguindo S. Paulo (1 Cor 9,22)" (93).

Com uma singular convergência de linguagem, D. Grasser, delineando o perfil de Pe. Gaspar em uma carta à S. Sé, escreveu: "Afirmamos que o sobredito sacerdote tem

admirável santidade de vida, de doutrina e de caridade, feito tudo para todos: tanto que seu zelo refulge acima dos outros membros do clero": (94). Também para seus Missionários Apostólicos o Fundador transmite a mesma obrigação: "Cada um se propõe, o exemplo dos Apóstolos, dos quais sabemos que se fizeram tudo para todos a fim de ganhar todos para Cristo" (95).

À luz de tais atitudes de base compreende-se as orientações de ação escolhidas por Pe. Gaspar no campo do apostolado.

Ele quis empenhar-se a si mesmo e à sua Congregação, em todas as formas de evangelização - *Verbi Dei quodcumque ministerium*: O ministério da palavra de Deus sob todas suas formas (96), prescreve nas Constituições - tendo presente as maiores necessidades do Reino de Deus nos diversos tempos e lugares, conforme os pedidos dos Pastores da Igreja. "Pe. Gaspar não se limitou a esta ou aquela espécie de atividade apostólica - escreve a propósito Pe. Marani - mas em todos os casos e para todas as boas obras a serviço de Deus e em auxílio das almas quis que estivessem prontos e preparados os que abraçassem este modo de vida" (97).

Por outro lado, com a finalidade de fazer chegar verdadeira- mente a todos, sem nenhuma discriminação, as riquezas da mensagem evangélica, ele fez uma clara opção preferencial para os mais pobres e necessitados. "Ensinar a verdade da fé e da moral especialmente às crianças e às pessoas ignorantes; ouvir as confissões de todo tipo de pessoas, especialmente dos pobres e das crianças" (98): são diretivas deixadas por ele nas Constituições.

86. SEMPRE EM MISSÃO

É próprio da Congregação de Pe. Gaspar, além de ocupar-se das Missões ao povo, ensinar qualquer ramo de literatura e de ciência, ouvir confissões, pregar Exercícios Espirituais, explicar o catecismo, fundar Congregações Marianas, assistir os enfermos e moribundos, instruir e ajudar espiritualmente os encarcerados, os condenados à morte, suprir e também aceitar estavelmente cátedras de Filosofia e Teologia, prestar qualquer serviço de que o Bispo tivesse imprevista necessidade" (99).

Pe. Marani neste minucioso, todavia fatalmente incompleto, elenco de ministérios apostólicos mostra como Pe. Gaspar entendeu atuar concretamente o projeto de tornar-se tudo para todos. Algumas breves anotações ressaltará mais claramente o significado missionário das atividades desenvolvidas pelo Fundador e por

ele proposta a seus filhos.

Pe. Gaspar cuidou muitíssimo da pregação: mas salientando sempre as formas mais populares, como as Missões e a catequese, tanto aos jovens quanto aos adultos: nas quais queria que também seus filhos se exercitassem assiduamente e "se tornassem claros, populares, agradáveis e frutuosos" (100).

A obra dos Oratórios Marianos foi por ele iniciada após um convite do seu pároco de S. Paulo in Campo Marzio, que lhe pedira se tornasse "missionário dos meninos" (101). E ainda, a respeito de pastoral da juventude, salienta-se que a Escola dos Estigmas, destinada à "educação cristã" dos jovens (102), era frequentada na maior parte pelos rapazes da então zona periférica e pobre da "*Cittadella*", e era rigorosamente gratuita.

A própria atividade em favor do clero foi profundamente animada em Pe. Gaspar, pelo espírito missionário. É conhecido que as vicissitudes da Revolução e do domínio napoleônico haviam provocado nas fileiras do clero feridas dolorosas e uma certa crise bastante difundida. Pe. Gaspar, assumiu, por encargo do Bispo D. Liruti, o cuidado especial de um grupo de sacerdotes "recolhidos no Seminário para correção" (103). Mas ele ampliou seu olhar para um horizonte mais largo, chegando a propor a todos seus ouvintes, sacerdotes e clérigos, um verdadeiro "plano de reforma" (104).

Em uma orientação das Constituições - "dispostos a ir a qualquer lugar, na diocese e no mundo" (105) é também prevista a presença no campo das Missões junto aos não cristãos: não executada pelo Fundador, mas depois largamente vivida na História da Congregação. Pe. Lenotti que fez as primeiras tentativas a respeito - diz categoricamente: "Pelas nossas Constituições nós DEVEMOS, abraçar também as Missões Estrangeiras" (106).

87. MISSÃO E GRATUIDADE

"Pe. Gaspar parece ter escolhido como sua norma imutável o que S. Paulo havia aprendido de Cristo: "Há mais alegria em dar que em receber" (At. 20, 25). Assim ele preparou o fundamento daquela obra, a Congregação, estabelecida para socorrer espiritualmente o próximo: ao qual ela deveria atender totalmente de graça" (107). Assim Pe. Giacobbe evidencia um componente fundamental do espírito missionário, que Pe. Gaspar tirou do Evangelho: "Vocês receberam de graça, de graça devem dar" (Mt 10,8).

"Servir a Deus e à Igreja *"gratis omnino"*, totalmente gratuito: é um dos primeiros números das Constituições (108). Tais prescrições se referem diretamente à liberdade de qualquer condicionamento de natureza econômica, e vem reforçada com minuciosa intransigência no curso de todo o texto constitucional (109).

Mas a gratuidade segundo Pe. Gaspar não se limita a isto. Ela compreende também a plena disponibilidade ao serviço missionário com total liberdade de espírito a respeito de interesses ou vínculos que pudessem impedir de tornar-se tudo a todos. Por isso ele quis seus filhos também "livres de dignidades, de residência, de benefícios, de cuidados pastorais perpétuos; dispostos a ir a qualquer lugar; *"parati ad omnia"*, prontos para tudo, segundo uma fórmula transmitida pelo Pe. Marani (110). A liberdade de "cuidados pastorais perpétuos", é entendida provavelmente, à luz do que escreveu Pe. Gaspar a Pe. Antônio Rosmini, o qual para seu Instituto previra como coisa normal também o cuidado de paróquias: "É preciso tomar cuidado para que os párocos não prejudiquem, restringindo sua caridade a uma pequena paróquia, os desígnios de uma caridade mais difusa e universal, e não limitem àquela porção do rebanho de Cristo que eles apascentam, os auxílios que poderiam eventualmente ser úteis a toda uma diocese" (111). Portanto, nenhuma restrição de Pe. Gaspar a respeito de direção de paróquias: mas é significativo o seu apelo àquela abertura eclesial e missionária que segundo ele deve caracterizar a atividade de seus filhos.

88. PREPARAÇÃO DE ALTO NÍVEL PARA EVANGELIZAR OS POBRES

"Meios para conseguir a finalidade de Missionários Apostólicos: a própria perfeição espiritual; a perfeita posse das ciências eclesiásticas; a vida comunitária, o perpétuo e perfeito exercício da castidade, da pobreza e da obediência" (112). É um dos numerosos fundamentos colocados pelo Fundador no início das Constituições, e que representam o compêndio do carisma missionário da Congregação. Este elenca sumariamente as qualidades requeridas no Missionário Apostólico: qualidades sobre as quais o Fundador voltará depois, para desenvolver mais amplamente seus conteúdos.

Notar-se-á a insistência sobre a idéia de "perfeição", referida seja quanto ao esforço espiritual, seja quanto à posse da cultura teológica. A parte IV das Constituições é dedicada inteiramente, como já sabemos (113), ao tema do constante progresso, tanto a nível espiritual quanto ao nível cultural, que deve marcar a vida do Missionário Apostólico. Falando em particular da série de disciplinas, teológicas e auxiliares, que

ocorrem para a preparação da Missão Apostólica Pe. Gaspar não teme propor, segundo S. Inácio, a meta da "excelência". "No corpo da Congregação pode bem existir, e é preciso procurar que efetivamente exista, uma verdadeira excelência em todas estas disciplinas" (114).

Este cuidado tipicamente Bertoniano da perfeição é confirmado pela descrição do minucioso "currículo" do Missionário Apostólico: que somente no final de uma longa série de estudos pessoais, de gradual preparação ao ministério da pregação e da confissão, de treinamento às Missões como auxiliares, "poderá finalmente receber o encargo de dirigir as Missões e atender com todos os meios a salvação das almas" (115).

Pe. Gaspar está bem distante, como se vê, da difundida mentalidade que tende medir a qualidade do trabalho à base do interesse e da compensação, identificando quase o gratuito com o inferior. A qualidade do trabalho missionário deve ser eminente justamente porque ele é gratuito, isto é oferecido com espírito de doação; com aquele amor que vem de Cristo e a Cristo retorna, reconhecido nos irmãos mais pobres.

89. "A FAMILIAR CONVERSAÇÃO COM O PRÓXIMO"

"Cada um tenha diante dos olhos o exemplo de Cristo Senhor, que escolheu um meio de vida tal, a estabelecer um relacionamento familiar com os homens, até mesmo comendo e bebendo com eles, e mantendo-se sempre em um estado de vida perfeitíssimo" (116). "Assim, também os Apóstolos eram em um estado religioso e de perfeição, e todavia tratavam familiarmente com o povo" (117).

Pe. Gaspar dedica toda uma parte das suas Constituições, a décima primeira, a esta temática tipicamente missionária, que hoje chamaríamos de "encarnação" (118). Com grande equilíbrio ele coloca em evidência antes de tudo a necessidade de que o missionário, a exemplo de Cristo e dos Apóstolos, cultive uma fidelidade absoluta aos valores próprios e irrenunciáveis da vida de consagração. Mas, uma vez garantida essa cobertura, ele não hesita em encorajar seus filhos para que saibam seguir Cristo mesmo quando chega a escandalizar os boas vidas do seu tempo "recebendo os pecadores e comendo com eles (Lc 15, 2)".

Acenamos algo mais interessante. Referindo-se aos antigos monges que haviam escolhido o deserto para realizar a plena intimidade com Deus, Pe. Gaspar sublinha com prazer o fato que eles "deixavam a solidão, quando isto era útil ao próximo, para andar pela cidade e entreter-se com o povo" (119). Ainda: "Quando se encontra com pessoas

afastadas das coisas espirituais, é necessário descer um pouco ao seu nível, e com uma honesta conversação familiar conquistá-las e atraí-las a si, para que um pouco por vez se disponham às conversas espirituais" (120). Deveras Pe. Gaspar parece prefigurar, em vista da missão, uma certa imagem também de sacerdote, ou religioso, operário. "Não é mundano exercer um ofício, como fizeram os antigos monges e o próprio S. Paulo, para prover as próprias necessidades ou do próximo: mas é coisa indiferente e livre" (121).

A parte XI das Constituições é um dos textos Bertonianos mais significativos e característicos. Sobretudo ela reflete, além do pensamento do Fundador tão profundo no tema da missionariedade, também o seu estilo pessoal. Ele trabalhou muitíssimo através da "conversação familiar com o próximo", especialmente depois que a doença acabou por prendê-lo praticamente em casa, e quase sempre no quarto. Das numerosíssimas pessoas que ele teve oportunidade de atingir com seu ministério, afirma Pe. Lenotti que "todas iam embora edificadas, consoladas e contentes" (122).

90. MISSÃO E PROMOÇÃO SOCIAL

"Emanava do espírito de Pe. Gaspar a disciplina social como chuva serena e calma, que penetrava e lentamente difundia na sociedade. Era visto nos hospitais, nos cárceres, ao lado dos condenados, no leito dos enfermos pela cidade. Ajudou casais em crise, impediu divórcios, reconciliou casais separados, defendeu as causas dos fracos e dos pobres" (123). Com seu costumeiro estilo um pouco enfático, mas com a autoridade de testemunha ocular, o Pe. Camilo C. Bresciani ressaltava assim um aspecto particularmente notável do espírito e da atividade de Pe. Gaspar; ou seja sua sensibilidade pelos problemas sociais.

Também esta dimensão do seu apostolado aparece estreitamente ligada como o estilo missionário do tornar-se tudo para todos, de um modo especial pelos últimos. Mais que por um trabalho especializado oferecido para uma determinada categoria de pessoas, a opção de Pe. Gaspar no campo social foi a favor das várias categorias desprotegidas; mas nem por isso tornou-se menos incisiva e eficiente. Ele se interessou assim pelos problemas dos rapazes e dos enfermos, dos casais em crise e dos padres em dificuldade, dos assalariados e dos mendigos, dos encarcerados e dos condenados à morte. E sempre na forma evangélica da "chuva tranquila e calma" que, sem barulho e deixando de lado toda violência, tende a "penetrar devagarinho e a difundir-se na sociedade", fazendo a revolução profunda e duradoura do amor.

Em favor dos pobres e dos mendigos Pe. Gaspar organizou nos Estigmas um serviço de assistência, mediante o qual "cada dia distribuía alimentos a quantos se apresentavam à porta do Convento" (124). Mas além da assistência imediata ele se preocupava - demonstrando com isto uma visão bem avançada dos problemas sociais - de procurar um trabalho aos necessitados. "Toda a renda que conseguia dos seus terrenos de lavoura - trata-se do fundo adquirido, por indicação do Bispo, para dotar a Congregação de um patrimônio, então necessário aplicava em melhoria, em plantações, em reformas das casas dos colonos, e em mil outras obras seja no campo como na cidade; transformando-se assim em proveito dos trabalhadores, que com Pe. Gaspar encontravam sempre uma ocupação em todas as estações, com grande lucro e conforto deles" (125).

NOTAS

1. MISCELÂNEA LENOTTI, SA, p. 154.
2. CF, 185.
3. MEDIT. I L. DOS REIS, MS 4933; BERTONI 3, p. 187 s.
4. Id, N. 7, MS 5004 s: BERTONI 3, p. 192.
5. Id, N. 4, MS 4909; BERTONI 3, p. 186.
6. Id, N. 4, MS 4914; BERTONI 3, p. 187.
7. Id.
8. Id.
9. Id.
10. Id.
11. Id.
12. Id.
13. Id, N. 5, MS 4963; BERTONI 3, p. 189.
14. Id, N. 6, MS 4971: BERTONI 3, p. 190.
15. Id, N. 11, MS 5206; BERTONI 3, p. 210.
16. *ESERCIZI ISTR.*, MS 3673.
17. MEDIT. L. DOS REIS N. 2, MS 4864; BERTONI 3, p. 182.
18. *ESERCIZI ISTR.*, MS 3311.
19. MEDIT. I L. DOS REIS N. 44, MS 6590; BERTONI 3, p. 341.
20. Id. Pe. Nello Dalle Vedove salienta com acuidade que nesta Meditação encontram-se expressas algumas prefigurações do Instituto que Pe. Gaspar fundará mais tarde (BERTONI 3, p. 340).
21. CF 1.
22. CF 7.
23. CF 2.
24. CF 185.

25. Id.
26. *ESERCIZI ISTR.*, MS 3659; BERTONI 3, p. 711.
27. *SERMÃO DA EPIFANIA* de 1806, PVC, p. 261 s; cf. Ef 4, 1-6.
28. *MEDIT. I L. DOS REIS* N. 35, MS 6311; BERTONI 3, p. 288.
29. Id.
30. Id.
31. Id, N. 46, MS 6634; BERTONI 3, p. 342.
32. Id, N. 50, MS 6783; BERTONI 3, p. 347.
33. Id, N. 14, MS 5369; BERTONI 3, p. 226.
34. Id, N. 13, MS 5011; BERTONI 3, p. 223.
35. *MISCELÂNEA LENOTTI*, SA, p. 171.
36. BERTONI 2, pp. 96-98.
37. BERTONI 3, pp. 275-282.
38. Ep., p. 262; cf. BERTONI 5, pp. 164-168.
39. Cf Ep., p. 232 e 248.
40. Ep., p. 285; BERTONI 5, p. 309 s.
41. *MEDIT. I L. DOS REIS* N. 14, MS 5354; BERTONI 3, p. 225.
42. *MISCELÂNEA LENOTTI*, SA, p. 182; BERTONI 3, p. 555
43. Testemunho do Pe. Cesare Cavattoni, SA, p. 594; cf. BERTONI 1, p. 313.
44. *GIACOBBE, VITA*, SA, p. 400; BERTONI 3, p. 546.
45. BERTONI 3, p. 554.
46. *ESERCIZI MEDIT.*, MS 2685; BERTONI 3, p. 172.
47. *GIACOBBE, VITA*, SA, p. 532.
48. MP, p. 186: anotação do dia 22-06-1813. Os pontinhos estão no texto.
49. *ESERCIZI ISTR.*, MS 3675-3676.
50. *ESERCIZI ISTR.*, MS 3656.

51. Id. MS 3695-3703.
52. MEDIT. I L. DOS REIS N. 50, MS 6783; BERTONI 3, p. 347. A frase atribuída a S. Gregório M. encontra no I L. DOS REIS, L. V, c, III, 14, PL 79, 346.
53. Id. 12
54. MEDIT. I L. DOS REIS N. 39, MS 6441; BERTONI 3, p. 289. A respeito deste texto seja-nos permitido referir uma lembrança pessoal. D. Carlos De Ferrari (1885-1962: de 1941 até a morte Arcebispo de Trento) confidenciou muitas vezes a nós, confrades estigmatinos, que quando em 1943 teve que enfrentar o não fácil problema de autorizar ou não o Movimento dos Focolares - surgido recentemente na sua diocese por obra de Clara Lubich e visto por muitos, mesmo sacerdotes, com desconfiança - lembrou-se do "sinal dos sinais" indicado por Pe. Gaspar e propôs aos membros do Movimento uma prova de obediência. A prova teve bom êxito. "E eu, acreditando em Pe. Gaspar, confiei": dizia com satisfação D. De Ferrari. Ele concedeu assim a sua aprovação, encarregou o estigmatino Pe. João B. Tomasi de fazer os necessários contatos com a Santa Sé e muitas vezes interveio em defesa do Movimento quando, especialmente nos primeiros anos, apareceu ocasião.
55. Giacobbe, VITA, SA, P. 342; BERTONI 2, pp. 257-266.
56. BERTONI 2, p. 538 ss.
57. BERTONI 2, p. 355 ss.
58. MISCELÂNEA LENOTTI, SA, p. 161.
59. MP, p. 46: anotação de 15-09-1808.
60. Ep., p. 130: carta de 17-08-1816. O
61. MARANI GIOVANNI M., *RELAZIONE DELL'ISTITUTO STIMMATINO*, CS II, p. 142 s.
62. Id, p. 140.
63. SCHLOR LUIS, *FILANTROPIA DELLA FEDE*, Roma 1840; SA, p. 66; BERTONI 5, p. 600 ss.
64. Id.
65. Id.

66. SA, p. 284.
67. CF, 187-266.
68. MARANI GIOVANNI M., O.C., p. 142.
69. SA, p. 214; BERTONI 4, p. 409.
70. MISCELÂNEA LENOTTI, SA, p. 124.
71. MP, p. 35; anotação de 17-08-1808.
72. MISCELÂNEA LENOTTI, SA, p. 156.
73. BERTONI 4, p. 408.
74. BERTONI 5, p. 515 ss.
75. BERTONI 2, p. 384 s.
76. BERTONI 2, p. 382 ss.
77. MISCELÂNEA LENOTTI, SA, p. 146.
78. GIACOBBE, VITA, SA, p. 346.
79. Id. p. 353.
80. MISCELÂNEA LENOTTI, SA, p. 149 s.
81. GIACOBBE, VITA, SA, p. 507.
82. BERTONI 4, pp. 373-382.
83. MP, p. 78; anotação de 02-12.1808.
84. *ESERCIZI MEDIT.*, MS 2276; BERTONI 3, p. 136.
85. CF 1; CF 185.
86. CF 2.
87. MISCELÂNEA LENOTTI, SA, p. 170.
88. Id.
89. Testemunho de P. Nicola Negrelli, SA, p. 285.
90. SA, p. 250.
91. SA, p. 252. De D. Riccabona existe um outro testemunho: "Seria necessário que todos os Bispos tivessem este Instituto: é o corpo de reserva como a

Guarda Imperial que Napoleão mandava a campo para decidir a batalha e dar o golpe final" (SA, p. 251).

92. GIACOBBE, VITA, SA, p. 377.

93. Id, p. 413.

94. BERTONI 5, p. 265.

95. CF 272.

96. CF 163.

97. MARANI GIOVANNI MARIA, *CENNI INTORNO ALLA CONGREGAZIONE*, Verona 1855, CS II, p. 177.

98. CF 182-183.

99. MARANI GIOVANNI M., O. c., p. 177.

100. MISCELÂNEA LENOTTI, SA, p. 156.

101. BERTONI 2, p. 171.

102. CF 165.

103. BERTONI 3, p. 423.

104. MEDIT. I. L. DOS REIS, N. 14, MS 5373-5374; BERTONI 3, p. 226 s. A eficácia da ação renovadora desenvolvida por Pe. Gaspar em relação ao clero foi assim salientada, embora com a costumeira ênfase, pelo filipino Pe. Bartolomeu Sorio: "Pe. Gaspar colocou todo seu cuidado em fazer reflorescer o espírito religioso do clero secular: e com este espírito de santificação fez retornar em Verona os belos tempos de S. Caetano Thiene, quando a cidade parecia convertida em um mosteiro" (Bertoni 3, p. 172).

105. CF 5.

106. STOFELLA GIUSEPPE, *VITA DEL P. LENOTTI*, CS III, p. 211.

107. GIACOBBE, VITA, SA, p. 503.

108. CF 3.

109. CF 92; 93; 102; 184.

110. CS III, p. 409.

111. Ep., p. 37: carta de 27-03-1826.
112. CF 6.
113. V. acima, p. 57.
114. CF 56.
115. CF 69-76.
116. CF 271.
117. CF 272.
118. Cf. *AD GENTES*, 10; *PRESBYTERORUM ORDINIS* 3.
119. CF, 274-275.
120. CF, 279. Já no MEMORIAL PRIVADO Pe. Gaspar escrevera: "É preciso entrar na casa dos outros como eles querem, para sair de lá como nós queremos" (p. 38: anotação de 20-08-1808). E ainda: "Não convém jamais abandonar nossos amigos, por mais distantes e perdidos; principalmente, se foram abandonados pelos bons. Isto será para eles um grande convite à conversão" (MP, p. 19: anotação de 13-07-1808).
121. CF 207.
122. CS III, p. 532.
123. BRESCIANI CAMILO C., *ORAZIONE FUNEBRE*, SA, p. 208; BERTONI 3, p. 228.
124. *POSITIO*, p. 141.
125. MISCELÂNEA LENOTTI, SA, p. 177. Sobre o tema da promoção social, veja BREGANTINI GIANCARLO, A SENSIBILIDADE SOCIAL DO B. GASPAR BERTONI, *Saggi*, 4.

TERCEIRA PARTE:

ABANDONO EM DEUS

I. INTIMIDADE COM DEUS NO ESPÍRITO DO SANTO ABANDONO

91. "UM MODO DE MAIOR PERFEIÇÃO"

"O Espírito Santo chama alguns para uma caminhada de maior perfeição: isto é, o total abandono em Deus" (1). Nesta afirmação, marcada no Memorial Privado, se reflete uma tradicional doutrina da teologia mística: que vê na atitude do santo abandono uma forma sublime de exercício das virtudes teologais" (2).

Era natural que Pe. Gaspar, profundamente inserido no mistério de Cristo e da Igreja e empenhado em realizar com evangélica radicalidade o seguimento de Cristo, sentisse fortemente a atração para aquela forma mais perfeita de relacionamento com o Pai, que é justamente o santo abandono. De fato, ele insiste constantemente, em todos os seus escritos neste tema. Sobretudo ele procurou animar com o espírito de abandono em Deus toda sua vida espiritual.

"Pe. Gaspar verdadeiramente sente-se filho do Pai, um com Cristo. Sua insistência sobre o abandono em Deus é a demonstração mais cabal. Jamais empreendeu algo senão levado por Deus. Sempre teve uma máxima discrição no concernente a qualquer iniciativa, mesmo a respeito do seu Instituto. Jamais precedeu a ação da graça" (3). Pe. Divo Barsotti, que faz esta avaliação, chega a afirmar que Pe. Gaspar "viveu a atitude do santo abandono de uma forma que dificilmente se encontra mesmo em outros santos" (4).

"Pouquíssimos são os que compreendem o quanto Deus neles realizaria, se Ele não encontrasse obstáculo a seus desígnios" (5). É uma outra anotação do "Memorial Privado", que reproduz uma máxima de S. Inácio e se refere evidentemente ao abandono em Deus: enquanto sublinha quanto é difícil colocar-se totalmente nas mãos de Deus, sem embaraçar os seus desígnios com as próprias presunções. Também isto confirma que o abandono em Deus é verdadeiramente "um modo de maior perfeição".

Mas é interessante salientar, além do significado e valor intrínseco dessa máxima, o fato de que ela representa a fórmula espiritual decididamente mais querida a Pe. Gaspar, aquela que ele reforça com maior frequência (6). Dessa fórmula Pe. Stofella diz autorizadamente que "ela representa na espiritualidade de Pe. Gaspar - se é permitido usar este termo - uma verdadeira base" (7).

92. "O HOMEM DE ORAÇÃO NÃO PREVINE, MAS SEGUE A DEUS"

"Um homem de oração não faz senão ir ao encontro das coisas conforme o Senhor dispõe com sua Providência. Não previne, não precede: tudo é ordem, tudo é tranquilo. Não é precipitado, não é apressado, espera o tempo e as circunstâncias: tudo isto segundo Deus. Para conseguir essas luzes que acertam, confirmam, aperfeiçoam o conhecimento sobre os desígnios de Deus, é necessário muita oração (8).

Vê-se nestas linhas - tiradas das "Meditações" aos seminaristas - qual é o significado autêntico do santo abandono conforme Pe. Gaspar. Essa é a atitude do homem de fé profunda que reconhece verdadeiramente em Deus o primado de toda iniciativa e procura sintonizar-se na onda da sua paterna Providência, procurando Nele a luz e a força para orientar-se nas próprias escolhas e na própria atividade. Nada tem a ver, portanto, com o quietismo, ou seja com aquela passividade que foge do esforço da colaboração humana exigida conforme o plano de Deus. O santo abandono é antes o caminho seguro pelo qual o homem se reabastece daquela energia que lhe é necessária para corresponder do melhor modo, com total empenho e com segura confiança, à obra da graça.

"Assim procede a coisa: dando um passo onde se vê claro, esperando para fazer o segundo conforme a claridade avança. Se a respeito dos momentos da nossa ação estamos ainda no escuro, o Senhor com seu dom de esperança, de caridade, de consolação, nos manterá firmes à espera do momento da luz para por-se em ação. Se ao invés estamos no claro, Ele nos anima à execução" (9): escreve Pe. Gaspar a L. Naudet, indicando-lhe também as etapas concretas do caminho do santo abandono.

Prossegue depois: "Esta parece ser a prática da Sua Esposa, a Igreja. Assegurada da promessa divina da assistência do Espírito Santo, Ela não deixa de procurar luz para agir. E quando vê claro não deixa de agir e de estudar e de consultar para ir além na luz e na ação. E nestas duas maneiras é sempre uniforme o seu abandono em Deus. Isto, se não me engano, é o perfeito modelo de abandono no Senhor (10).

93. "SEM ELE, NADA; COM ELE, TUDO"

"Recorde-se daquelas duas palavras de Nosso Senhor. A primeira: "Sem mim nada podeis fazer" (Jo 15, 5); e a outra: "Tudo posso naquele que me conforta" (Fl 4, 13). Fique também ansiando e esperando a abundância do Espírito e da Caridade, segundo o mandamento de Cristo: e revestida, então, da virtude do alto, achará fácil o impossível" (11).

A aproximação entre estas duas frases bíblicas - familiar ao Pe. Gaspar, que aqui a exprime em uma carta a L. Naudet - clareia a base de fé de onde brota o caminho do abandono em Deus. Só se o homem for profundamente cômico do próprio nada, percebe a necessidade de apoiar-se totalmente e sempre em Deus. E, por outro lado, apoiando-se em Deus ele sabe que conta com uma amorosa onipotência que lhe dá a certeza de poder verdadeiramente tudo, a ponto de "encontrar fácil o impossível".

O contexto da carta em que se encontra o trecho agora mostrado leva-nos a divisar nas palavras de Pe. Gaspar não só um grande ensinamento, mas também um testemunho autobiográfico sobre sua prática do abandono em Deus. Nesta carta Pe. Gaspar apresenta o fato que foi a ele, Diretor Espiritual do Seminário, proposto assumir também o encargo de Vice-reitor: o que ele julgava "alheio à sua vocação" (12). Ele não entendia certamente "fugir da Cruz"; mas não podia nem mesmo "entrar num conflito maior que suas forças" (13): "e se de um lado não queria ser covarde, do outro não pretendia ser temário" (14). O recurso às "duas palavras do Senhor" feito naquela difícil ocorrência - resolvida depois no modo mais favorável a ele: permaneceu Diretor Espiritual, mas livre do cargo de Vice-reitor tem todo sabor de uma admoestação que Pe. Gaspar quis fazer mais a si mesmo que à sua penitente.

Que para poder contar com o "tudo" de Deus o homem deva escavar profundamente no próprio "nada", com um empenho constante de desapego de si mesmo e de humildade, é um motivo sobre o qual Pe. Gaspar volta frequentemente. "Feliz quem pudesse esquecer de tudo que é seu, para lembrar-se de "Deus somente" (15): escreveu à Naudet. E poucos dias depois em outra carta: "Tudo que Deus faz é sempre o melhor. Ó mãos sapientíssimas, quanto mais ocultamente trabalham! Confiemos Nele, que jamais seremos confundidos" (16).

II. ABANDONO EM DEUS E ESPERANÇA

94. "TRATEMOS DEUS POR AQUILO QUE ELE É"

"Pe. Gaspar tinha sempre na boca a palavra consoladora de S. João Crisóstomo: isto é, com a esperança honramos a Deus de modo eminentíssimo, pois, quanto mais confiamos em Deus, tanto mais o tratamos por aquilo que Ele é" (17).

A familiaridade com essa palavra de S. João Crisóstomo - afirmada por Pe. Giacobbe - é fruto, provavelmente, da direção espiritual que o jovem Pe. Gaspar recebeu de Pe. Nicolau Galvani (18): e ajuda muito a compreender o modo com que ele fala da

esperança, em uma linguagem rica de expressões insolitamente vivas, muitas vezes no limite do paradoxo e ajuda também a compreender melhor o altíssimo nível por ele conseguido em viver, num autêntico espírito de santo abandono, a segunda virtude teologal.

"Pecadores, meus irmãos, como podeis desesperar de ressurgir dos vossos pecados, antes, de subir ainda mais do que caístes, de vos tornardes também cristãos perfeitos, e até santos? - assim se dirige aos fiéis numa pregação da juventude sobre "O desespero de se converter" (19). Não sabeis que a Deus nada é impossível, nada é difícil? Cuidado com o que fazeis faltando com a confiança em Deus. Porque fazeis maior ofensa desconfiando Dele, do que fizestes pecando" (20).

L. Naudet alma de espiritualidade altíssima e, talvez justamente por isso, de consciência muito delicada escreveu em uma das primeiras cartas: "Não tema, minha senhora. Se, caminhando sobre as águas voltou os olhos para olhar um pouco as ondas, isto não é sair do caminho, mas ter trepidado um pouco; e o Senhor a reprovava um pouco. Mas no mesmo momento a sustém com sua destra, e a senhora já se encontra na mão de Deus. Seja, portanto, bendito o Senhor" (21).

Com pessoas excessivamente delicadas de consciência conta-se que Pe. Gaspar recorria, para tirá-las da angústia e animá-las à esperança, a uma saída original, que as testemunhas referem na singela forma dialetal: "*Nostro Signore no aveva scrupoli*": Nosso Senhor não tinha escrúpulos" (22).

95. "CONFIEMOS EM DEUS; CONFIANÇA QUE VALE A PENA"

"Eis a palavra de S. Bernardo sobre a esperança: Esperai Nele, vós seu povo: marquei para vós todo lugar que vosso pé pisar (Js 1, 3). O vosso pé é a esperança, e em todo lugar que ela avançar, obterá tudo: contanto que esteja totalmente fixa em Deus e não vacile" (23). Pe. Gaspar dedica uma carta inteira enviada a L. Naudet - da qual tiramos este trecho - sobre o tema da esperança: na intenção não só de elevá-la de certa excessiva delicadeza de consciência (24), mas de impeli-la a enfrentar com coragem e confiança o grande projeto da fundação que o Senhor lhe havia inspirado.

"Eu não sou profeta - prossegue na carta - mas sou seu servo e do Senhor que a ama com imenso amor, e é tão rico e poderoso que ultrapassará acima de toda medida o que eu digo Dele, da sua bondade, da sua liberalidade, do seu amor. Antes, minhas expressões mais fortes, diante de tanta Majestade, são bagatelas de que me

envergonho, e peço-lhe que se eleve muito acima e se torne maior; pois - repetirei as palavras de S. Bernardo - 'Um grande Esposo virá ao encontro de grandes espíritos, e com eles fará grandes coisas'"(25).

"Ó admiráveis segredos do divino Amor! Ó profundos abismos da sua Caridade! Quando seremos tão náufragos e abandonados neste mar imenso a ponto de não poder ver mais as praias desta mísera terra? Feliz, em suma, feliz o homem que espera em Deus" (26). É ainda na correspondência com L. Naudet que Pe. Gaspar encontra acentos tão inspirados para inculcar o confiante abandono em Deus. "Feliz aquele que se lança animado e náufrago neste Oceano - não se cansa de repetir -. Jamais está tão seguro um filhinho que quando, adormecido no colo da Mãe, abandona todo pensamento e cuidado de si mesmo. Ele não vê, não ouve, não fala. Mas por ele vê, ouve, fala e age a Mãe. E quando ela quer, sabe e pode acordá-lo, uma vez que está tão perto dele" (27).

Não tenha medo: quando seu espírito confia em Deus tema só ter medo" (28): é a sugestão perfeitamente lógica, embora expressa em termos quase paradoxais, que Pe. Gaspar tira das suas considerações sobre os motivos da esperança. E ao seu querido Pe. Bragato, repetirá depois, em tom festivo: "Confiemos em Deus, confiança que vale a pena, desconfiados totalmente de nós" (29).

96. "QUANDO É NOITE PARA NÓS É DIA PARA DEUS"

"As obras de Deus têm suas provas: e com elas Deus quer mostrar que é Ele que dirige e conduz a bom termo suas obras, tirando a intromissão do homem através das dificuldades que permite. Assim o homem dá lugar humildemente à Divina Providência: vendo claro que unicamente dela depende o seu êxito e sua conservação. Portanto quando é noite para nós, é dia para Ele, que bem sabe o que deve fazer. Nós devemos levantar as mãos para o Céu: e a noite se iluminará como o dia (Sl 138, 12) (30).

No caminho da fundação do seu Instituto L. Naudet encontra não poucas dificuldades: e é justamente referindo-se a tal situação que Pe. Gaspar intervém para sustentar sua confiança em Deus, lembrando que quando é noite para nós, para Deus é dia. É um pensamento que ele retoma escrevendo a Pe. Bragato: embora aqui a ocasião se refira a uma série de acontecimentos favoráveis.

"Acostumemo-nos bem, neste dia de luz com que Deus nos consola, a confiarmos totalmente Nele também naqueles momentos em que se esconde, quase como uma mãe que se entretém com seus filhinhos, divertindo-se em fazê-los procurá-la, desejá-la

e chamá-la com suspiros, e até com lágrimas. Como são diferentes os caminhos de Deus dos caminhos dos homens! Que nós os aprendamos bem, para que não erremos quando for necessário crer, "esperando contra toda esperança" (Rm 4, 18), como fez Abraão, pai de todos os crentes" (31).

"Devemos sobretudo ficar atentos para não faltarmos nós ao Senhor, certos de que da Sua parte Ele não falha. Feito isto, quando estivermos bem certos com Deus, o que poderá prejudicar-nos, ou atrapalhar os nossos empreendimentos?" (32). Esta anotação do "Memorial Privado" nos faz ver como estava enraizada no espírito do Pe. Gaspar - desde jovem, e em previsão também dos seus "empreendimentos" - a certeza de que quando nos abandonamos em Deus, podemos enfrentar com serena confiança até as provações mais difíceis. É na lógica de tal certeza que ele chegara a afirmar, referindo-se diretamente à obra de Naudet mas pensando certamente na sua própria: "Se esta é uma empresa que deve agradar a Deus, deve ser bem contestada desde o seu início até seu término. Mas se a empresa é realmente de Deus, ninguém a poderá destruir. Esta é a esperança que eu tenho no meu coração (Jó 19, 27)" (33).

97. "O QUE É IMPOSSÍVEL PARA O HOMEM, É FÁCIL PARA DEUS"

"O que aos homens é difícil, e até impossível, ao nosso bom e todo poderoso Senhor é muito fácil, e fácilimo; basta Ele querer e já acontece" (34).

Ainda uma vez a linguagem quase paradoxal à qual nos acostumou quando fala do abandono em Deus e da esperança, é usada por Pe. Gaspar na correspondência com L. Naudet: que passava por grandes angústias porque estava difícil encontrar um diretor espiritual para si e para sua família religiosa. Tarefa essa executada por Pe. Gaspar de 1811 a 1819, quando sentiu-se, por uma inspiração, na obrigação de deixá-la: o que ele fez com grande desgosto mas com uma resolução decidida e irrevogável, todavia ficando ao lado da piedosa fundadora como conselheiro.

"Também para o Diretor espiritual - escreve Pe. Gaspar naquela mesma carta, esclarecendo o sentido de sua decisão diante dos reiterados pedidos da Naudet para que voltasse atrás - é preciso levantar os olhos ao Senhor. Ele conhece os seus; Ele distribui seus servos como, quando, onde quer, porque sua família é bem grande, e quando Ele diz a um: "Basta", aquele não pode dizer: "Ainda". Mas é necessário, como é necessárrimo, um outro. E Deus o fará vir, ainda que devesse criá-lo de propósito. Nem com isso atrasa suas obras, mas as melhora, as confirma e as aperfeiçoa" (35).

Que Pe. Gaspar acreditasse verdadeiramente nisso descobrimos em um testemunho maravilhoso sobre a experiência por ele mesmo vivida no último decênio da vida, quando debaixo dos golpes da doença, das mortes, das defecções, sua comunidade parecia em vias de extinção. "Quem o acreditaria? - exclama Pe. Zara, autor desse testemunho - Pe. Gaspar não afrouxava nada no trabalho para o incremento da Congregação. - Incansável, recolhia livros em todo lugar, escrevia regras e disciplinas, e fazia tudo como se o seu Instituto estivesse como nunca florescente: tal era a esperança certíssima que tinha de sair-se bem numa obra que o próprio Deus lhe inspirara. E para animar a mesma esperança em seus filhos, dizia-lhes: 'coragem, confiemos em Deus, Ele, que tudo pode, o faça'. Em suma pode-se dizer verdadeiramente que em tão graves situações da sua amada Congregação Pe. Gaspar "acreditou esperando contra toda esperança" (Rm 4, 18). (36).

III. O PADECIMENTO E A PACIÊNCIA

98. "NÓS NOS GLORIAMOS, MESMO NAS TRIBULAÇÕES" "

"Se bem que as tribulações desta vida pareçam colocar algum obstáculo ao livre curso das celestes consolações, elas não fazem mais que represá-las com maior abundância, aumentando a cheia impetuosa, até que superabundando o ultrapassam. Por isso, 'nos gloriamos nas tribulações, sabendo que a tribulação gera a paciência, a paciência prova a fidelidade e a fidelidade, comprovada, produz a esperança'(Rm 5, 5)" (37).

Quando Pe. Gaspar falava assim - na pregação sobre "O nosso coração feito templo de Deus" - era muito jovem: e embora já tivesse feito alguma experiência da cruz (como na separação dos pais, acontecida pouco antes da sua ordenação) (38), estava bem longe de prever o que teria de encontrar no curso de sua longa vida. Os biógrafos descrevem largamente as muitas tribulações de todo gênero - sobretudo as doenças, e depois as diversas provações ligadas com sua atividade apostólica e com a preparação das principais obras que pontilharam seu caminho. Mas aquela visão de fé por ele expressa desde o início do seu sacerdócio, irá cada vez mais se confirmando e aprofundando. "As visitas dos flagelos divinos são verdadeiramente grandíssimos favores": chegará a escrever a L. Naudet (39).

Não que Pe. Gaspar fosse insensível ao peso da cruz. "Se soubesses a dor que sinto, se soubesses, vinha-lhe espontaneamente à boca em certos momentos mais

atrozes da doença -; é tal a angústia que sinto que quase chego ao desespero, se o Senhor com sua graça não me ajudasse" (40).

Mas a sabedoria da cruz e a força do abandono em Deus o levaram a um nível altíssimo de paciência e coragem diante do sofrimento. "Com relação ao sofrimento, eu lhe direi simplesmente um sentimento meu - escreve ainda a L. Naudet, em um momento em que ela estava exposta a uma dura provação -. Quando eu estava bastante mal, parecia-me que o Senhor se servisse de mim como para uma brincadeira de sua amorosa Providência. Coragem, coragem! Este sofrimento é a melhor porção que Deus reserva aos que lhe são mais queridos, e não é iguaria para todos!" (41).

99. "ALEGRIA NAS ADVERSIDADES E NA POBREZA REAL"

"Alegria nas adversidades, e consequências da pobreza real, com agradecimento ao Senhor e oferecimento para coisas maiores de opróbrio e de penas, se o Senhor me fizesse digno. Esta disposição é o melhor presente, de que me acho completamente indigno. Deus seja louvado para sempre" (42). É uma anotação do "Memorial Privado", do dia 22 de outubro de 1808: à qual segue logo uma outra, marcada no mesmo dia: "Desejo de imitar Cristo na pobreza, e angústias da pobreza" (43).

Vê-se pois quão profundo é o olhar de fé com que Pe. Gaspar se coloca diante da realidade do sofrimento: visto como momento forte da conformação a Cristo e da plena adesão, no espírito do santo abandono, ao desígnio divino da salvação. São também conhecidos aqueles trechos do "Memorial Privado" em que Pe. Gaspar exprime com particular vivacidade o desejo de se unir a Cristo paciente nas ignomínias, nos vexames, no martírio (44).

Agora encontramos nele alguma coisa que vai além de tudo isto. É a experiência efetiva da cruz, debaixo da forma de adversidade e de pobreza real: e em tal situação sua visão de fé, e o desejo da cruz, longe de vacilar ou de entrar em crise - como acontece frequentemente, também em almas embora generosas e sinceras, mas não plenamente maduras - se confirmam e se solidificam, antes, se enriquecem com o sentimento da gratidão ao Senhor e com a oferta para coisas maiores de opróbrios e de penas.

Muitos anos mais tarde, e depois de uma experiência já muito rica de provações e de sofrimentos de todo gênero, em uma carta a Pe. Bragato - que, conhecendo-o bem lhe havia augurado para o início de 1840 "mil bênçãos, não excluídas as cruzes" - Pe.

Gaspar escreverá: "Que melhor bem podeis desejar aos vossos amigos, senão as cruzes? Certamente a mim não podíeis dar um prazer maior. Não que eu tenha a força para carregá-las, mas o Senhor me dá a graça de apreciá-las: e espero das vossas orações e da divina misericórdia, juntamente com o sofrimento a paciência. Agora vendo-as chegar a tempo, desde os primeiros dias do ano, acolho-as bem e digo: Eis as cruzes que o Pe. Luís me anunciou: Deus seja bendito" (45).

100. A DOENÇA COMO TEMPO DE GRAÇA

"Dai-me um homem que espere nas coisas futuras, na expectativa daquela feliz esperança. Cai enfermo? Pois bem: ele sabe ouvir a Palavra de Deus que o adverte dizendo: 'Na doença e na pobreza confia em Deus. Porque como o ouro se prova no fogo, assim o homem querido por Deus no cadinho do sofrimento'" (46).

Também quando pronunciava estas palavras - na pregação sobre "A verdadeira alegria" - Pe. Gaspar era ainda jovem, com boa saúde na plenitude do dinamismo apostólico. A doença entrará em sua vida daí a alguns anos, e como já conhecemos, lhe será companheira inseparável. Entre as muitas cruzes de que foi semeado o caminho de Pe. Gaspar, pode-se dizer que a doença é sem dúvida a mais pesada e continuada: e não só pelos sofrimentos atrozes que às vezes lhe causava, mas também pelos fatais condicionamentos que impôs ao seu zelo missionário. Mas esta dura experiência efetiva da doença, longe de empanar a límpida visão de fé expressa na pregação da juventude, não fez senão aprofundá-la e consolidá-la sempre mais.

Durante a última, e mais tremenda, doença ouvia-se muitas vezes repetir, a quem lhe perguntava se tinha necessidade de alguma coisa; "Preciso sofrer" (47). E Pe. Lenotti nos transmitiu na autenticidade e frescor da originária forma dialetal as palavras que Pe. Gaspar dizia nos momentos mais duros do sofrimento: "*Dei, Signor, dei che hai rason; dei che nel merito, e merito de peso*" (48) ("Batei, Senhor, batei, que tendes razão; batei que eu o mereço, e mereço ainda mais").

Pe. Gaspar considerava a doença, como já vimos, a "escola de Deus" por excelência (49). Entre as "lições" aprendidas naquela escola ele mesmo nos indica uma 'expressamente' escrevendo a L. Naudet: "Quanto a mim, parece-me estar disposto no Senhor, 'a ir', se Ele me disser: 'Vá': como a 'vir' se Ele me disser: 'vem'". Esta lição parece que o Senhor quisesse bem repetida aos meus ouvidos, quando, estando gravemente doente nos dias passados, fazia-me dizer toda tarde, pela boca do meu antigo Mestre

Pe. Fortis aquela excelente oração, cara a S. Inácio: '*Suscipe Domine universam meam libertatem*' "Recebe, ó Senhor, toda minha liberdade... Dá-me só o teu amor com tua graça e serei bastante rico, eu não peço mais nada" (50).

IV. ABANDONO EM DEUS E PRUDÊNCIA

101. "A RAINHA DE TODAS AS VIRTUDES"

"A discrição é a rainha de todas as virtudes": escreve Pe. Gaspar no "Memorial Privado" (51). E reforça esta mesma convicção pouco mais adiante: "A discrição é a mãe e o amparo de todas as outras virtudes" (52). Trata-se de afirmação perfeitamente alinhada com a doutrina tradicional: que reconhece na prudência a primeira das virtudes morais e o "cocheiro" - justamente, na linguagem de Pe. Gaspar - de todas as outras. Naturalmente Pe. Gaspar se refere à prudência cristã, intimamente ligada com as virtudes teologais e com o abandono em Deus: por ele chamada de "prudência celeste" ou "prudência divina", que se aprende sobretudo na escola do Evangelho e é fruto da contemplação (53). Em tal prudência ele se inspira, por exemplo, quando sugere a L. Naudet: "Disponha não só as coisas, mas a ordem das coisas, e o próprio modo de tratá-las, diante do Senhor, antes de tratar com os homens" (54).

Mas é realmente a insistência com que Pe. Gaspar reforça o proeminente valor da prudência. Faz consigo mesmo, como resulta nas notas do "Memorial Privado". E o faz com os outros, como atesta seu primeiro biógrafo: "Esta divina prudência, que se pode dizer a virtude predileta de Pe. Gaspar desde sua juventude, era por ele recomendada a todos, especialmente aos seus. Exortava-os frequentemente: . 'Filhinhos, sede cautelosos no falar, meçam bem as vossas palavras'. E ainda: 'Não confieis em vós mesmo, em vossa cabeça. Nada façais sem conselhos'" (cf. Eclo 32, 24) (55).

"O caráter mais conspícuo da santidade daquele homem extraordinário - e escreve por sua vez o Pe. Antônio Bresciani, SJ - parece-me que seja a luz do conselho, tanto para si, quanto para os outros. Além do bom senso natural com que Deus largamente o dotou, parece-me que toda sua ação fosse pesada e dirigida pela luz do Espírito Santo. O Pe. Fortis que o havia tratado muito intimamente em Verona, o tinha em altíssimo conceito de prudência" (56).

102. "FAZEI, FAZEI"

"Enquanto estava rezando, veio-me à mente o problema das meninas que havia recolhido, e me perguntei: 'Que farás delas, onde as colocarás?' Mil dificuldades me aparecem e me senti imprudente no que havia feito. Dali a pouco, indo procurar aquele prudente, sábio e santo homem Pe. Gaspar, e contando a ele sobre estas minhas meninas, disse-me, antes que lhe perguntasse qualquer coisa: 'Faça alguma coisa'. Eu, que pelo contrário não pensava fazer nada, antes estava procurando um modo de ficar livre, respondi imediatamente: 'Que devo fazer? Eu não sei com que meios'. E ele me encorajou dizendo: 'Fazei, fazei'. Passou um tempo e eu sem fazer nada. Finalmente resolvi dar forma e ordem à minha máquina" (57).

Quem assim fala é o Servo de Deus Pe. Nicolau Mazza (1790-1865), um dos fundadores religiosos veroneses do século passado e precursor da obra das Missões Africanas (58). Neste episódio - onde se confirma o papel vivido por Pe. Gaspar no esplendido florescimento dos Institutos verificado em Verona - mostra-se aqui o ensinamento prático que dele deriva a respeito da prudência. É tendência muitas vezes, quando se fala de prudência, acentuar o momento de ponderação e de calma necessárias para que uma decisão ativa não acabe precipitada ou apressada. E é justo naturalmente. Mas este é só um aspecto da prudência. Esta mesma virtude exige também o momento oportuno e a devida energia em tomar as decisões acertadas. O verdadeiro prudente, pois, sabe acionar tanto o freio quanto o acelerador: como fez Pe. Gaspar com seu penitente Pe. Mazza.

Pe. Gaspar soube dar um empurrão também em L. Naudet: que no momento decisivo para sua obra - quando se tratou de ocupar a nova sede - sentia-se perdida diante das dificuldades imprevistas, com o risco de comprometer o bom resultado do projeto. As palavras que Pe. Gaspar lhe dirigiu têm o valor de salientar mais a força que vem do abandono em Deus quando a prudência exige que se tomem decisões importantes. "As coisas estão embaraçadas - escreve Pe. Gaspar -. Mas paciência e coragem. Pe. Galvani insiste que a senhora vá logo. Quem persevera, vence. É preciso agora atirar-se ao mar; uma baleia qualquer nos trará de volta à praia" (59).

103. "A PRUDÊNCIA PARA SANTIFICAR OS OUTROS"

"Não basta ser simples para santificar os outros: é necessária também a prudência" (60). É ainda uma anotação do "Memorial Privado": inspirada no conhecido

trecho evangélico em que Jesus recomenda aos Apóstolos a prudência das serpentes e a simplicidade das pombas (Mt. 10, 160.) Em uma carta a L. Naudet Pe. Gaspar volta ao mesmo assunto: "A senhora percebe que eu apelo a todas suas reflexões da simplicidade, direi assim, da Caridade, que é o primeiro passo do preceito evangélico, à Prudência sutilíssima da serpente, que está na mesma ordem da Caridade" (61).

Pe. Gaspar tem presente aqui, evidentemente, o célebre princípio de S. Teresa de Jesus: isto é, a um Diretor espiritual não basta ser "homem de espírito", mas "importa muitíssimo que seja prudente, quer dizer de bom critério e de experiência. Se também for douto, muito melhor" (62). No momento de assumir a direção espiritual de L. Naudet Pe. Gaspar anota no seu "Memorial Privado": "Não debes estudar muito para direção de N. N., mas procures estar em contato com a fonte da luz. Isto certamente te fará muito bem. Jamais te antecipes, mas siga o Senhor, que te ilumina e te sugerirá, quando ela te procurar, o que é útil para fazê-la progredir e corresponder à graça" (63). Certamente não há contradição nisto com o que ensinou S. Teresa. É simplesmente a chamada ao significado autêntico da prudência: que é certamente um dom de ordem intelectual, mas que está "na ordem da caridade", e é tanto mais perspicaz quanto mais sabe atingir a luz junto do Senhor, que é sempre seguido, jamais precedido, no espírito do santo abandono.

NOTAS

1. MP, p. 63; anotação de 12-10-1808.
2. DALLE VEDOVE NELO. *UN MODELLO DI SANTO ABBANDONO*, Verona 1951, p. 203.
3. BARSOTTI DIVO, *MAGISTERO DI SANTI*, Roma, p. 24.
4. Id.
5. MP, p. 181: anotação de 18-05-1811.
6. Cf. MEDIT. I LIVRO DOS REIS N. 16, MS 5480; *ESERCIZI MEDIT.*, JMS 2180; Ep., p. 61, p. 66 etc.: BERTONI 3, p. 232, nota 42.
7. MP, p. 65.
8. MEDIT. I L. DOS REIS, N. 32, MS 6192; BERTONI 3, p. 285.
9. Ep., p. 98 s.: carta de 26-10-1813.
10. Id.
11. Ep., p. 96: carta de 31-08-1813.
12. EP., p. 26: carta de 25-11-1812.
13. Ep., pp. 95-96.
14. Id.
15. Ep., p. 31: carta de 01-12-1812.
16. Ep., p. 37: carta de 12-12-1812.
17. GIACOBBE, VITA, SA. p. 470.
18. BERTONI 1, p. 310 e BERTONI 2, p. 20 ss.
19. PVC, p. 37 ss: este sermão foi feito aos 27-01-1805.
20. Id, p. 38 s.

21. Ep., p. 31: carta de 01-12-1812.
22. *POSITIO*, p. 113.
23. Ep., p. 39: carta de dezembro de 1812. O texto de S. Bernardo é tirado do *SERMO* 15 IN PS. 90 "*QUI HABITAT*", 5, PL 183, 246.
24. É nesta carta que recomenda: "Não tenha nenhuma angústia para confessar-se": V. acima p. 14.
25. Ep., p. 40. Este outro texto de S. Bernardo foi tirado do *SERMO* 32 IN CANT., 8, PL 183, 949.
26. Ep., p. 28: carta de 26-11-1812.
27. Ep., p. 96: carta de 31-08-1813.
28. Ep., p. 102: carta de 14-12-1813.
29. Ep., p. 323: carta de 16-09-1840.
30. Ep., p. 256: carta de 22-05-1829; V. acima, p. 19.
31. Ep., p. 321: carta de 27-08-1840.
32. MP, p. 77: anotação de 02-12-1808; V. acima, p. 18.
33. Ep., p. 122: carta de 21-12-1814.
34. Ep., p. 244: carta de 28-08-1828.
35. Id.
36. SA, p. 608 s.
37. PVC, p. 304 s.
38. BERTONI 1, p. 434 ss.
39. Ep., p. 279: carta de 29-06-1831.
40. MISCELÂNEA LENOTTI, SA, p. 143.
41. Ep., p. 37: carta de 14-12-1812.

42. MP, p. 69.

43. Id.

44. MP, pp. 52-55: V. acima, pp. 8 e 22-23.

45. Ep., p. 318: carta de 29-01-1840.

46. PVC, p. 21. A prática sobre A VERDADEIRA ALEGRIA é de 21.03. 1804. O texto citado é de S. João Crisóstomo, *OMELIE AL POPOLO DI ANTIOCHIA*, 18, 2, PG. 49, 183.

47. SA, p. 301.

48. MISCELÂNEA LENOTTI, SA, p. 144. "Batei, Senhor, batei, que tendes razão; batei que eu mereço, e mereço muito mais".

49. V. acima, p. 19.

50. Ep., p. 29: carta de 26-11-1812. Sobre o tema da doença V. DE PAOLI GIAMPIETRO, *LA MALATTIA COME TEMPO DI GRAZIA*, *Saggi*, 2.

51. MP, p. 21: anotação de 18-07-1808.

52. MP, p. 96: anotação de 19-01-1809.

53. Ep., p. 56: carta de 26-01-1813; V. acima p. 31.

54. Ep., p. 104: carta de 03-01-1814.

55. GIACOBBE, VITA, SA, p. 500 s.

56. BERTONI 4, p. 408.

57. BERTONI 5, p. 162 s.

58. BERTONI 5, l.c.

59. Ep., p. 134: carta de setembro de 1816. Veja-se também o que diz Pe. Antônio Rosmini sobre o encorajamento recebido de Pe. Gaspar para a fundação do seu Instituto: BERTONI 4, p. 473. a

60. MP, p. 160: anotação de 23-09-1809.

61. Ep., p. 56: carta de 26-01-1813.
62. S. TERESA DE JESUS, VIDA, c. 13, *OPERE*, p. 136.
63. MP, p. 175: anotação de 12-01-1811.

QUARTA PARTE

ASCESE E VIRTUDES RELIGIOSAS

I. QUEM QUER ME SEGUIR, RENEGUE-SE A SI MESMO

104. "A NOSSA MORTIFICAÇÃO DEVE SER UNIVERSAL"

"Se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e siga-me (Mt 16, 24). Renuncie a si mesmo: eis o espírito de penitência. O efeito deste espírito é mudar todo o homem: no exterior, renunciando as coisas; no interior, renunciando a si mesmo. Renuncia a si mesmo quem deixa de viver segundo a velha vida carnal de Adão, para viver segundo a vida nova de Cristo" (1).

É um trecho da pregação de Pe. Gaspar sobre S. Francisco: que já nos é conhecida como um pequeno tratado sobre o seguimento de Cristo. O exercício da penitência e da mortificação é aí apresentado como condição essencial ao crescimento para a união sponsal. Francisco foi levado pela graça a "tornar-se quase um só espírito com Cristo, por uma perfeita e total transformação de amor; perdendo-se totalmente para encontrar-se todo em Cristo; nem distinguir, diria quase, apenas Francisco de Cristo: desprezado como Cristo, pobre como Cristo, chagado como Cristo" (2).

Pe. Gaspar insiste sobre o desapego de toda criatura vivido por S. Francisco para mostrar aí a radicalidade. "A eminente ciência de Cristo levou Francisco a renunciar a tudo; a todos os bens, vendendo o que possuía; a todos os seus, concidadãos e correligionários, amigos e os próprios parentes; a si próprio, chegando, para vencer sua mais forte aversão, a beijar um leproso na boca; a tudo o que podia esperar ter e ser um dia. Tudo, tudo, por Cristo. Renúncia universalíssima, e renúncia generosíssima" (3).

Por sua conta Pe. Gaspar anota no "Memorial Privado": "Nossa mortificação deve ser universal, não deixando voluntariamente viva nenhuma paixão" (4). Algumas semanas depois transcreve esta severa reflexão do Pe. Surin: "Agir obedecendo por puro instinto a natureza, ainda que por momentos, significa impedir a obra de Deus, para dar vez às criaturas" (5). E já muito antes havia escrito: "NÃO POSSO, em matéria de mortificação, na boca de pessoas espirituais soa muito mal, pois em Deus tudo é possível" (6).

105. O SACERDOTE: "CRUCIFICADO PARA O MUNDO, MORTO PARA O MUNDO"

"Crucificado para o mundo" (Gl 6, 14): se o mundo, embora eu seja padre, não deixa de concordar com minhas máximas, e eu facilmente concordo com as suas, não sou padre senão de nome. "Se eu agradasse aos homens, não seria mais servo de Cristo" (Gl 1, 10). Para sê-lo verdadeiramente é preciso que eu esteja no mundo como em estado de padecimento: que o mundo seja a minha cruz, como eu serei infalivelmente a cruz do mundo, pela diferença de sentimentos e de princípios que aparecerá entre mim e ele, querendo eu comportar-me como verdadeiro sacerdote" (7).

Falando aos sacerdotes - o trecho referido encontra-se nos "Exercícios ao clero" - Pe. Gaspar assume uma linguagem particularmente incisiva e vibrante. De fato prossegue: "Morto para o mundo". Não basta estar crucificado, pois pode-se estar na cruz, mas vivo. É preciso estar como mortos para o mundo, por fora e por dentro. O mundo para o qual devo morrer é sobretudo o que está em mim mesmo, que é também mais perigoso que o de fora. Trata-se das três concupiscências descritas por S. João (1 Jo 2, 16). A concupiscência da carne: a incontidência dos sacerdotes é um grave escândalo! a concupiscência dos olhos: o interesse, oh quanto domina! A soberba: principalmente do juízo, também perante a Igreja!" (8). Na lógica deste discurso, Pe. Gaspar não teme apresentar ao sacerdote também fórmulas muito exigentes de mortificação. "Pensai seriamente em vós - prossegue sempre nos "Exercícios ao clero" - vós que não tocaríeis em um cilício, em uma disciplina, não toleraríeis uma dobra nos lençóis, uma falta de comodidade na casa: vós que vos vestis tão delicadamente, que cada dia gastais tempo e dinheiro procurando divertimento!" (9).

Na base de tudo, há em Pe. Gaspar, a clara consciência da peculiar dignidade da vocação própria do sacerdote; que exige não só tender à perfeição, mas possuí-la efetivamente. "Este desapego, esta crucifixão e morte espiritual são de uma santidade muito elevada. Mas tenho também a honra e o dever de dizer-vos que esta é só a primeira parte da nossa vocação que nos é comum, de qualquer modo, com os religiosos. Também o monge é chamado a esta santidade: com a diferença porém que o monge é chamado a "tender àquela santidade", enquanto o sacerdote é chamado a "ser verdadeiramente perfeito e santo". Um está no caminho, o outro no estado de perfeição" (10).

106. "O JEJUM E A ORAÇÃO"

"O Senhor me faz lembrar que seu Filho divino pregava em Jerusalém, todos os dias, em jejum, e depois, à tarde, voltava para Betânia. Isto me impeliu muito para o amor e para o trabalho" (11). Assim escreveu Pe. Gaspar no seu 'Memorial Privado' no dia 25 de setembro de 1808: referindo-se a uma inspiração recebida enquanto dava Catequese. Depois de algumas semanas - durante as quais se havia evidentemente aplicado a dar um seguimento prático àquela inspiração - pôde anotar: "Aproveitamento maior ao levantar mais cedo, no jejum e no tempo destinado à oração" (12).

É um dos tantos episódios que mostram como Pe. Gaspar estivesse empenhado em colocar em ação pessoalmente aquele exercício de penitência que com tanta força inculcava aos outros pela pregação. Pelo que, contam os biógrafos, se conclui que verdadeiramente ele não perdia ocasião para mortificar-se e seguir o convite de Jesus para renunciar-se a si mesmo.

Desde jovem costumava mortificar-se durante o sono colocando sob os lençóis uma camada de saibro com pedaços de madeira e fragmentos de ferro. Uma vez em que os pais lhe mandaram fazer um terno novo, naturalmente conforme as condições burguesas da família, ele foi ao alfaiate para pedir-lhe "um modelo realmente humilde e nada de acordo com a moda" (13). É sabido que ele quis privar-se de espetáculos muito interessantes; como o primeiro vôo em balão realizado em Verona diante das janelas de sua casa em Campo Marzio, e os esplendidos fogos de artifícios soltados na Praça Cittadella, diante dos Estigmas, por ocasião do histórico Congresso de Verona em 1822 (14).

É digno de nota o fato que Pe. Gaspar destinasse um grande espaço para a mortificação no exercício do ministério apostólico. As meditações dominicais e festivas feitas no Seminário eram muitas vezes precedidas por noites em claro, passadas no estudo e na oração (15). Outras noites praticamente insones passava no coro da igreja dos Ss. José e Fidêncio no Retiro Canossa, para ficar disponível ao atendimento dos doentes (16). O propósito de imitar Cristo que "pregava o dia todo em jejum", deixou uma marca duradoura na vida de Pe. Gaspar. (17).

107. "PRIMEIRO A MORTIFICAÇÃO INTERIOR"

"Atenção para não sobrecarregar-se de muitas penitências e ocupações!" Escreve Pe. Gaspar no 'Memorial Privado' (18). Daí a alguns dias volta ao mesmo tema da penitência com esta outra anotação: "Aos que fogem da mortificação interior e desejam só a externa, é bom que esta lhes seja proibida; pelo menos assim poderão ser levados à interna pelo próprio desejo de compensar a ausência da externa" (19).

Depois de tudo que vimos sobre o ensinamento e experiência pessoal de Pe. Gaspar sobre o tema da mortificação não se pode certamente dizer que estas notas do "Memorial Privado" representem uma atenuante da sua exigente mensagem. Elas ao contrário têm significado de uma chamada à autenticidade evangélica da ascética cristã. Deve ficar bem claro que a penitência proposta por Cristo, exigentíssima ao ponto de pedir para levar a cruz (Lc 14, 27), introduz no caminho do seu seguimento, e não tem nada que dividir com certo misticismo imprudente e fanático de base não evangélica, que às vezes seduz também muitos cristãos.

Muito indicativo a propósito o que o Fundador prescreve nas "Constituições". No entanto ele dedica um capítulo especial para a penitência (20): e isto já mostra que importância ele atribui a tal virtude no quadro da vida religiosa da Congregação.

"Sobre a penitência não haja uma norma universal para todos, senão esta: que na alimentação, no traje e nas demais coisas necessárias para uso na vida religiosa, todos se contentem com o que lhes for distribuído ou concedido pelos Superiores" (21): é a sábia, e certamente não cômoda, prescrição válida para todos. Segue depois um corajoso convite à generosidade pessoal, sempre no quadro da prudência e do equilíbrio comunitário: "Cada um aceitará e agradecerá as penitências que o Confessor ou Superior lhe impuser no Senhor; até mesmo as desejará e, frequentemente, as pedirá quanto maiores puder realizar; aqueles, por sua vez, as determinarão ou as procurarão moderar". (22).

II. APRENDEI DE MIM QUE SOU MANSO E HUMILDE DE CORAÇÃO

108. "NO FUNDO DO PRÓPRIO NADA SE ENCONTRA DEUS"

"Cristo assumiu a condição de escravo" (Fl 2, 7). Sobre esta assombrosa humilhação e deste nada, Deus tirou sua maior glória e a nossa grandeza. Não só nos livrou do pecado, mas nos fez seus filhos, herdeiros do Reino. Seja qual for o desígnio de Deus sobre mim, Ele jamais fará algo de grande em mim que não tenha como princípio e fundamento o nada da minha humildade. No momento em que eu quiser ser alguma coisa, nada serei; e no momento em que consentir ser nada, tornar-me-ei capaz de tudo diante de Deus" (23).

Pe Gaspar coloca assim o alicerce, neste trecho dos "Exercícios ao clero", sobre a base evangélica daquela virtude tipicamente cristã: a humildade. E enquanto sublinha a radicalidade do despojamento de si mesmo exigido pela humildade autêntica, clareia também as grandes coisas que Deus sabe fazer, como já no Cristo, por meio do homem que com humildade se entrega totalmente a Ele. "No fundo do próprio nada se encontra Deus": já havia escrito no seu 'Memorial Privado' (24).

Este caráter de radicalidade é ressaltado na humildade vivida por Pe. Gaspar. "Nos Estigmas se costumava dizer que Pe. Gaspar era humilde demais": testemunha Pe. Lenotti (25). De fato sobre a humildade vivida por Pe. Gaspar existem testemunhos numerosos e eloquentes; dava para fazer um livro (26).

"A humildade era identificada nele - escreve Pe. Carlos Fedelini e era humildade de intelecto, porque se considerava grande pecador e ignorante. Por isso dizia que não tinha estampa de fundador de Institutos religiosos. Se alguém o consultava, e eram muitos, a primeira coisa que fazia era desculpar-se e perguntar com espanto porque ele! Em doze anos não pude jamais tirar-lhe da boca uma sílaba sobre seus estudos, escritos, obras. Atribuía tudo aos outros. Daí, pois, agradecer a todos os seus, por qualquer trabalho. Daí, honrar a todos. Daí não querer jamais abençoar os sacerdotes, exceto os seus. Portanto revestido de Cristo humilde, exalava o bom odor e a unção de Cristo, que se percebia estar bem perto dele, pelas suas palavras" (27).

109. O FUNDAMENTO DO EDIFÍCIO ESPIRITUAL

"Antes que o Senhor eleve muito uma alma convém que a abaixe proporcionalmente, porque Ele é arquiteto não menos sábio que o mais simples mestre de obras, que sabe cavar tanto mais fundo quanto mais alto deve ser o edifício. Peçamos ao Senhor que aumente sua luz em nós: de modo que conhecendo nossa miséria, cheguemos até o fundo, antes, ao abismo. Então um abismo chamará outro abismo (Sl 42, 8), correspondendo o fundamento à altura daquele edifício que o Senhor fez ver em seu projeto" (28). 100

Com referência à célebre imagem que é de S. Agostinho - feita nesse trecho da correspondência à Naudet - Pe. Gaspar diz em substância que a humildade quanto mais é radical, tanto mais é fecunda em relação à perfeição espiritual. Tal fecundidade, pela qual a humildade é justamente considerada o fundamento de todas as virtudes cristãs, é por ele ilustrada de maneira também mais pronunciada nas "Meditações" aos seminaristas. "A perfeição consiste principalmente no desinteresse e na humildade. Porque a raiz de todo mal é a cobiça (1 Tm 6, 10), e a causa de todo pecado é a soberba (Eccl 10, 5). Assim a pobreza em espírito e o desinteresse cortam a raiz de todos os vícios, e levando à humildade, introduzem todas as virtudes: e nisto consiste a perfeição" (29).

Sobre o relacionamento que une a humildade às virtudes cristãs Pe. Gaspar sugere ainda uma aguda reflexão: para lembrar que a virtude da humildade não é só o fundamento de todas as outras, mas que ela constitui também a mais sólida garantia de sua autenticidade. Ele tem diante dos olhos o exemplo de muitos jansenistas - adeptos das famosas monjas de Port-Royal, de quem se dizia que eram puras como anjos e soberbas como o demônio - que se ufanavam do seu rigor moral e do cuidado com a virtude, mas faziam deles um estandarte para hastear contra os Pastores da Igreja. Referindo-se a eles Pe. Gaspar chegou a dizer que "as virtudes são ocasião de soberba" (30).

Eis então o seu aviso: "Colocados na mais alta perfeição é preciso tremer, porque os outros vícios se alimentam de atos feios e pecaminosos; enquanto que à soberba servem de alimento, e assaz apetecível, nossas próprias virtudes, até as mais elevadas" (31).

110. "O POVO GOSTA DE VER OS SACERDOTES HUMILDES

"Já que o Senhor vos fez a graça, que é maior que qualquer tesouro, de viver na humildade e na simplicidade, procurai manter-vos sempre nesta beatitude. Porque finalmente também aos homens do mundo agrada ver os sacerdotes humildes e simples. Com isto obtereis mais frutos de bem que jamais podeis imaginar" (32).

O sacerdote a quem Pe. Gaspar dirige estas palavras é Pe. Luís Bragato, vivendo desde 1835 junto à Corte de Viena como confessor e capelão da Imperatriz Maria Ana di Savoia. Sente-se aí toda a alegria do pai que vê aquele filho guardar ciosamente o tesouro da humildade e da simplicidade mesmo no ambiente de uma Corte Imperial. Finalmente, sobre a necessidade da humildade como dom específico para o sacerdote Pe. Gaspar volta com insistência nos "Exércitos ao clero". "A ambição das honras e das dignidades é vício dos padres. Terrível paixão em um padre a vanglória, a inveja: e os padres nem mesmo se confessam disso" (33).

"Cristo pretendeu reprimir em nós o desejo de aparecer, que nos é tão natural e produz tantas desordens - diz ainda naqueles "Exercícios" -. Não há nada que nos ajude a moderar em nós esta pretensão de aparecer ao mundo e de distinguir-nos, quanto o exemplo do Filho de Deus, que escolheu o escondimento e se fez voluntariamente desconhecido ao mundo. Este exemplo me tolhe todos os pretextos que poderia ter e que o amor próprio astutamente sabe sugerir. Estou em condição de contribuir com a glória de Deus mais que Jesus Cristo? Ao invés das máximas inspiradas pelo espírito mundano, Jesus Cristo veio ensinar-me uma estrada totalmente contrária, isto é, o amor de ser desconhecido" (34).

Um exemplo impressionante de coerência com estes princípios é o que Pe. Gaspar deu no desenvolvimento do seu precioso ministério de "anjo do conselho", graças ao qual chegou a ser, na prática, quase o co-fundador de diversos Institutos. Foi astúcia costumeira sua, depois de estar presente em vários empreendimentos e fundações de homens e senhoras - atesta Pe. Lenotti - levar com seu trabalho a coisa quase ao final, e depois retirar-se para deixar aos outros a honra e a glória da fundação" (35).

111. "BAIXINHO, BAIXINHO: BURAQUINHO E TOQUINHA"

"Pe. Gaspar repetia muitas vezes a seus filhos o que ele dizia ter ouvido frequentemente do douto e humilde Pe. Nicolau Galvani: 'Baixinho, baixinho;

buraquinho e toquinha": escreve Pe. Giacobbe (36). A expressão dialetal lembra uma brincadeira de meninos, que chamavam o grilo da pequena toca, onde estava escondido. Mas é evidente a referência à vida espiritual, como convite à humildade e recolhimento. Que Pe. Gaspar quisesse muitíssimo inculcar em seus filhos a humildade como valor fundamental e característico do espírito da Congregação, o confirma Pe. Lenotti: "Em primeiro lugar o nosso Fundador queria fundamentar-nos bem na humildade, e manter-nos nela": diz em suas 'Exortações domésticas'(27).

Quanto mais alta é a "finalidade dos Missionários Apostólicos a serviço dos Bispos" proposta a seus filhos, quanto mais arrojada "a excelência" da preparação para isto exigida" (38), tanto mais profunda deve ser neles a humildade. "Todos os princípios das coisas grandes começam com a humildade - já havia dito nos 'Exercícios ao Clero' - dispondo-nos com ela para que Deus valha de nós e nos manifeste ao público, fazendo por nosso intermédio coisas importantes para sua glória" (39). A respeito do ministério da pregação decididamente prioritário para os Missionários Apostólicos - Pe. Gaspar afirma: "A humildade é o caminho seguro. Ninguém se tornará pregador se não tiver amadurecido no silêncio e não tiver conseguido profundas raízes na humildade, antes de se manifestar ao público" (40).

Nas "Constituições" o Fundador insere uma seção à parte - quebrando um fio de fidelidade quase literal das Regras da Companhia de Jesus que intitula "Da quádrupla modéstia" (41): onde desenvolve amplamente o tema da humildade. "Todos cultivem a modéstia em tudo é o primeiro número daquela seção - de modo que esta apareça aos olhos de todos. E antes de tudo moderem por meio da humildade todo movimento da alma que tenda à própria proeminência": e logo segue o elenco dos clássicos doze graus de humildade de S. Bento (42).

(E) Quando foi oferecido pelo Imperador ao Pe. Bragato um título honorífico parece que se tratava de uma mitra abacial - o humilde filho de Pe. Gaspar renunciou com firmeza cortês. Pe. Gaspar lhe escreveu imediatamente: "Alegro-me com você pela renúncia à mitra, ainda que se deva todo o agradecimento a quem lhe ofereceu esta honra. Você seguiu a palavra de Pe. Galvani: 'Baixinho, baixinho; buraquinho e toquinha. O Senhor salvará os humildes de espírito (SI 33, 19)" (43).

III. FELIZES VÓS, POBRES

112. "A POBREZA: O CAPITAL NECESSÁRIO"

"Para iniciar a empresa é necessário que se tenha alcançado grande e heróica virtude; o capital necessário é a pobreza, depois todas as outras virtudes": escreve Pe. Gaspar no 'Memorial Privado'(44). E insiste no dia seguinte: "É preciso preparar-se para uma grande guerra contra o inferno. 1°. É necessário a humildade para atrair os auxílios do Céu. 2°. Desapego de tudo, para que o demônio não encontre onde nos agarrar" (45).

Sobre esse assunto eminentemente evangélico - que apresenta a pobreza como o grande expediente necessário para levar avante a empresa do seguimento de Cristo (Lc 14, 28-33) - Pe. Gaspar retorna muitas vezes de boa vontade. "Seguir Cristo é o fim. Meios: a renúncia" (46).

Também falando da vocação sacerdotal aos seminaristas ele lembra que "as despesas necessárias para fabricar a torre são as grandes renúncias: os parentes e as coisas" (47).

Pe. Gaspar não hesita em apresentar a pobreza como um investimento produtivo para o Reino de Deus, mesmo falando aos leigos. "Os homens procuram nas coisas exteriores, nas riquezas e nas honras, uma certa excelência e abundância. Ora, uma coisa e outra se encontram justamente no Reino dos Céus: graças às quais o homem consegue a excelência e a abundância dos bens de Deus. E assim o Reino dos Céus é prometido aos pobres em espírito": diz na pregação sobre "As Bem-aventuranças" (48).

Mas é quando se dirige aos sacerdotes que Pe. Gaspar encontra acentos mais fortes e incisivos para denunciar o apego aos bens terrenos e para exortar à prática da pobreza. "É preciso entender bem que o grande laço são os bens, aos quais os eclesiásticos são tão apegados. Laço sutilíssimo, é o interesse, que apenas se deixa discernir em um sacerdote. Feliz quem pode desatar este laço" (49). "No próprio estado eclesiástico existem graus, postos, distinções, diversidade de empregos que, embora obscuro segundo mundo, não deixam de excitar sentimentos mundanos - reforça Pe. Gaspar -. Mas tudo isto não é Deus, não é meu fim. Assim devo permanecer insensível a tudo isto, não fazer nenhuma conta disto. Em que pureza e liberdade de coração me manteria uma tal disposição! Viveria como um verdadeiro sacerdote" (50).

113. O BALUARTE DA VIDA RELIGIOSA

"Na sua Congregação era solícito ao máximo em conservar o espírito e o fato da pobreza, seja nos alimentos como na roupa, na mobília e em tudo; tanto que parecia até ciumento da pobreza e sempre com medo de que às vezes não se introduzisse na Congregação o amor à riqueza, à comodidade, e o luxo. Por isso aborrecia e combatia severa e prontamente qualquer sombra de tudo isto que por alguma causa pudesse surgir" (51). Estas afirmações de Pe. Lenotti são confirmadas, pelo testemunho dos contemporâneos: "Era voz comum que a vida de Pe. Gaspar e seus companheiros nos Estigmas fosse muito austera" (52).

Com a austeridade de vida Pe. Gaspar juntava um absoluto desapego ao dinheiro. Pe. Giacobbe fala de "tantas e tantas renúncias de notáveis somas que muitas vezes lhe foram oferecidas" (53). E o próprio Pe. Gaspar nos leva a motivar esta sua atitude buscando uma razão de princípio. "As minhas máximas constantes impedem-me de aceitar a doação que a senhora ofereceu pela segunda vez - escreve à sra. Teresa Gamba -e me obrigam a recusá-la também após a morte. A senhora poderá dispor delas segundo o conselho prudente de quem preparar seu testamento: não porém em meu favor nem dos Estigmas, porque eu não aceitarei e farei com que meus companheiros não aceitem; a eles sobretudo me importa que estas máximas sejam bem recomendadas" (54).

Causou espanto, e também rumor na opinião pública do tempo, a renúncia feita por Pe. Gaspar e seus companheiros à polpuda herança de Pe. Francisco Cartolari. Depois do ato formal de renúncia Pe. Gaspar reuniu os companheiros na capela doméstica para cantar um "*Te Deum*"; em agradecimento ao Senhor "que lhes havia feito a graça de jogar fora de casa o lixo de Pe. Cartolari, para guardar a herança de suas virtudes" (55).

Entre os frutos preciosos que do "capital" da pobreza derivam na prática à vida religiosa Pe. Gaspar apresenta a comunhão fraterna. "O meio característico para favorecer a união fraterna é a pobreza, que em sumo grau é própria do religioso, em razão do voto - escreve nas 'Constituições'-. No estado religioso todas as coisas são comuns: os corações, as mentes e tudo o que é necessário ao sustento e teor de vida" (56).

114. POBREZA RELIGIOSA E ESCOLHA PREFERENCIAL PELOS POBRES

"Quanto à prática da pobreza, onde se pode observar mais estritamente sem excluir os fins da caridade, porque não fazê-lo? Se, além das meninas nobres se podem educar também as pobres, porque deixar estas, 'das quais é o reino dos Céus?' (57). São perguntas que Pe. Gaspar dirige a L. Naudet a propósito da orientação a imprimir na atividade educativa do seu Instituto: surgido originariamente com a intenção de se ocupar com as meninas de famílias abastadas, mas aberto também para a instrução das pobres.

Outras vezes, Pe. Gaspar já havia encorajado L. Naudet a voltar sua atenção às meninas de condição social modesta (58). Mas é significativo que o encorajamento para se interessar pelas meninas pobres seja ligado aqui à observância da virtude da pobreza: como para sugerir que não pode haver autêntica pobreza religiosa, se não se cuida dos pobres.

Quando em 1816-17 a região de Veneza foi atingida por uma das mais graves carestias que a história lembra, Pe. Gaspar teve um motivo a mais para propor à recente comunidade dos Estigmas aquele regime de austeridade do qual se disse: "Para que sentissem como todos os outros a gravidade do flagelo de Deus" (59). E foi justamente então que nos Estigmas começou a funcionar um eficiente serviço de assistência aos mais necessitados (60).

Este sentido de abertura aos mais pobres - em seguimento de Cristo que "se fez pobre para nos enriquecer com sua pobreza" (2 Cor 8, 9) - foi transmitido do Fundador para seus filhos. Sobre o Pe. Inocêncio Venturini as crônicas atestam: "Mostrava sua humildade no amor que tinha pelos pobres, que em grande número recorriam a ele e lhe abriam as próprias consciências; e quanto mais eram mal vestidos, tanto mais os queria, antes, os chamava 'pão próprio para ele' (61). Pe. Francisco Benciolini havia escrito entre seus 'Propósitos': "Você aceite o refugio, aqueles que não encontram quem os acolha, os pobrezinhos, os desgraçados, os disformes" (62).

IV. BEM-AVENTURADOS OS PUROS DE CORAÇÃO

115. A CASTIDADE CONSAGRADA: UMA ESCOLHA DE AMOR

"A virtude da castidade refulge em Pe. Gaspar tão bela, tão perfeita e sublime, que constitui na sua vida e na sua santidade uma característica bem distinta e um ornamento especial" (63). Poderia parecer, à primeira vista, uma declaração um pouco descabida e formal esta de Pe. Giacobbe. Na realidade ele exprime bem, ainda que em termos genéricos, o papel que teve no ensinamento e na experiência vivida por Pe. Gaspar a virtude religiosa da castidade.

No entanto, Pe. Gaspar insere expressamente a castidade religiosa no quadro do especial relacionamento esponsal com Cristo que é próprio da alma consagrada. "Cada um tenda com todo esforço àquela perfeição da castidade que condiz com pessoas investidas de uma tarefa angélica: que são, isto é, os procuradores das núpcias de Cristo. Antes, por isso tendo desposado a própria alma com Cristo, eles devem apresentá-la a Ele, conforme diz S. Paulo, como virgem casta, isto é santa de mente e de corpo" (64): é um dos números que o fundador dedica à castidade nas 'Constituições'.

Nesta visão, a castidade consagrada aparece claramente como uma escolha de amor: que admite certamente a renúncia ao amor esponsal humano, mas com o escopo de realizar o amor indiviso para com o Esposo divino e ao mesmo tempo o amor total e universal de doação para com os irmãos. Então se compreende bem porque, tratando nas mesmas "Constituições" dos meios para favorecer a castidade, o Fundador atribui um valor proeminente à oração e aos sacramentos. "Seja frequente para todos o exercício da oração e da meditação. Todos tenham grande cuidado em se aproximar muitas vezes dos sacramentos da Confissão e da Eucaristia" (65).

Também o amor que a castidade consagrada alimenta para com os irmãos e as irmãs é expressamente salientado por Pe. Gaspar. "O que adianta dominar o corpo com a continência pergunta, falando aos novos confessores - se a alma não sabe atirar-se na caridade para com o próximo? Nada vale a castidade do corpo, se não é acompanhada da suavidade de ânimo" (66). E, por outro lado, o amor que é a expressão mais autêntica da castidade, é ao mesmo tempo seu sustento e defesa mais segura: "Em uma alma na qual entra a caridade, foge a sensualidade" anota Pe. Gaspar no "Memorial Privado".

116. "A VINHA E A CERCA"

"Querer a castidade e não o rigor é querer os frutos da vinha e não a cerca de espinhos" (68). Esta admoestação faz parte de uma longa instrução sobre "Os remédios contra a desonestidade", apresentada nos "Exercícios ao clero": onde Pe. Gaspar assume tons muito claros, e até vibrantes, para recomendar aos sacerdotes a guarda dos sentidos, a modéstia do comportamento e da linguagem, a prudência no tratamento com mulheres e jovens, abstenção de formas de diversões e divertimentos não coerentes com a própria escolha de consagração.

Também nas "Constituições" escritas para seus filhos o Fundador apela para as normas clássicas da ascética, necessárias para a defesa da castidade. Original, e particularmente interessante, o capítulo que ele dedicou sobre este contexto à 'estudiosidade': onde, depois de haver recomendado fugir da vã curiosidade, insiste para que se aplique seriamente ao estudo, "lutando com alacridade e constância contra o cansaço, a negligência e a indolência" (69).

Já nos "Exercícios ao clero" havia dito que "com o estudo conseguireis não só limpar a mente de tantos fantasmas impuros, mas mistificar também o corpo. Se não mais, pelo menos afastará o ócio, tão ligado à impureza que sem ele não apodreceriam as águas nos pântanos, nem as almas nos prazeres" (70).

Um outro motivo que Pe. Gaspar apresenta à responsável atenção dos sacerdotes e religiosos diz respeito à defesa, além da virtude, também do bom nome: tão necessário para o desenvolvimento da própria missão, e ao mesmo tempo tão insidiado pelo gosto mundano para os mexericos e escândalos. "A vossa consciência limpa é uma prova, e é suficiente a vós - diz Pe. Gaspar nos "Exercícios ao clero" - mas não basta aos outros. São duas coisas bem distintas a consciência e o bom nome. A consciência é necessária para ti, o bom nome para o próximo" (71).

117. CASTIDADE FECUNDA

"O nosso ânimo se alegra pelo bom odor que Cristo Nosso Senhor espalha perto de nós, graças ao eleito grupo guiado pela senhora com tanta sabedoria e prudência nos caminhos da perfeição evangélica. Nosso Senhor digne-se, pois, levar adiante todos nós nesta perfeição, segundo o espírito da nossa vocação" (72). Este trecho, tirado da correspondência entre Pe. Gaspar e L. Naudet, reflete bem o clima do relacionamento estabelecido entre um homem e uma mulher excepcionais, chamados pelo Senhor a

colaborar estreitamente para o progresso do Reino de Deus.

Como todos os grandes valores também este tem, naturalmente, o seu preço: e Pe. Gaspar não deixou de evocar a necessidade da prudência e da reserva em um campo tão delicado. Entre outras coisas, ele se opôs com cortês firmeza a um projeto que teria levado as Irmãs da S. Família e as meninas do seu colégio "tão perto de nós a ponto de poder fazer-se ouvir de uma sala à outra batendo na parede: acabando assim com as precauções já tomadas com tanta solícitude, com tanto gasto e com grandes privações" (73).

Nos "Exercícios ao clero" advertira os sacerdotes: "Uma conversação agradável e permanente com mulheres é quase um adormecer à beira de um precipício" (74). E sua chamada de atenção tornou-se mais forte a respeito do relacionamento entre sacerdotes e mulheres que se dedicam à vida de piedade. "O perigo é maior onde se tem menos medo, no trato familiar com mulheres que parecem decidir-se à vida de piedade ou que realmente se dedicam. Quantas vezes sob o pretexto de salvar uma alma, pereceriam duas! O mel da devoção muitas vezes é pegadiço" (75).

Mas uma vez pago o preço devido à prudência, Pe. Gaspar sabia valorizar plenamente a fecunda potencialidade do amor contida na castidade consagrada também nos seus numerosos relacionamentos com mulheres. "Não se pense que tratando com mulheres Pe. Gaspar mostrasse austeridade ou qualquer sombra daquele temor que afasta ou incomoda afirma Pe. Giacobbe -. Quando conversava com senhoras. sua atitude e suas maneiras eram reservadíssimas, mas cheias de gravidade e doçura ao mesmo tempo" (76).

V. QUEM VOS OUVES, A MIM OUVES

118. "A OBEDIÊNCIA É CAMINHO SEGURO PARA A PERFEIÇÃO"

"Cristo se fez obediente por nós e se humilhou até a cruz. A obediência é o caminho seguro, e como que um atalho para a perfeição.

Procurai o merecimento de obedecer perfeitamente": diz Pe. Gaspar nos "Exercícios ao clero" (77). E ainda, nas "Meditações" aos seminaristas: "Quando uma alma é dócil aos Superiores, mesmo contra o próprio juízo, então é seguramente conduzida pelo Espírito de Deus. 'Quem vos ouve a mim ouve' (Lc 10, 16)" (78).

Já se viu como Pe. Gaspar acentua o papel da obediência, "sinal dos sinais e selo de todos os testemunhos", em relação à unidade da Igreja que é dom do Espírito Santo (79). Agora ele ressalta o valor da obediência também em relação à perfeição espiritual pessoal. Mas o tema de fundo é sempre o mesmo: graças à obediência se tem a certeza de cumprir a vontade de Deus, de conformar-se com seu plano de salvação.

É este o motivo que guia constantemente Pe. Gaspar na sua prática da obediência, como com expressão muito feliz afirmou seu primeiro biógrafo: "O forte motivo que levava Pe. Gaspar à obediência era este: ele colocava Deus na voz e na pessoa do seu superior" (80). Nesta linha também se coloca, em substância, Pe. Gaspar quando escreve no 'Memorial Privado': "O voto de obediência para quem não tem superior, antes, é superior, une o espírito a uma total dependência de Deus em tudo" (81).

Sobre a base desta forte motivação de fé se explica o amor cultivado por Pe. Gaspar para com a obediência. "Mesmo no estado de saúde combalida, ou em estado de doença, cumpria muitas incumbências - afirma Pe. Giacobbe: - e para cumpri-las teria saído do leito e corrido qualquer perigo, desde que tivesse recebido uma ordem, ou mesmo só um convite, do seu superior" (82). E, com o amor, o zelo para inculcar em todos sua observância. "Obedecei - recorda-se esta advertência deixada a um sacerdote novo-. Sujeito e obediente aos pais; sujeito e obediente ao bispo; sujeito e obediente ao pároco. E não façais caso nem do mundo secular nem do mundo "clerical" (83). "Obedecei, dizia a um outro sacerdote que no seu ministério devia enfrentar problemas difíceis - como refere ainda Pe. Giacobbe e o próprio Deus se tornará fiador e defensor contra todo obstáculo. E de fato aconteceu porque a obediência aplainou toda dificuldade, e em pouco tempo levou às mais felizes conquistas" (84).

119. "A OBEDIÊNCIA ALEGRE"

"Alguns obedecem não por amor, mas simplesmente para tranquilizar seus temores" (85): é a primeira anotação com que é aberto o 'Memorial Privado'. Nela Pe. Gaspar constata um dado real: que, isto é, há muita gente no mundo, e também na Igreja, que de fato, obedece, mas nem sempre se trata de obediência feita por amor, mas por necessidade, por interesse, muitas vezes por medo. Trata-se enfim daquela obediência que Pe. Lourenço Milani dirá, com uma expressão que se tornou famosa, que "não é mais uma virtude" (86): e da qual seria mais justo dizer que jamais foi uma virtude. A virtude da obediência de fato tanto mais a virtude evangélica, que tem em

Cristo seu supremo mestre e modelo - é uma outra coisa; é um ato de fé e de amor pelo qual se entende conformar-se à vontade de Deus expressa por aqueles que Ele mesmo colocou como seus representantes.

Justamente porque a obediência religiosa é um ato de fé e de amor para com Deus, ela não será prestada ao homem, no caso que este, abusando do seu poder, ordenasse coisas manifestamente contrárias à vontade divina e cessasse em tal caso de ser seu representante. Pe. Gaspar é muito claro no assunto. Ele exclui do dever da obediência "tudo que se opõe às leis divinas ou eclesiásticas, ou mesmo às constituições do Instituto" (87). Antes, ele prevê a eventualidade de "que à execução de uma ordem interponha um verdadeiro impedimento, ou que se creia como tal, ou se duvide dele com fundamento: nesse caso o fará conhecer com humildade ao Superior, deixando a ele a decisão" (88).

Em uma palavra: Pe. Gaspar prevê e inculca a oportunidade do diálogo entre o religioso e seu superior, relacionado à busca comum da vontade de Deus: diálogo que, evidentemente, não está em alternativa com a obediência, mas quer ser a melhor garantia que a obediência resulta em autêntica adesão à vontade de Deus.

Deste modo, a obediência religiosa mantém intacto o seu valor de sacrifício oferecido a Deus: mas é sacrifício oferecido com fé e amor, e pode ser verdadeiramente "alegre e cumprido com alegria espiritual", como corajosamente pede Pe. Gaspar (89). Ele ressalta a eficácia vitoriosa da obediência: "O obséquio de quem obedece é um verdadeiro sacrifício - diz nas "Meditações" aos seminaristas - e quando nos sujeitamos aos homens por Deus vencemos os espíritos soberbos. Os que obedecem são pois, os vitoriosos" (90).

120. EXERCÍCIO EVANGÉLICO DA AUTORIDADE

"Como o espírito de dominação e de imposição e qualquer manifestação disso é reprovável, todos fujam de qualquer desejo de se impor aos outros e de qualquer modo imperioso. Se um é obrigado a dirigir, procure não impor, mas indicar o que deve ser feito, e todos prestem serviço uns aos outros" (91).

Neste número das "Constituições" Pe. Gaspar mostra ter bem clara a consciência de que um estilo evangélico no exercício da autoridade é pressuposto necessário para uma resposta de obediência que seja, por sua vez, verdadeiramente evangélica. Do Evangelho ele toma à letra a indicação profundamente inovadora a respeito de

qualquer visão mundana, que a autoridade deve ser não domínio, mas serviço (Mt 20, 24-28). Ao domínio sujeita-se por medo ou se rebela; ao serviço responde-se com amor.

A autoridade que quer exprimir-se no espírito evangélico de serviço coloca em primeiro lugar a animação da comunidade: antes ainda do também necessário exercício de mando. "Saiba que a primeira coisa do cargo de Superiora deve ser este: que mediante orações e santos desejos sustenha toda a casa quase com suas costas" (92): é uma das regras das superiores, de origem inaciana, adotada por L. Naudet para sua Congregação, evocada por Pe. Gaspar e por ele amplamente comentada. Entre outras coisas ele sugere naquele comentário: "Baseadas em uma sólida perfeição religiosa as superiores saibam tornar-se fortes colunas de virtudes heróicas, uma vez que não se exige menos daquelas que devem ser as primeiras de tal Instituto" (93).

Uma atitude característica do estilo de Pe. Gaspar no trato com os membros da sua comunidade é o de um absoluto respeito em relação a todos. "Vindo às vezes, Pe. Bragato auxiliá-lo na aula de retórica, ou falar-lhe sobre algum assunto, comportava-se com tal respeito, que não acreditarias jamais ser seu superior, antes, nem mesmo um companheiro, mas um inferior e súdito" (94): lembra o Pe. Lenotti. E o Pe. Giacobbe acrescenta também que "nos seus deveres, por maiores ou menores que fossem, jamais deixou de consultar os mais velhos de seus companheiros; e embora fosse pai e superior para eles, respeitava seus conselhos, como se fosse inferior e o menor deles" (95).

VI. SEDE ALEGRES NO SENHOR

121. "A ARTE DE ESTAR SEMPRE ALEGRE"

"É notório que os padres dos Estigmas encontravam no seu Superior Pe. Gaspar Bertoni, e na sua direção, uma larga compensação de todos seus incômodos, e viviam naquele verdadeiro contentamento de espírito que não se pode simular por muito tempo" (96). Este testemunho do filipino Pe. Bartolomeu Sorio (1805-1867) relata uma impressão difundida entre o povo: mas ele encontra numerosas confirmações no interior da comunidade.

"Em toda essa necessidade e pobreza viviam tão alegres e contentes, que era uma Páscoa somente vê-los e ouvi-los": escreve Pe. Carlos Zara (97). As crônicas contemporâneas falam muitas vezes da contagiosa alegria de Pe. Miguelângelo

Gramego, "delícia da Congregação nascente", dos "espirituosos gracejos com que o clérigo Luís Ferrari alegrava as conversações comunitárias" (98), e relatam numerosos episódios que refletem o clima de alegria vivido na comunidade de Pe. Gaspar: do que resulta amplamente justificada a afirmação, já conhecida de Pe. João B. Tomasi sobre o fato que nos Estigmas se conseguia conciliar "a mais austera penitência com a mais sincera alegria" (99).

Que Pe. Gaspar fosse verdadeiramente mestre também nisto aparece no que afirma Pe. João Rigoni, referindo-se ao Pe. Francisco Benciolini: que fidelíssimo discípulo de Pe. Gaspar "retratou em si, do Fundador, a arte de alegrar-se sempre: de modo que conseguia com sua presença deixar-nos sempre de bom humor" (100).

É lícito discernir já em tudo isto, um simpático componente humano. Por temperamento Pe. Gaspar era inclinado à alegria e ao humorismo - como bom veronês crescido nos ares de Monte Baldo: entre outras coisas era um formidável imitador (101) - e teve depois oportunidade de desenvolver estes seus dotes em contacto com os jovens do Oratório: onde com a catequese e as orações sabia aliar o jogo, as brincadeiras, as tardes alegres, não excluindo certas peças conservadas memoráveis (102).

Mas, sem dúvida, há um fator também mais determinante naquela inalterável arte de estar sempre alegre própria de Pe. Gaspar. Conhecemos sua profunda visão pascal da vida e seu espírito de abandono em Deus. Só nesta luz pode-se compreender o que entre outras coisas, escreve Pe. Giacobbe e seria quase inacreditável se não viesse da pena de uma testemunha ocular. Depois de descrever os atrozes sofrimentos padecidos por Pe. Gaspar devido às muitas intervenções cirúrgicas e pela prolongada imobilidade dos últimos meses de vida, acrescenta: "E tudo isto com aquela suavidade e serenidade de rosto, que o fazia parecer não tanto um paciente resignado, mas o homem mais alegre e feliz" (103).

122. UM HINO À ALEGRIA

"O rosto de S. Zenão era sempre alegre, a fronte sempre serena, o olhar sempre tranquilo, os lábios sempre sorridentes, o falar sempre doce, o aspecto sempre agradável e bem composto, sempre contente e modesto, sempre amável e venerando. Porque a caridade, seja na prosperidade como na adversidade, deve estar sempre contente e sempre alegre. Antes, esta é a característica da caridade: a hilaridade, que

outra coisa não é senão sinal de vontade boa e devota, e por isso é também forte ornamento de toda virtude. E é ainda esta a razão pela qual é muito querida por Deus, e sem ela não são aceitos por Ele os nossos dons (2 Cor 9, 7). E como é querida por Deus, assim também é querida por todos os homens: e aos veroneses de modo especial deveria ser caríssima, vendo-a antes no seu S. Zenão. Tendo eles, por natureza, uma índole alegre e agradável, não se adaptariam facilmente a maneiras muito diferentes das suas" (104).

No seu sermão sobre S. Zenão - feito no dia 18 de agosto de 1839, durante os festejos realizados por ocasião do reencontro do corpo do Patrono de Verona - Pe. Gaspar se detém em ilustrar amplamente aquela nota característica do Santo que é justamente sua alegria: por isso foi esculpido numa célebre estátua, e é venerado pelos fiéis, como "S. Zenão que ri".

Da alegria do santo Padroeiro de Verona Pe. Gaspar salienta, além do profundo significado espiritual da "flor e ornamento de toda virtude", também a raiz evangélica: de como S. Zenão soube, a exemplo de Cristo, "atingir nas tribulações a doçura divina" (105). Sobretudo acentua a fecundidade apostólica daquela alegria: porque "a alegria do rosto de S. Zenão feria os corações, e era como uma seta especial que se percebia por sua eficácia. E qual e quão grande o efeito desta seta percebia-se pelo número prodigioso de pagãos que cada ano, nas festas da Páscoa, recebiam o Batismo por ele" (106).

Dir-se-ia em suma que ao fazer o elogio de S. Zenão Pe. Gaspar quis aproveitar a oportunidade para compor seu "Hino à alegria". Não é exagero ver nestas agudas intuições sobre a alegria de S. Zenão também o fruto de uma certa afinidade de espírito que unia o humilde Pe. Gaspar ao grande Padroeiro de Verona. É assaz significativo, a propósito, o testemunho dado por Pe. Lenotti sobre a eficácia apostólica da "arte de estar sempre alegre" que era característico de Pe. Gaspar: "Todos se despediam dele edificadas, consolados e felizes" (107).

NOTAS

1. PANEGÍRICO DE S. FRANCISCO, MS 1846; BERTONI 2, p. 647.
2. Id, Ms 1870; BERTONI 2, p. 651.
3. Id, MS 1850-1853.
4. MP, p. 144; anotação de 08-05-1809.
5. MP, p. 146: anotação de 15-07-1809.
6. MP, p. 40: anotação de 31-08-1808.
7. *ESERCIZI MEDIT.*, MS 2267; BERTONI 3, p. 134.
8. Id, MS 2268-2270; BERTONI 3, p. 134.
9. Id, MS 2389; BERTONI 3, p. 142.
10. Id, MS 2271-2272; BERTONI 3, p. 135.
11. MP, p. 53.
12. MP, p. 73: anotação de 16-11--1808.
13. BERTONI 1, p. 229 s.
14. BERTONI 2, p. 286 e BERTONI 4, p. 280 s.
15. BERTONI 3, p. 177 s.: onde é referido um testemunho impressionante feito a respeito pelo Pe. Luís Bragato.
16. MISCELÂNEA LENOTTI, SA, P. 130; BERTONI 2, p. 614.
17. V. acima nota 11.
18. MP, p. 45; anotação de 13-09-1808.
19. MP, p. 56; anotação de 28-09-1808.
20. CF, parte III, c. 2.
21. CF 43.
22. CF 44.
23. *ESERCIZI MEDIT.*, MS 2478; BERTONI 3, p. 151.
24. MP p. 39: anotação de 24-08-1808.
25. *POSITIO*, p. 247.

26. Cf. GIACOBBE, VITA, SA. P. 545 ss.
27. MISCELÂNEA LENOTTI, SA, p. 124 s.
28. Ep., p. 115: carta de junho de 1814.
29. MEDIT. I L. DOS REIS N. 4, MS 4929; BERTONI 3, p. 187.
30. MEDIT. I L. DOS REIS N. 48, MS 6710; BERTONI 3. p. 345.
31. Id, Ms 6725.
32. Ep., p. 310; carta de 21-10-1835.
33. *ESERCIZI MEDIT.*, MS 2623 e 2619; BERTONI 3, p. 162 s.
34. Id, MS 2503; BERTONI 3, p. 150.
35. MISCELÂNEA LENOTTI, SA, p. 134.
36. GIACOBBE, VITA, SA, p. 548.
37. CS III, p. 414.
38. V. acima, pp. 47, 56-57.
39. *ESERCIZI MEDIT.*, MS 2545; BERTONI 3, p. 150.
40. Id, MS 2501; BERTONI 3, p. 150.
41. CF, 120-137.
42. CF 121.
43. Ep., p. 327: carta de 11-04-1848.
44. MP, p. 148: anotação de 23-07-1809.
45. MP, p. 153: anotação de 24-07-1809.
46. *ESERCIZI MEDIT.*, MS 2529; BERTONI 3, p. 152.
47. MEDIT. I L. DOS REIS N. 15, MS 5398; BERTONI 3, p. 229.
48. PVC, p. 221: sermão de 01-11-1806.
49. *ESERCIZI MEDIT.*, MS 2514; BERTONI 3, p. 151.
50. Id, MS 2643-2644; BERTONI 3, p. 167.
51. MISCELÂNEA LENOTTI, SA, p. 176.
52. *POSITIO*, p. 200: testemunho de Pe. Antônio Pighi.
53. GIACOBBE, VITA, SA. p. 542.
54. Ep., p. 365: carta de 1823.

55. SA, p. 583 s.
56. CF 226.
57. Ep., p. 245: carta de agosto de 1828.
58. Ep., p. 230: carta de 7-04-1828.
59. *POSITIO*, p. 189 e 198.
60. V. acima, p. 58.
61. MEMORIAS 1886, p. 69 s.
62. CS II, p. 338.
63. GIACOBBE, *VITA*, SA, p. 527.
64. CF, 109. Veja acima, p. 32.
65. CF, 110 e 118.
66. *ISTRUZ. CONFESSORI*, MS 3106.
67. MP, p. 35: anotação de 17-08-1808.
68. *ESERCIZI ISTR.*, MS 3600.
69. CF, 122-127.
70. *ESERCIZI ISTR.*, MS 3605: BERTONI, 3 p. 714.
71. Id, MS 3615; BERTONI 3, p. 715.
72. Ep., p. 236: carta de 30-04-1828.
73. Id.
74. *ESERCIZI ISTR.*, MS 3609; BERTONI 3, p. 714.
75. Id, MS 3612-3613; BERTONI 3, p. 715.
76. GIACOBBE, *VITA*, SA, p. 528.
77. *ESERCIZI MEDIT.*, MS 2188; BERTONI 3, p. 123.50
78. MEDIT. I L. DOS REIS N. 35, MS 6309; BERTONI 3, p. 288.
79. Veja acima, p. 51.
80. GIACOBBE, *VITA*, SA, p. 557.
81. MP, p. 92: anotação de 23-12-1808.
82. GIACOBBE, *VITA*, L. c.
83. Id, SA, p. 558; MISCELÂNEA LENOTTI, SA, p. 155.

84. GIACOBBE, *VITA*, SA, p. 558.
85. MP, p. 9: anotação de 01-07-1808.
86. MILANI LORENZO, *L'OBEDIENZA NON È PIÙ UNA VIRTÙ*, LEF 1967.
87. CF, 141.
88. CF, 144; cf. também GIACOBBE, *VITA*, SA, p. 558.
89. CF 148.
90. MEDIT. I L. DOS REIS N. 39, MS 6435.
91. CF 195.
92. Ep., p. 65; carta de fevereiro de 1813.
93. Id.
94. MISCELÂNEA LENOTTI, SA, p. 167.
95. GIACOBBE, *VITA*, SA, p. 494, s.
96. SA, p. 97.
97. CSI, p. 483.
98. CSI, p. 476.
99. V. acima, p. 22.
100. CS II, p. 295.
101. MISCELÂNEA LENOTTI, SA, p. 129.
102. BERTONI 2, p. 519.
103. GIACOBBE, *VITA*, SA, p. 419.
104. SERMÃO SOBRE SÃO ZENÃO, MS 2082; BERTONI 5, p. 652.
105. Id, MS 2084; BERTONI 5, p. 653.
106. Id.
107. CS III, p. 532. Veja acima, p. 57.

QUINTA PARTE

I. VIDA DE ORAÇÃO: O RESPIRO DA ALMA

123. O ESPÍRITO DE ORAÇÃO E AS ORAÇÕES

"Abri a boca e atraí teu espírito (Sl 118, 131). Abrir a boca na oração é atrair a abundância do Espírito" (1): Assim escreve Pe. Gaspar à L. Naudet. Com isto ele exprime uma idéia fundamental sobre a vida de oração: isto é, o uso das diversas orações deve tender e atuar, mediante o espírito de oração por ele alimentado, um relacionamento habitual com o divino Hóspede presente na alma. Poucos dias depois ele volta sobre o mesmo assunto para esclarecer melhor seu pensamento. "Quanto à oração, e como se pode realizar aquela palavra da Escritura 'Abri a boca e atraí a mim teu espírito', responde o próprio Espírito Santo: 'Nada te impeça de rezar sempre' (Lc 18, 1); 'Orai sem cessar' (1Ts 5, 17). Parece-me que a oração ajudará a oração: a diligência em fazê-la atrairá maior abundância do Espírito: de tal modo que podemos ainda aqui na terra oferecer o sacrifício perene e o holocausto que de si mesmos oferecem os Espíritos Bem-aventurados e os Santos no céu diante de Deus" (2).

Já vimos como Pe. Gaspar reconhece na oração "a respiração da alma" (3). Obviamente isto se refere ao espírito de oração: que é justamente a atitude de fé e de amor que o cristão é chamado a impregnar, com a continuidade da respiração, toda sua vida. Os diversos exercícios de piedade, ou seja as orações, têm exatamente a função de alimentar este constante espírito de oração: "a oração ajudará a oração", e tornará possível "oferecer ainda aqui na terra o sacrifício perpétuo e perene do Céu", realizando assim o ideal da oração contínua.

Neste sentido Pe. Gaspar exorta os alunos do Colégio dos Acólitos: "Deveis agir com verdadeiro espírito. Este espírito é a alma de cada ação. Estais na escola, e o coração em Deus; na igreja para servir, e o coração em Deus; no canto, à mesa, no passeio, na oração, no estudo, no sono, e o coração em Deus" (4).

Eis como ele propõe também aos leigos, com a linguagem do humanismo devoto de S. Francisco de Sales, uma idêntica perspectiva: "A devoção tem igualmente asas para voar ao céu e pés para caminhar sobre a terra; e enquanto mantém as mãos continuamente em movimento para agir, sabe também repousar tranquilamente com o coração em Deus. Tem olhos para vigiar, para presidir, para se dirigir nos negócios temporais; e tem também um outro olhar mais agudo da sua mente com o qual jamais

perde de vista seu fim último, para se aconselhar com o divino beneplácito em toda sua obra e para dirigir tudo à Sua glória. Tem língua para falar com os homens, e também secretamente abre na alma todas as suas potências interiores, com tantas outras bocas, para não cessar jamais de louvar e bendizer seu Deus. Trata assim com o mundo e conversa com seu espírito no céu. Antes, atraindo a si por amor seu Deus, o encontra em si e o possui na abundância da paz: e assim já goza nessa terra um outro paraíso" (5).

124. O RECOLHIMENTO, ATMOSFERA PARA ORAÇÃO

"Em todas as coisas não via senão Deus, e Deus lhe falava em tudo. Por isso era visto tão frequentemente andar pelas ruas com a cabeça descoberta; e em qualquer lugar jamais foi surpreendido senão composto e quase em atitude de oração diante da divina Majestade, que pela sua fé ele via e sentia presente em todo lugar" (6): escreve, de Pe. Gaspar, seu primeiro biógrafo.

No "Memorial Privado" ele mesmo anota: "Lendo sobre a presença interior de Deus, isto é, estando Ele dentro de nós, não há necessidade de sair fora para procurá-Lo, provei com isso muito sentimento e grande recolhimento" (7). E ainda: "Amanhã serei mais diligente fazendo tudo por puro amor e agrado de Deus" (8).

Vê-se pois, como Pe. Gaspar, pessoalmente, tomava a sério o empenho de viver "com o coração em Deus", em uma atitude de contínua oração. Por isso ele cuidava com zelosa atenção do recolhimento, do silêncio e da modéstia no comportamento exterior. "A guarda do silêncio é evitar a conversa inútil e ter pronto o ouvido às palavras suavíssimas de Deus": "Para alguém receber e conservar as inspirações de Deus tem que apreciar a solidão, o sossego, o silêncio interior e exterior: caso contrário, ou não vai recebê-las, ou recebidas, vão se enfraquecer e dissipar" (10). Ainda insiste neste ponto, com duas anotações feitas no mesmo dia, aos 4 de janeiro de 1809: "Quem almeja um recolhimento interior, deve buscá-lo na modéstia exterior; não distraíndo-se com olhares, nem movimentando-se inconvenientemente". "O próprio andar dever ser pausado e grave, e não apressado e afetado" (11).

"Pe. Gaspar andava sempre na presença de Deus" (12): nesta simples frase Pe. Lenotti exprime o espírito de oração cultivado constantemente por Pe. Gaspar, e ao mesmo tempo o cuidado com o recolhimento com o qual ele defendia o seu tesouro.

125. TUDO É GRAÇA

"Pe. Gaspar costumava agradecer a Deus por tudo; e se importava muito que seus filhos também amassem e praticassem esta atitude de gratidão para com Deus, tanto que não deixava passar ocasião para inculcar-lhes no espírito. 'Sejam dadas graças a Deus por tudo que nos fez na sua infinita misericórdia! - dizia -. Louvores a Deus que nos tratou como o Pai que Ele é. De todo coração O agradeçamos e catemos o *TE DEUM*'. Assim formava seus filhos para serem gratos a Deus pelos benefícios Dele recebidos" (13).

Pe. Giacobbe, que dá estes testemunhos, insiste que Pe. Gaspar costumava agradecer a Deus, e fazê-Lo agradecer por seus filhos, "não somente nas circunstâncias favoráveis e prósperas, mas também nas adversas, e até bem dolorosas" (14).

Ora, agradecer a Deus não é só um gesto de boa educação, mas um ato de fé e amor: porquanto agradecer equivale a reconhecer que tudo é graça, e ver portanto a mão amorosa do Pai em todos os acontecimentos.

A atitude de agradecer sempre ao Senhor apresenta-se aqui como uma das expressões mais verdadeiras daquele espírito de oração que tende a animar de fé e de amor todos os momentos da vida cotidiana. Se Pe. Gaspar era tão inclinado e assíduo em cultivar esta atitude, quer dizer que seu coração possuía verdadeiramente em abundância o espírito de oração, o dom da contínua oração.

II. CONTEMPLAÇÃO E AÇÃO

126. "É PRECISO TRABALHAR PARA SERVIR ESTE DEUS TÃO BOM"

"É preciso que a senhora se aplique com muita discrição à oração estática e ao abandono dos sentidos: para a qual bastam poucos momentos. Virá o dia em que coração e sentidos serão inebriados na Fonte da felicidade. Mas por enquanto para merecê-lo, enquanto ainda é mercê e prêmio, convém trabalhar a serviço deste Deus tão bom, e ajudá-Lo na grande obra para a qual Ele enviou ao mundo também seu Filho. Se quer um exemplo o encontrará no Santo que a Senhora pretende imitar, S. Inácio: ele deixou aquela querida solidão em que se entretinha docemente com seu Senhor e a contemplação mais elevada, para colocar-se na ação mais viva e eficaz no meio do mundo" (15).

L. Naudet, a quem Pe. Gaspar dirige estas indicações, tinha uma forte inclinação para a oração contemplativa e experimentava não raro autênticos fenômenos místicos. Mas sua vocação para fundar um Instituto religioso empenhado no apostolado da educação exigia uma dedicação não comum ao trabalho e ao exercício da responsabilidade ativa em relação à obra começada.

O próprio Pe. Gaspar, como sabemos, teve um chamado divino para a vida missionária, e fundou uma Congregação de Missionários Apostólicos, empenhados em todo tipo de ministérios (16). A dedicação ao trabalho, pois, de Pe. Gaspar e dos seus filhos era tão intensa que Pe. Gramego no seu "Livro de Memórias" fala dos Estigmas como de um "*mare magnum*" de atividades e iniciativas (17).

É neste contexto de vivo empenho na atividade apostólica que assume o seu significado autêntico e demonstra todo seu valor o apelo feita por Pe. Gaspar à oração contínua entendida como respiração da alma, isto é, ao espírito de oração. Isso não visa tirar o empenho e o tempo devido à ação - já se viu isto nas indicações dadas à Naudet - mas fazer de tal modo que a própria ação, respeitada e desenvolvida conforme suas próprias exigências, seja constantemente animada por aquele espírito, do qual somente ela pode se tornar plenamente santificante e apostolicamente fecunda.

127. HÁ UM TEMPO PARA A ATIVIDADE E UM TEMPO PARA AS ORAÇÕES

"Cristo na cidade fazia milagres, e depois sobre o monte passava a noite em oração (Lc 6, 12). E S. Gregório Magno dava aos fiéis o exemplo de não se descuidar do próximo para se entregar à contemplação, nem de abandonar o estudo da contemplação por um cuidado desmedido para com o próximo" (18).

Pe. Gaspar procura assim mostrar- neste trecho dos "Exercícios ao clero" - a exigência de colocar uma justa relação entre a aplicação às práticas de piedade, ou seja as orações, e o exercício da atividade. Colocado, pois, o princípio que toda vida deve ser animada pelo espírito de oração, é claro que se encontra o equilíbrio entre o tempo de dedicar-se a um determinado programa de orações - necessário para alimentar justamente o espírito - e o tempo a ser dedicado ao trabalho.

Não é possível, obviamente, fixar a respeito um critério uniforme, devido a variedade das condições de vida e das exigências pessoais de cada um: exceto o fato que a lei da Igreja e a regra de cada um dos Institutos traçou normas para as várias categorias de pessoas. Essencial é que seja salva a fidelidade dos dois valores

fundamentais da contemplação e da ação: na perspectiva de vivificar toda a existência cristã com a "respiração da alma".

No "Memorial Privado" Pe. Gaspar escreveu uma nota a este respeito, que é genérica mas rica de grande sabedoria: "Os que são muito inclinados à ação devem ser alertados para a oração: os que se apegam demais à oração convém impeli-los à ação" (19).

128. "A ÚNICA COISA NECESSÁRIA E AS BAGATELAS"

"É ótima a norma que a senhora segue na oração, conforme a palavra de Cristo que "uma só coisa é necessária; Maria escolheu a boa parte, que não lhe será tirada" (Lc 10,42). Todo o resto, na verdade, não é mais que bagatelas. Eis ao que tende o providente cuidado de Nosso Senhor: fazer-nos viver do espírito, espiritualizar tudo. Este é o nosso melhor bem: e disto Nosso Senhor se ocupa, com toda solicitude e plenamente. Seus bens que são os que nós oferecemos e consagramos a Ele - Ele os deixa livremente administrar pela nossa pequena prudência, e quase nem quer ouvir falar deles" (20).

O propósito de "viver de espírito e espiritualizar tudo" tinha sido apresentado por L. Naudet ao parecer de Pe. Gaspar; que aprova plena e calorosamente, como se percebe por este trecho de uma sua carta. O espírito que deve animar toda a trama das atividades humanas é "a única coisa necessária" de modo absoluto: e nesse sentido a própria trama daquelas atividades é qualificada como nada mais que "bagatelas".

Depois do quanto se viu a propósito da importância atribuída por Pe. Gaspar à atividade desenvolvida para "servir este Deus tão bom", não se pode certamente dizer que ele pretenda agora desvalorizá-la. Ele entende simplesmente ressaltar o autêntico sentido dos valores: pelo qual cada coisa tem seu peso e é tomada a sério, mas é necessário saber distinguir o que é absoluto do que é relativo.

Simbólica, em tal sentido, é a atitude assumida por Pe. Gaspar em relação a algumas autênticas bagatelas. Na correspondência com L. Naudet ele se preocupa, entre outras coisas, que a piedosa fundadora guarde para si as cópias das cartas por ela escritas, e cuide bem do estilo (21); antes, toma para si a obrigação de responder, a ela de origem francesa, sobre alguns problemas de ortografia italiana (22). "O Senhor - acrescenta - "abençoará seguramente estas pequenas atenções, que se usam para servi-Lo: onde não se procura senão o melhor interesse de sua glória. Ele, depois, fará as

coisas grandes por sua conta. E nós O bendiremos e O agradeceremos" (23). Tudo importante, portanto, incluindo a ortografia: mas o valor absoluto é o espírito de fé e de amor que deve animar cada coisa e dirige tudo para a glória de Deus.

III. A MEDITAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS

129. FIDELIDADE INTRANSIGENTE

"Graças à meditação Pe. Gaspar estava sempre unido com Deus. E o que ele praticava tão fielmente, o recomendava depois a todos, e com grande calor às pessoas consagradas ao Senhor. Aconselhava-o também aos jovens dos Oratórios por ele instituídos, muitos dos quais, sobretudo daqueles seus primeiros alunos e companheiros, deram frutos prodigiosos por este santo exercício. Para os seus religiosos dos Estigmas, pois, não era puro conselho ou exortação, mas antes um dever, e dever estreitíssimo. Teria tolerado neles a omissão de qualquer outro dever, mas jamais da meditação. E se as vezes a urgência de um empenho particular- mente importante os impedisse de fazer a meditação no tempo estabelecido pela manhã, queria que a fizessem, por inteiro, e o quanto antes possível" (24).

Tudo o que Pe. Giacobbe diz aqui é confirmado por Pe. Lenotti. Que acrescenta ainda um particular significativo: isto é, ele preferia que aquele exercício fosse feito antes da Missa. "Recomendava muito que os seus a fizessem antes da Missa, apesar da urgência das confissões: ao menos uma parte, e depois se completasse em outro tempo" (25). Este particular demonstra, por um lado, a proeminência da Eucaristia reconhecida por Pe. Gaspar, à qual a meditação vem diretamente subordinada. Por outro lado faz ver também como ele divisasse na meditação o ponto de partida e de recarga espiritual para toda a atividade a ser desenvolvida durante o dia.

Que isto fosse, em linha geral, o papel da meditação em relação às atividades e às obras segundo o modo de ver de Pe. Gaspar, aparece também do que ele escreve a Leopoldina Naudet: "Alegro-me com suas catacumbas ou, verdadeiramente, com seu Cenáculo a portas fechadas. Aí descera o Espírito Santo, e sairão todas abrasadas. Nota S. Gregório Magno que a abundância e o aumento da caridade, é o sinal decisivo e definitivo do momento em que devem começar a aparecer os empreendimentos, que de há muito foram concebidos nas luzes secretas do Espírito Santo, e fomentados com o calor da oração, e alimentados e amadurecidos com muitas meditações" (26).

130. "NÃO COMEÇAR A CONSTRUÇÃO PELO AVESSO"

"Algumas pessoas espirituais começam a construção às avessas; isto é, do fervor das obras externas de caridade, onde de caridade há pouco e muito de natureza. Pelo que podem também aparecer nelas certos sinais de oração contemplativa: que, porém são somente aparentes, e se reconhecem como tais pela sua inconstância e pouca duração, e pela ausência dos firmes resultados que acompanham, ao contrário, a oração contemplativa autêntica. A estes convém mudar de oração e começar do princípio, procurando partir de um fundamento sólido: isto é, não das obras exteriores de caridade, mas do espírito interior. Isto produzirá a seu tempo frutos firmes e maduros de verdadeira caridade. Ocorre, pois, que o espírito interior seja assistido por uma severa disciplina de obediência a um diretor espiritual, e alimentado por uma forma de oração mais prática que estimule a vontade" (27).

Existe uma lição prática, nesta nota do "Memorial Privado", sobre o método correto de impostar a oração mental, e uma chamada de atenção contra as insidias, que também neste campo podem se apresentar. A chamada principal é para o grande valor do "espírito interior" em relação às "obras exteriores de caridade": feito também de modo paradoxal, enquanto se admite que mesmo começando "pelo avesso", isto é, pelas obras exteriores, seja possível conseguir certos "sinais de oração contemplativa", que porém são só superficiais e apostolicamente estéreis. É um modo particularmente eficaz para se colocar em guarda contra a eterna tentação do ativismo.

Uma outra chamada muito concreta relaciona-se com a exigência de respeitar a graduação das etapas sucessivas que marcam normalmente o caminho da oração: da forma discursiva, em que é bom seguir um método e deixar-se conduzir por um diretor, às formas contemplativas em que se deve abandonar aos impulsos diretos do Espírito Santo.

Digna de atenção é a consonância destas indicações marcadas por Pe. Gaspar com os ensinamentos clássicos feitos pelos grandes mestres da oração. A propósito da fecundidade apostólica da autêntica oração contemplativa diz S. Teresa, referindo-se ao mais alto grau de tal oração que é a união transformante, ou "matrimônio espiritual": "A isto tende o matrimônio espiritual: a produzir obras e obras, sendo este o verdadeiro sinal para conhecer se se trata de favores e de graças divinas" (28). Por outro lado, é bem conhecido como S. Inácio não se cansa de denunciar as fáceis ilusões de poder

chegar ao vértice da contemplação descuidando-se das necessárias etapas da oração discursiva e metódica.

131. TAMBÉM UM MÉTODO TEM SEU VALOR

"Parece-me que, da nossa parte, o método não poderá ser melhor do que o tirado dos Exercícios de S. Inácio. Disse "da nossa parte" : porque da parte de Deus Nosso Senhor é conveniente deixar-Lhe toda liberdade, sem restringi-Lo nem a horas, nem a temas, nem a métodos. Isso permite, segundo meu parecer, que quando a alma não está atualmente atraída pelo Senhor, ela deve preparar-se conforme o prescrito no livro de S. Inácio, e observar diligentemente o horário, o método, o tema, a ordem e tudo o que aí está. Mas quando o Senhor atrai, não convém olhar mais nada, mas segui-lo enquanto Lhe agradar" (29).

Estas indicações dadas a L. Naudet representam um verdadeiro teste do espírito de discernimento e equilíbrio com que Pe. Gaspar sabia guiar as almas no caminho da oração. É conhecido como uma certa tendência de absolutizar o papel do método para a meditação, afirmada na tradição espiritual e formativa destes últimos séculos, tenha conseguido alguma vez o resultado de frear o ímpeto contemplativo da oração mental, e de introduzir aí também indícios de legalismo e, até, de ritualismo. Enquanto hoje tende-se, às vezes, ao excesso oposto de descuidar simplesmente os ditames da ascética clássica sobre o papel de um bom método no exercício da oração mental.

Daí se vê também a perene atualidade das indicações dadas por Pe. Gaspar: que, entre outras, tem o valor de apresentar-se como uma válida interpretação do pensamento genuíno de S. Inácio de Loyola, do qual não faltaram, como é conhecido, leituras parciais e também distorcidas. É justamente comentando um texto do "Livro dos Exercícios" (30) que Pe. Gaspar escreve, ainda à Naudet: "Quanto à preparação da meditação, o sentimento interno e de recolhimento é melhor que o intelecto e o raciocínio. Este é usado pelos homens na terra, aquele se assemelha mais ao que faremos perfeitamente no Céu. Por isso eu lhe havia sugerido não colocar as mãos na frente de Deus; embora devesse preparar-Lhe os caminhos, segundo as utilíssimas prescrições de S. Inácio" (31).

IV. ORAÇÃO LITÚRGICA

132. O OFÍCIO DIVINO

"O Ofício divino era por ele recitado com enorme devoção, e para isto havia proposto um sistema: que observou sempre fielmente tanto no que se refere a rubricas, pronúncia, devoção interior, como também ao comportamento exterior. Recitou-o sempre, mesmo doente, e só por obediência ao médico o omitiu nos últimos dias" (32).

São muitos os testemunhos que, como este, acentuam a fidelidade e a devoção com que Pe. Gaspar celebrava o Ofício divino (33). Mas parecem dignas de particular atenção as indicações de onde resultam certos aspectos da piedade litúrgica de Pe. Gaspar que, ao menos para seu tempo, aparecem bastante inusitadas.

"Ele via a recitação do Divino Ofício não só como um dever importante, mas muito mais como uma doce conversação com Deus; mantendo quanto possível a distribuição das horas canônicas do dia" (34). Assim atesta Pe. Giacobbe: mostrando como era alheia a Pe. Gaspar a difundida mentalidade legalística que tendia a acumular as diversas partes da Liturgia das Horas para resolver com menor tempo e fadiga o "dever cotidiano", com prejuízo da eficácia santificadora do "opus Dei".

Pe. Lenotti recorda como o Fundador levava a sério a forma comunitária da celebração dos momentos principais do Ofício divino: "A recitação familiar em comum das Matinas e Laudes, como também das Vésperas e Completas, era uma prática observada nos tempos do Sr. Pe. Gaspar" (35).

Ainda Pe. Giacobbe salienta o empenho com que Pe. Gaspar procurava alimentar constantemente a oração litúrgica mediante o estudo e a meditação da S. Escritura, de onde aquela oração é em grande parte tirada: "A sua devoção na recitação do Ofício não foi jamais passageira nem de breve duração, mas a conservou constante e sempre crescente até o fim da vida: daí tirava o alimento, também por causa do profundo conhecimento que um estudo incansável das Sagradas Escrituras lhe tinha dado, e de onde são tiradas estas divinas orações" (36).

133. REZAR COM OS SALMOS

"Quando participamos do Ofício divino, pensemos bem como devemos permanecer diante de Deus e dos seus Anjos; e ponhamo-nos a salmodiar de tal modo que o coração esteja em sintonia com a voz" (37). Estas palavras de S. Bernardo dão um

pouco da tonalidade de uma instrução que Pe. Gaspar desenvolveu nos "Exercícios ao clero" sobre o tema da "disciplina *psallendi*", como rezar os Salmos.

Pe. Gaspar conhece bem as dificuldades que enfrenta esta forma de oração: que sempre foi privilegiada na história da piedade cristã. Existe a tentação, comum a todas as formas de oração, de dar mais importância, na prática, às diversas ocupações da vida que a Deus e às coisas do espírito (38). Existe a cilada da aridez e de um certo cansaço, derivado do costume de recitar as mesmas fórmulas (39). Existe também o risco de salmodiar "pensando no lanche ou na espórtula": presente sobretudo naqueles para os quais a celebração da Liturgia das Horas é ligada com alguma forma de retribuição (40).

Para impedir as dificuldades Pe. Gaspar alerta para as sugestões clássicas propostas pela tradição espiritual dos S. Padres e dos Monges; necessidade de uma preparação, remota e próxima, e de um sério esforço para manter a atenção. "Como podes pedir a Deus que te ouça, se tu não cuidas de ouvir a ti mesmo? Queres que Deus recorde-se de ti nos momentos em que O invocas, quando tu mesmo te esqueces de ti?" pergunta Pe. Gaspar citando S. Cipriano (41).

É importante sobretudo a referência feita por Pe. Gaspar, com as palavras de S. Agostinho, ao caráter de gratuidade da oração dos Salmos: que lhe é própria enquanto ela é essencialmente louvor a Deus. "Amo gratuitamente o que louvo. Louvo a Deus, e tenho prazer pelo louvor em si mesmo. Seja gratuito o que se louva e o que se ama. Que quer dizer gratuito? Que Deus é procurado por si mesmo, não por outra coisa. Deixa de lado todo o resto, cuida Dele só, ama-O gratuitamente. 'Cantarei a glória do vosso nome, Senhor, porque é bom' (Sl 53, 8). Não por outra coisa, senão porque é bom. Talvez se diz, 'louvarei teu nome porque me dás campos férteis, ouro, riquezas, dignidade?' Louvar a Deus somente por Deus: isto é louvar a Deus verdadeiramente" (42).

134. CUIDADO COM O APARATO LITÚRGICO

"Quanto amava a frugalidade da sua mesa e a pobreza das vestes e da mobília de uso próprio e dos seus, tanto queria suntuosa e esplendida a mesa divina, ricamente paramentado o sacerdote que devia subir ao altar, os vasos sagrados de material precioso; queria que os véus, as vestes, as toalhas, os paramentos sagrados, as alfaiais de todo tipo, o que é, enfim, ligado ao altar e o que é exigido para a celebração, tudo

inspirasse elegância, decoro, propriedade" (43).

É um testemunho dado sobre Pe. Gaspar por Pe. Giacobbe, que lembra espontaneamente o que é dito do Pobrezinho de Assis: "É muito severo com a pobreza, mas não economiza para o culto litúrgico" (44). A tal ponto que "uma vez quis mandar alguns frades por todas as províncias, levando muitas âmbulas belas e esplêndidas, a fim de que onde encontrassem o corpo do Senhor conservado de modo inconveniente, o colocassem com honra naquelas âmbulas. E também quis mandar outros frades por todas as regiões com muitas máquinas de hóstias, para fazer partículas belas e puras" (45).

Também isto, indubitavelmente, é um sinal da consideração que Pe. Gaspar tinha para com a Liturgia e tudo que com ela relacionasse. A oração litúrgica - da Eucaristia (46) ao Ofício divino - está verdadeiramente no centro dos seus interesses, dos seus cuidados, da sua vida; para ela volta suas mais assíduas atenções, e dela retira, como da fonte mais rica, o alimento para sua vida espiritual (47).

V. O SACERDOTE E A ORAÇÃO

135. "PRIMEIRO FAZER BEM A ORAÇÃO, PARA DEPOIS FALAR BEM DE DEUS"

"Guardai bem na mente e procurai colocar em prática o grande aviso de S. Gregório Magno: que um sacerdote deve, mediante a oração, entrar de tal modo na confiança e familiaridade com Deus, a ponto de ter fundada confiança de dobrar Deus à sua vontade. É certo que Ele prometeu: 'Ele satisfará o desejo dos que o temem (Sl 144, 19). Humildade e confiança, oração e diligência, fé e paciência, amor e devoção: eis tudo, e Deus fará o resto" (48).

Pe. Gaspar retoma nesse trecho que faz parte de uma afetuosa e elevadíssima carta escrita a Pe. Bragato - uma expressão de S. Gregório já apresentada nos "Exercícios ao clero" (49): onde o nível da familiaridade com Deus que o sacerdote é chamado a conseguir por meio da oração é apresentado com termos aparentemente hiperbólicos. Mas Pe. Gaspar indica também o fundamento de tal íntima familiaridade divina: "O sacerdote é marcado com o caráter de Cristo, para que se reconheça transferido para o especial domínio dele quanto a tudo. Seja o nosso princípio, meio, e fim de nossa devoção Aquele que é o princípio, o meio e o fim de toda função e poder sacerdotal" (50). E ainda: "Cada sacerdote é como um sagrado carimbo, que deve retratar ao vivo a imagem de Jesus Cristo: de modo que ele, por sua vez, a possa

imprimir nos outros" (51).

Compreende-se bem então, a insistência com que Pe. Gaspar, aprofundando mais, apresenta a oração como condição indispensável para a eficácia do ministério sacerdotal. A este tema ele dedica duas instruções dos "Exercícios ao clero" (52), que são entre seus textos os mais ricos e cuidados. "O homem deve aderir à mão do Primeiro Operante, como instrumento vivo e escolhido. O sacerdote recorrerá à oração antes da ação, alternando-a à ação, durante a ação e depois da ação: de modo que a oração fique ligada a toda a atividade e torne-se companheira inseparável da vida" (53): são algumas indicações, entre as muitas contidas naquele longo texto (54).

Já no "Memorial Privado" ele havia escrito: "Quando antes não se faz bem a oração, não se pode falar bem nem de Deus" (55). E nas "Meditações" aos seminaristas: "A Igreja busca a base de sua pregação na contemplação" (56).

136. "NÃO CARREGAR A ESCADA SÓ PARA OS OUTROS"

"A Escritura é uma escada para chegar ao conhecimento de Deus por meio da fé. É preciso não amarrar-se à letra, mas atingir o espírito. Quantos sacerdotes carregam o material da letra para edificar as casas dos outros! Enquanto o povo cristão edifica no espírito sobre a letra, o sacerdote permanece com a letra sem o espírito. Carregam a escada. Enquanto os outros sobem, eles permanecem sempre na terra" (57).

Dirigindo-se ainda a sacerdote e seminaristas - o referido texto faz parte das 'Meditações' feitas no Seminário - Pe. Gaspar, que apresentou em termos verdadeiramente ideais o papel da oração na vida e no ministério sacerdotal, passa assim a uma constatação muito amarga: a oração não é cultivada suficientemente pelos sacerdotes. Antes, ele usa de propósito uma linguagem muito dura: que deve ser interpretada, naturalmente, à luz de situação do seu tempo. "O que os sacerdotes menos cuidam é da oração: antes, zombam dos livros de oração e daqueles que a praticam": assim nos 'Exercícios ao clero' (58). E ainda: "Alguns sacerdotes entram na igreja para pregar, para celebrar Missa, para cantar, para acompanhar os mortos, para confessar: não entram e não param jamais para rezar, que é a obrigação principal" (59). "Raríssimos são os que fazem meditação em nossos dias, e escarnecem, tratando-os como espirituais, os que são fiéis a este santo exercício" (60).

A consequência da falta de oração sobre a qual Pe. Gaspar chama a atenção - como para responder "*ad hominem*" (diretamente) às razões dos que desprezam a

oração em nome do trabalho - é a esterilidade do ministério apostólico. "Em tantos sacerdotes se verifica a esterilidade apostólica; porque não se nutrem jamais com a oração! 'Queimado com a erva, meu coração se murcha, até me esqueço de comer meu pão'(Sl 101, 5). 'Áridos para si e para seus filhos. As mães e as amas que aleitam comem muito e são dispensadas do jejum. Os sacerdotes morrem de fome: como podem nutrir os filhos?" (61).

Daqui a aflita e solene admoestação: "Oração, caros eclesiásticos, oração! Mantende-vos fiéis à meditação, mesmo durante a semana 'para que saibais como deveis portar-vos na casa de Deus! (1 Tm 3, 15)" (62). Daqui também a invocação que ele sugere a seus ouvintes no seminário: "Fazei-nos muito querida, ó Senhor, a escola da oração em que Vós mesmo sois o Mestre. A razão humana e a ciência são muito tímidas e incertas: no ministério precisamos de vossa luz" (63).

137. "NÃO BASTAM BELOS PROJETOS: É PRECISO AÇÃO"

"Aqueles que são ousados e curiosos nos seus raciocínios e fáceis em discorrer com critérios humanos sobre os mistérios divinos saibam que não tem realmente a disposição para ser chamados a um ministério que requer mais adoração que palavras e raciocínios": afirma Pe. Gaspar nas 'Meditações' aos seminaristas (64). Reforça depois nos 'Exercícios do clero': "Eis a grande filosofia do cristão. E o sacerdote ao invés de estudar esta filosofia na oração a procura nos livros dos mundanos, ou heréticos e cismáticos" (65). E ainda, nas 'Meditações' aos seminaristas: "A ciência incha os sentidos do espírito, a devoção os preenche" (66).

Pe. Gaspar tem em mira uma cilada que se apresenta particularmente perigosa para a vida espiritual do sacerdote. Trata-se de certo intelectualismo e culturalismo - que não se deve confundir, naturalmente, com a autêntica cultura - que arrisca atrofiar o impulso espiritual da intimidade com Deus. O risco é tão mais sutil e insidioso enquanto a curiosidade espiritual e o esforço cultural podem parecer dignos álibis: capazes de conferir ao sacerdote, mesmo se pobre de valores espirituais autênticos, um verniz de respeitabilidade e uma aparência de profissionalidade de qualquer modo apreciável aos olhos dos fiéis.

Unida com esta há aquela outra insídia que Pe. Gaspar mostra como "duplicidade por hipocrisia": pela qual o sacerdote se apresenta as vezes "um no púlpito, outro na vida ordinária; um no confessionário, outro nas conversas; um sobre o altar, outro à

mesa" (67): bem prega Frei Tomás: façamos o que diz e não o que ele faz. O remédio é sempre o mesmo: "Não basta a ciência moral e teológica, humana e divina: são necessárias virtudes humanas e divinas, morais e teológicas. "O que faz, 'não o que conhece somente' a vontade de meu Pai, este é para mim, irmão irmã e mãe" (68).

Análoga admoestação à solidez do esforço espiritual é feita por Pe. Gaspar aos alunos do Colégio dos Acólitos. Para estes jovens seminaristas não havia certamente o problema de encontrar, além do tempo para a escola e para o estudo, tempo para dedicar à oração e ao serviço litúrgico. Mas havia também para eles, como para todos, a insídia de certo abstracionismo formalista que pode insinuar-se no próprio exercício da oração, comprometendo sua fecundidade para a vida. "Não nos basta ter ouvido; não nos bastam belos projetos na cabeça; não nos basta nem mesmo um método no papel - sugere-lhes Pe. Gaspar. - São necessárias obras!" (69).

VI. ESPÍRITO DE PIEDADE E CULTURA

138. "O BOM GOSTO NOS ESTUDOS, PARA A GLÓRIA DE DEUS"

"Eu continuarei a colocar debaixo de seus olhos, todo inteiro, o modelo perfeito do gosto para os estudos, como coisa de muita glória a Deus, que é seu autor. 'Deus é o Senhor das Ciências' (1 Sm 2, 3 Vg). Sem o auxílio destas ciências naturais não se pode chegar à sublimidade das coisas espirituais: e eu ousou acrescentar que tal e tão delicado é o trabalho da obra que embora agora se construa depois não se poderá manter sem o apoio de uma grande cultura em seus diversos membros; e que o primeiro germe de corrupção desta grande Obra será a ignorância ou - o que equivale no saber muito - o saber mal, que é ter perdido o Bom Gosto" (70).

Vê-se bem por este trecho de carta à L. Naudet quanto Pe. Gaspar tivesse a peito a formação cultural das Irmãs de S. Família. Ele já havia cuidado de traduzir e compendiar, para o uso da Fundadora, o clássico tratado sobre "Os estudos monásticos" de João Mabillon (71); e depois se manteve sempre à sua disposição para contribuir na elaboração do plano dos outros estudos e na atualização dos programas, como também na sugestão dos melhores textos escolares (72).

Sobretudo é salientado o enérgico e corajoso impulso dado por Pe. Gaspar ao cuidado com os estudos e a formação cultural mesmo no campo profano, tanto literário como científico: juntamente com a equilibrada orientação da cultura na promoção dos valores propriamente espirituais. Neste sentido escreveu ainda à Naudet: "Procurai

persuadir suas Irmãs da importância dos estudos, enquanto são meios para a glória divina, e confortai-as nas tentações do Maligno: o qual, debaixo da espécie de piedade procura todos os meios para distrair as pessoas dos estudos das ciências humanas, prevendo os grandes prejuízos que das ciências humildes virão sobre todo o inferno. E ao mesmo tempo alertai-as contra a tentação do inimigo, que se vale dos estudos mal orientados para levar o homem à maior ruína" (73).

139. "AS CIÊNCIAS HUMILDES"

"São as letras divinas, não as humanas, que nos fornecem as armas para o apostolado. Todavia as letras humanas são muito úteis para o entendimento de S. Escritura. Para o estudo da S. Escritura ajudam as diversas línguas, antigas e modernas, a geografia, a história profana, a literatura, as ciências. 'O diabo é o autor da nossa ignorância profana': é o diabo que nos quer ignorantes das matérias profanas. As ciências humildes são uma grande coisa, também para a oração e a meditação" (74).

Nestas indicações concretas apresentadas nas 'Meditações' aos seminaristas parece refletir-se também o programa que Pe. Gaspar propusera a si mesmo. Desde seminarista aplicara-se aos estudos com excepcional esforço (75), foi devagar alargando e aprofundando sempre mais seus interesses culturais: com uma acentuada tendência a atingir diretamente as fontes clássicas e os textos mais autorizados. Já conhecemos sua paixão pela Bíblia e pelos S. Padres (76). Os biógrafos afirmam que leu várias vezes, por inteiro, a Suma Teológica de S. Tomás (77). Foi dos primeiros em Verona a estudar as obras morais de S. Afonso M. de Liguori e a divulgar-lhe a equilibrada orientação evangélica, também em função anti-jansenista. (78).

O horizonte dos seus interesses culturais, mesmo no campo teológico, estendia-se à filosofia, à história, à literatura, às línguas clássicas, às ciências naturais. Pe. Lenotti afirma que "estudou Vegécio e Júlio César e outros autores "de assuntos militares": e sabia dar sua própria opinião sobre a estratégia dos protagonistas das primeiras guerras da independência italiana (79). De resto, basta dar uma olhada nos manuscritos de seus sermões e meditações para ter-se uma idéia da vastidão do seu conhecimento.

Com tudo isto soube sempre evitar toda forma de ostentação e de exibicionismo, procurando orientar tudo para a glória de Deus. Falando aos sacerdotes nos "Exercícios ao clero" havia estigmatizado com vigor a tentação da vaidade acadêmica e mundana: "Parece-lhes que não são nada se não são padres oradores, poetas, filósofos, de

administração, de aparência, de talento: padres do século, do mundo, da carne. Ó miseráveis!" (80). Pe. Lenotti, não sem uma certa ênfase afetuosa, mas verdadeira; diz dele: "Se ele com tanto saber quisesse sobressair no campo cultural, o teria podido, compondo obras úteis e publicando-as. Ao contrário agradou-lhe permanecer no escondimento e na humildade" (81). Quando tomou a iniciativa de publicar uma nova edição italiana da obra clássica do Pe. Afonso Rodriguez, 'Exercício de perfeição', juntando o pesado esforço da revisão do texto e o encargo da despesa, "jamais permitiu que seu nome aparecesse em todo o trabalho" (82). E foi necessária uma ordem expressa do bispo para que ele aceitasse, não sem relutância e com alguma lágrima, entregar para a publicação o manuscrito do seu admirável sermão sobre S. Zenão (83).

140. "EXCELÊNCIA, E ABNEGAÇÃO DE SI MESMO"

"O Fundador prescreve aos seus tal método de estudos e tal abnegação de si mesmos para poder, com o auxílio do Senhor, estar preparados para qualquer tipo de serviço, que no momento devessem fazer" (84). É uma fórmula muito feliz com a qual Pe. Marani exprime o pensamento e o empenho prático de Pe. Gaspar com relação à formação cultural de seus filhos: no espírito do "Bom gosto nos estudos para a glória de Deus" e das "ciências humildes".

No que diz respeito à formação cultural dos seus Missionários Apostólicos Pe. Gaspar não hesita em propor, como já se viu, o limite da "excelência": naturalmente a nível de Instituto, mediante a especialização de cada um" (85). Pe. Lenotti nos deixou um testemunho impressionante sobre a experiência por ele feita como estudante de teologia em contacto com Pe. Gaspar. Junto com seus companheiros ele frequentava as aulas do Seminário: onde era normal que eles devessem colocar-se nos primeiros lugares pela diligência e proveito. Mas depois, em casa, os esperava um programa suplementar que compreendia uma vasta gama de disciplinas, teológicas e auxiliares, distribuídas com meticulosa precisão no correr do dia, para que a todas fosse dedicado um tempo conveniente (86). Notável o esforço feito por Pe. Gaspar para dotar os Estigmas de uma boa biblioteca: da qual o mesmo Pe. Lenotti afirma que "pela escolha dos livros, pela beleza das edições, pela raridade das obras, algumas das quais únicas em Verona, pode competir justamente com as outras renomadas bibliotecas desta cidade" (87). O literato filipino Pe. Bartolomeu Sorio chegou a qualificar a comunidade dos Estigmas - com uma expressão da qual se deve descontar a retórica, mas que ainda continua muito significativa como "uma verdadeira academia de sábios" (88).

A propósito do espírito de "abnegação de si mesmo" que devia acompanhar a excelência do preparo cultural, basta lembrar a insistência de Pe. Gaspar em inculcar o lema "baixinho, baixinho; buraquinho e toquinha": a começar por Pe. Bragato, feito confessor e capelão da Imperatriz da Áustria (89). Significativa, neste sentido, a orientação dada a seus filhos para a pregação. Já sabemos que sua preferência era claramente para as formas mais populares de tal ministério: como as Missões e a catequese chamada da IV classe (90). A preparação das pregações e da catequese era muito bem cuidada e tinha lugar normalmente na biblioteca, também com estudo de primeira mão. A forma, depois, devia ser bem simples e clara, com o uso também do dialeto conforme os costumes do tempo: como se vê da catequese, belíssima, de Pe. Inocêncio Venturini (91). Ao Pe. Benciolini, que num certo ponto se sentiu talvez atraído pelo estilo pomposo difundido naquele tempo, Pe Gaspar sugere: "Pe Francisco, você deve pregar segundo sua natureza, e não deve se esforçar para fazer o que os outros fazem. Siga pois, aquele espírito que o Senhor se digna conceder a você. E pregue com o coração, isto é com a caridade" (92).

Entre as "concordâncias indicadas" mostradas por Pe. João B. Tomasi como "o segredo dos santos" característico da comunidade Estigmatina dirigida por Pe. Gaspar, existe esta: "O constante estudo e trabalho, com a mais sólida piedade" (93). Não parece fora de lugar completá-la assim: "A excelência no estudo e na cultura, com a plena abnegação de si mesmo".

A "ESCOLA DE DEUS" E A "GRAMÁTICA DE PE. GASPAR"

O programa para manter-se sempre na "escola de Deus" foi executado por S. Gaspar Bertoni com empenho e fidelidade. Foi revelado por seus escritos, como também pelas testemunhas relativas à sua experiência de vida: que mostram quanto o aluno soube tirar proveito daquela escola, chegando ele mesmo a tornar-se, junto aos irmãos, um autêntico mestre de vida espiritual.

Particularmente interessante o ensinamento desenvolvido por Pe. Gaspar como Fundador da Congregação Estigmatina: porque também através do trabalho dos filhos seu ensinamento e sua experiência espiritual estão destinados a perpetuar-se na Igreja. De fato Pe. Gaspar, depois que entrou nos Estigmas, gastou boa parte do seu tempo e dos seus recursos no trabalho da formação e consolidação da nova comunidade. "Com uma mão trabalhava na Escola e em outros ministérios mais relevantes - escreve Pe. Giacobbe - com a outra se ocupava em instruir e formar no espírito seus caríssimos que em número sempre crescente vinham unindo-se à sua Família religiosa" (94).

Testemunho escrito do magistério espiritual desenvolvido pelo Fundador em relação a seus filhos são as "Constituições": que ele desenvolveu "escrevendo a conta gotas" (95), à base de profundos estudos sobre a legislação dos principais Institutos religiosos, e de longas reflexões sobre o próprio carisma da Congregação que o Senhor lhe havia inspirado. Mas além do texto escrito que espelha certamente também o clima dos relacionamentos vividos entre o Pai e os filhos, mas que todavia entrou em vigor só depois da sua morte (96) "era o exemplo do Fundador e a observância de cada palavra e conselho seu que valia para eles como regra e constituições": atesta Pe. Carlos Zara (97). As Crônicas domésticas referem que Pe. Gaspar não perdia ocasião para dirigir a seus filhos exortações familiares, seja durante os encontros de oração, como também durante as refeições ou os recreios (98).

As mesmas Crônicas transmitem a lembrança do zeloso cuidado com que os filhos de Pe. Gaspar seguiam em tudo as diretrizes do seu Superior, expressas nas suas palavras, nos seus conselhos, nos seus exemplos. "Mas o que Pe. Gaspar falou? A sua ordem, o seu prazer, não é isso e aquilo?": repetia habitualmente o angélico Pe. Luís Biadego (99). E também o experiente e objetivo Pe. Marani, depois da morte do Fundador, se referia sempre, como norma suprema para a direção da Congregação, à palavra e ao exemplo de Pe. Gaspar. "O Sr. Pe. Gaspar fazia assim, nos ensinava assim": dizia muitas vezes no seu dialeto vêneto (100). E se alguém, às vezes, não procedia

direito chamava a atenção, com bonachona severidade: "Meu querido, falta a você a gramática de Pe. Gaspar" (101).

Eis aí a "gramática", não escrita, mas vivida, que constitui a herança mais preciosa deixada pelo Pai e Mestre aos seus filhos. Já anotava Pe. Bragato poucos anos depois da morte do Fundador: "Depois que foi canonicamente erigida e constituída, esta Congregação adquiriu nova vida. Parece que o Fundador infundiu em seus filhos o seu espírito" (102).

O espírito do Fundador é uma realidade vital e dinâmica. Como tal ele deve ser constantemente recuperado nas suas fontes originárias e reatualizado nas condições sempre mutáveis dos tempos (103). Desejamos que o acontecimento histórico da canonização do Fundador marque um momento decisivo de reflorescimento do autêntico espírito Bertoniano: para o incremento da família Estigmatina e para o bem da Igreja.

NOTAS

1. Ep., p. 31; carta de 01-12-1812.
2. Ep., p. 33; carta de dezembro de 1812.
3. V. acima, p. 22.
4. *RITIRI AGLI ACCOLITI*, MS 4447-4448.
5. SERMÃO SOBRE A DEVOÇÃO (20-04-1801), PVC, p. 204.
6. GIACOBBE, *VITA*, SA, p. 331.
7. MP, p. 65; anotação de 13-10-1808.
8. MP, p. 184: anotação de 30-09-1812.
9. Ep., p. 68: carta de 28-02-1813.
10. MP, p. 148: anotação de 23-07-1809.
11. MP, p. 94 s.
12. MISCELÂNEA LENOTTI, SA, p. 188
13. GIACOBBE, *VITA*, SA. p. 515.
14. Id.
15. Ep., p. 222.
16. Veja acima, p. 47 e 54-56.
17. GRAMEGO MICHELANGELO, *LIBRO DELLE MEMORIE*, CSI, p. 548. É importante, a respeito, este trecho de carta escrito por Pe. Gaspar a Pe. Bragato sobre as ocupações de Pe. Marani: "Pe. Marani fica nos Estigmas nos dias de aula; à tarde e nos feriados, nos Abandonados. Nos Estigmas dá sua aula e estuda um pouco na biblioteca para suas pregações. Nos Abandonados, nas tardes de sábado e do domingo confessa muito e com grande fruto para aquele bairro. Nas outras tardes faz uma conferência sobre moral com dez ou doze sacerdotes, semelhante à nossa antiga de S. Firmo. Depois da palestra normal dá uma de Pe. Guerreri; decide e define segundo a circunstância, isso diariamente, os casos mais intrincados; e o Senhor lhe dá luz, prudência e franqueza extraordinárias. Na quinta-feira examina, conforme o costume, os clérigos do seminário, e continua recebendo penitentes de todo tipo e a toda hora, interrompendo o almoço, a janta, e atrasando o repouso. Do mesmo modo nas festas, atende confissões no coro de S. Estevão até a hora de dar a instrução em S. Sebastião. Continuará isto enquanto o Senhor for servido. O povo o escuta de boa vontade, e parece que a palavra de Deus não é perdida,

mas recebida em boa terra. Antes de recomeçar o curso de suas palestras, o enviei a S. Zenão fazer o oitavário dos mortos". (Ep., p. 315 s.: carta de 01-12-1837).

18. *Esercizi Istr.*, MS 3407.
19. MP, p. 17: anotação de 12-07-1808.
20. Ep., p. 48 s.: carta de 09-01-1813.
21. Ep., p. 59 e p. 113.
22. Ep., p. 59.
23. Ep., p. 113.
24. GIACOBBE, *VITA*, SA, p. 507.
25. MISCELÂNEA LENOTTI, SA, p. 189.
26. Ep., p. 105: carta de 26-01-1814. Para o aceno a S. Gregório M., cf. in I. L. DOS REIS, L. I, c. II, 9, PL 79, 55.
27. MP, p. 74: anotação de 16-10-1808.
28. S. TERESA DE JESUS, CASTELO INTERIOR, SÉTIMA MANSÃO, c. 4, n. 6, *OPERE*, p. 958.
29. Ep., p. 75: carta de 06-03-1813.
30. S. INÁCIO, *ESERCIZI SPIRITUALI*, Notas introdutivas, 2, edição cit., p. 37.
31. Ep., p. 73: carta de 06-03-1813.
32. *POSITIO*, p. 123
33. *POSITIO*, p. 121, p. 127: GIACOBBE, *VITA*, SA, p. 331.
34. GIACOBBE, *VITA*, SA, p. 332.
35. CS III, p. 195.
36. GIACOBBE, *VITA*, SA, p. 331.
37. *ESERCIZI ISTR.*, MS 3521. Cf S. BERNARDO, *SERMO 7 IN CANT.*, PL 183, 809.
38. Id, MS 3523.
39. Id, MS 3532.
40. Id. MS 3540.
41. Id. MS 3538. O texto de S. Cipriano é do *DE ORATIONE DOMINICA*, c. 31, PL 4, 539.

42. Id, MS 3528-3529. O texto de S. AGOSTINHO é tirado da *ENARRATIONES IN PSALMOS*, Sal 53, 8 (10): PL: 36, 626.
43. GIACOBBE, *VITA*, SA, p. 512.
44. MONTORSI G. B., S. FRANCISCO DE ASSIS MESTRE DE VIDA, Pádua 1983, p. 53.
45. Id.
46. Veja acima, pp. 15-17.
47. Veja o que foi dito acima acerca do relacionamento entre Eucaristia, contemplação e vida (pp. 16-17).
48. Ep., p. 321: carta de 27-08-1840.
49. *ESERCIZI MEDIT.*, MS 2282; BERTONI 3, p. 137. O texto de S. Gregório é o seguinte: "Ninguém presuma chegar ao sacerdócio, se não tiver conquistado na oração tanta familiaridade com Deus, a ponto de dobrá-Lo à sua vontade, como Moisés e Elias": *REGULA PASTORALIS*, P. I, c. 10, PL 77, 23. Pe. Gaspar refere uma versão deste texto um pouco diferente da preferida pela PL.
50. *ESERCIZI ISTR.*, MS 3428; BERTONI 4, p. 135.
51. Id, MS 3427; BERTONI 4, L.c.
52. *ESERCIZI ISTR.*, MS 3379-3428.
53. Id, MS 3404-3416.
54. Cf. BERTONI 3, p. 708.
55. MP, p. 103: anotação de 04-02-1809.
56. MEDIT. I L. DOS REIS. N. 5, MS 4960: BERTONI 3, p. 189.
57. MEDIT. I L. DOS REIS, N. 3, MS 4859: BERTONI 3, p. 175.
58. *ESERCIZI MEDIT.*, MS 2223: BERTONI 3, p. 137.
59. Id, MS 2489: BERTONI 3, p. 184.
60. Id, MS 2249-2250; BERTONI 3, p. 129.
61. MEDIT. IL. DOS REIS N. 2, MS 4881: BERTONI 3, p. 184.
62. MEDIT. I L. DOS REIS N. 5, MS 4962: BERTONI 3, p. 189.
63. MEDIT. I L. DOS REIS N. 32, MS 6183: BERTONI 3, p. 285: Veja acima, N. 31.
64. MEDIT. I L. DOS REIS N. 10, MS 5150: BERTONI 3, p. 205.
65. *ESERCIZI MEDIT.*, MS 2257; BERTONI 3, p. 132.
66. MEDIT. I L. DOS REIS N. 2, MS 4881; BERTONI 3, p. 184.

67. MEDIT. I L. DOS REIS N. 3, MS 4896: BERTONI 3, p. 185.
68. I., MS 4877; BERTONI 3, p. 184.
69. *RITIRI AGLI ACCOLITI*, MS 4456: BERTONI 3, p. 182.
70. Ep., p. 74: carta de 06-03-1813.
71. Veja acima, Parte I, nota 31, p. 39.
72. Cf Ep., *passim*.
73. Ep., p. 91: carta de 31-07-1813.
74. MEDIT. I L. DOS REIS N. 52, MS 6848; BERTONI 3, p. 357. A expressão "ciências humildes", tão querida de Pe. Gaspar (V. acima em o n. 138), é de S. Teresa de Jesus: *VITA*, c. 13. n. 18, *OPERE*, p. 137.
75. O condiscípulo Pe. Marcos Marchi afirma que Pe. Gaspar "quando estudante estudava 10 horas por dia, além das aulas"; BERTONI I, p. 339.
76. Veja acima, p. 9 s.
77. BERTONI 1, p. 426 s.
78. Veja acima, p. 50.
79. MISCELÂNEA LENOTTI, SA, p. 173.
80. *ESERCIZI MEDIT.*, MS 2595; BERTONI 3, p. 160.
81. MISCELÂNEA LENOTTI, SA, p. 167.
82. *POSITIO*, p. 245. Cf Ep., p. 379, onde é apresentado o prefácio desta publicação, feito por Pe. Gaspar.
83. BERTONI 5, p. 659.
84. MARANI GIOVANNI M., *CENNI INTORNO ALLA CONGREGAZIONE*, CS II, p. 178.
85. Veja acima, p. 56-57.
86. SA. pp. 601-605.
87. MISCELÂNEA LENOTTI, SA, p. 184.
88. SA, p. 96.
89. Veja acima, p. 76.
90. Veja acima, p. 55.
91. Arquivo Geral Estigmatino.
92. STOFELLA GIUSEPPE, *VITA DEL VEN. G. BERTONI*, p. 189.

93. Veja acima, p. 22.
94. GIACOBBE, VITA, SA, p. 383; BERTONI 4, p. 142 ss.
95. Ep., p. 325: carta ao Pe. Bragato, 11-05-1841.
96. CF, Introdução, p. 24. Nesta introdução, de Pe. José Stofella, é descrito todo o desenvolvimento histórico das Constituições: do texto original do Fundador às sucessivas modificações, até a aprovação feita pela S. Sé em 1925 (CF pp. 24-38). Deve-se acrescentar que o novo texto das Constituições revisto segundo as indicações do Concílio Vaticano II, e aprovado definitivamente pela S. Sé em 1984, assinalou uma forte retomada do espírito, e muitas vezes também da letra, da obra original de Pe. Gaspar.
97. CS I, p. 483.
98. CS I, p. 500; BERTONI 5, p. 442 s. O próprio Pe. Gaspar se encarrega de informar Pe. Bragato, em uma carta de 26-09-1840, que "de segunda-feira pra cá eu prego todos os dias em casa, no novo oratório, depois das Matinas" (Ep., p. 324). E o Pe. Francisco Benciolini nos transmitiu alguns esboços e fragmentos de alocações familiares do Fundador" (CS II, pp. 343-352, cf. também Id, pp. 321-343).
99. LENOTTI G. B., VITA DI D. LUIGI BIADEGO, CS I, p. 437.
100. *POSITIO*, p. 22.
101. STOFELLA GIUSEPPE, *VITA DEL PE. MARANI*, CS II, p. 124.
102. Carta de Pe. Bragato ao Pe. Pedro Beckx, Prepósito Geral da Companhia de Jesus, datada de 31-01-1857. A ereção canônica do Instituto se dera aos 30 de setembro de 1855. Um pouco antes, aos 16 de março daquele ano, fora concedido pela S. Sé o Decreto de Louvor, graças ao qual a Congregação foi reconhecida de direito pontifício.
103. Cf. *PERFECTAE CARITATIS*, 2.

BIBLIOGRAFIA ESSENCIAL

A. ESCRITOS DE S. GASPAR BERTONI:

- ◇ *MANOSCRITTI*, recolhidos em cinco volumes, com transcrição e enumeração aos cuidados de Pe. Luís Benaglia.
- ◇ *MEMORIAL PRIVADO*, aos cuidados de Pe. José Stofella, Verona, 1951.
- ◇ *EPISTOLÁRIO*, aos cuidados de Pe. José Stofella, Verona, 1954.
- ◇ *PAGINE DI VITA CRISTIANA*, aos cuidados de Pe. José Stofella, Vicenza, (pregações da juventude: edição não completa).
- ◇ *ESERCIZI AL CLERO, ISTRUZIONI*, aos cuidados de Pe. José Stofella, na *COLLECTANEA STIGMATINA* I, p. 100- 244.
- ◇ *ESERCIZI AL CLERO, ISTRUZIONI*, aos cuidados de Pe. José Stofella e Pe. Nello Dalle Vedove, na *COLLECTANEA STIGMATINA*, II, p. 384-496.
- ◇ *CONSTITUIÇÕES*, aos cuidados de Pe. José Stofella, Verona, 1951.

N. B. Muitos textos dos vários escritos de Pe. Gaspar são apresentados na grande obra biográfica de Pe. Nello Dalle Vedove indicada abaixo. Remeteremos a ela, habitualmente, sobretudo para os textos não editados.

B. ESCRITOS RELATIVOS A S. GASPAR BERTONI:

- ◇ *POSITIO SUPER VIRTUTIBUS*, vol. II, Roma, 1960.
- ◇ *SUMMARIUM ADDITIONALE*, preparado pelo Pe. José Stofella, Roma, 1958.

N.B. Entre os Documentos apresentados neste *SUMMARIUM*, devem ser destacados:

- N. XX: *MISCELLANEA LENOTTI* (p. 106-195); e o
- N. XXVI: *GIACOBBE CAETANO, VITA DEL SERVO DI DIO D. GASPARE BERTONI*, Verona, 1958 (p. 288-579), que é a primeira biografia do Santo.
- ◇ *DALLE VEDOVE NELO, LA GIOVINEZZA DEL VEN. GASPARE BERTONI*, Roma, 1971.

- ◇ Id., *VITA E PENSIERO DEL B. GASPARE BERTONI*, Parte I, Roma, 1975.
- ◇ Id., *VITA E PENSIERO DEL B. GASPARE BERTONI*, Parte II, Roma, 1977.
- ◇ Id., *IL B. GASPARE BERTONI e L'ISTITUTO DELLE STIMMATE*, Parte I, Roma, 1981.
- ◇ Id., *IL B. GASPARE BERTONI E L'ISTITUTO DELLE STIMMATE*, PARTE II, Roma, 1984.
- ◇ FIORIO GIUSEPPE, *VIDA DO VEN. PE. GASPAR BERTONI*, Verona, 1922.
- ◇ STOFELLA GIUSEPPE, *IL VEN. GASPARE BERTONI*, Verona, 1951.
- ◇ CERESATTO GIOVANNI, *IL VOLTO E L'ANIMA DEL VEN. GASPARE BERTONI*, Verona, 1952.
- ◇ RADIUS EMILIO, *GASPARE BERTONI*, Verona, 1975.
- ◇ CAMPAGNER FELISBERTO, *UM CRISTÃO CEM POR CENTO*, S. Paulo, 1981.
- ◇ DALLE VEDOVE NELO, *B. GASPARE BERTONI FONDATORE DEGLI STIMMATINI*, segunda edição, Verona, 1989.
- ◇ MUZII LUISA, *VOGLIA DI SANTITÀ: D. GASPARE BERTONI*, Roma, 1989.
- ◇ FABRO CORNÉLIO, *UN SACERDOTE ECCLESIALE, D. GASPARE BERTONI*, Verona, 1975.
- ◇ LONGO FAUSTO, *D. GASPARE BERTONI, UOMO ECCLESIALE*, Verona, 1987.
- ◇ ZUCHETTO MÁRIO, *ESPÍRITO DE DOAÇÃO TOTAL*, Campinas, 1977.
- ◇ DALLE VEDOVE NELO, *UN MODELLO DI SANTO ABBANDONO*, Verona, 1951.
- ◇ DALLE VEDOVE NELO, *IL DISEGNO DI DIO NELL'ATTESA OPEROSA DEL B. GASPARE BERTONI*, Verona, 1986.
- ◇ DALLE VEDOVE NELO, *LA CONFORMAZIONE A CRISTO CROCIFISSO IN D. GASPARE BERTONI*, Roma, 1989.
- ◇ MARTINIS DIONIGI, *ESPIRITUALIDADE BERTONIANA*, S. Paulo, 1977.

- ◇ *SAGGI SULLO SPIRITO DEL BEATO GASPARE BERTONI:*
 - ◇ FURLANI JOSÉ, *A PALAVRA DE DEUS, REGRA DO PENSAMENTO E DA AÇÃO DO B. GASPAR BERTONI*, Roma, 1983.
 - ◇ BERTONI ROMOLO, *IL B. GASPARE BERTONI GUIDA DI SPIRITO*; DE PAOLI GIAMPIETRO, *LA MALATTIA COME TEMPO DI GRAZIA*, Roma, 1984.
 - ◇ HENCHEY JOSEPH, *L'ESPERIENZA DI CRISTO NELL'AVITA DEL P. GASPARE BERTONI*, Roma, 1984.
 - ◇ BREGANTINI GIANCARLO, *LA SENSIBILITÀ SOCIALE DEL B. GASPARE BERTONI*, Roma, 1985.
 - ◇ BONETTI IGNAZIO, *LA PREGHIERA NELL'INSEGNAMENTO E NELL'ESPERIENZA DEL B. GASPARE BERTONI*, Roma, 1987.
- ◇ FIORIO GIUSEPPE, *O ESPÍRITO DO B. GASPAR BERTONI*, segunda edição, Verona, 1977.
- ◇ HENCHEY JOSEPH, *BIBLICAL REFLECTIONS TOWARD A SPIRIT OF FR. G. BERTONI:*
 - ◇ *FR. GASPAR BERTONI'S LIVED EXPERIENCE OF THE STIGMATA OF JESUS CHRIST.*
 - ◇ *THE APOSTOLIC MISSION.*
 - ◇ *THE HOPE OF THE APOSTOLIC MISSIONARY* (ms., s. d.).
- ◇ HENCHEY JOSEPH, *HOLY ABANDONMENT. A SYNTHESIS OF STIGMATINE DEVOTIONS* (ms., s. d.).
- ◇ MOURA JOSÉ ALBERTO, *O ESPÍRITO SANTO NO CARISMA DO PE. GASPAR BERTONI*, Roma, 1988 (ms.).
- ◇ *MEMORIE INTORNO AI PADRI E FRATELLI DELLA CONGREGAZIONE*, Verona, 1886.
- ◇ *BREVE CRÔNICA DA CONGREGAÇÃO: Vol. I, Verona 1917; Vol. II, Verona, 1955.*

- ◇ *COLLECTANEA STIGMATINA*, collezione di documenti e studi, 4 vol., Verona, 1957-1967.
- ◇ BARSOTTI DIVO, *MAGISTERO DI SANTI*, Roma, 1971, p. 11-29.

†
†††
†